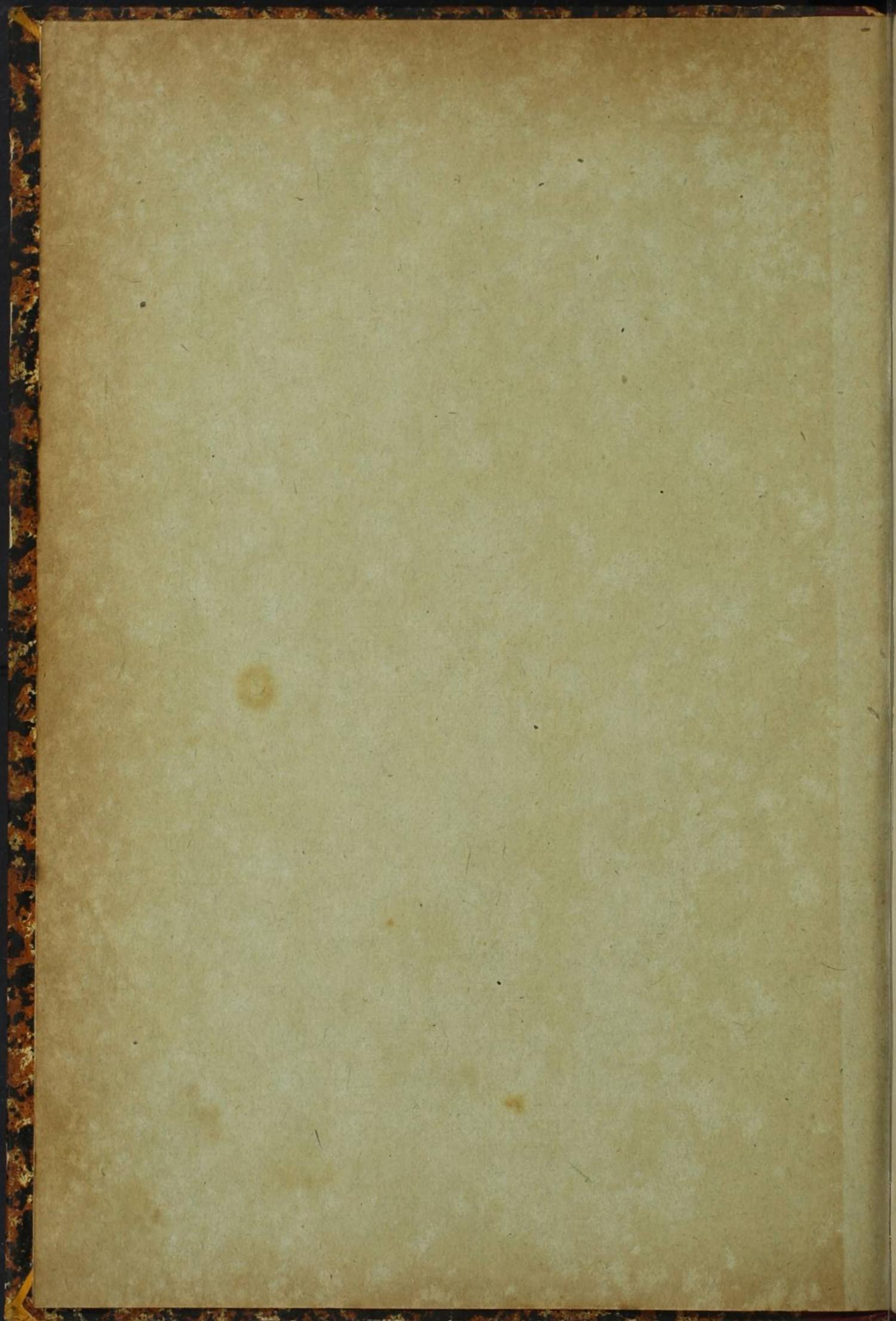


ENCADERNAÇÃO
— E DOURAÇÃO
R. João Theodoro, 104
JOÃO I. DAS DORES



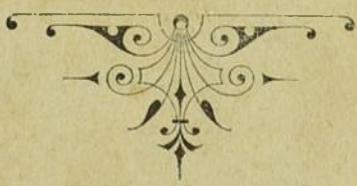
Josephina Alvares de Azevedo



GALERIA ILLUSTRE



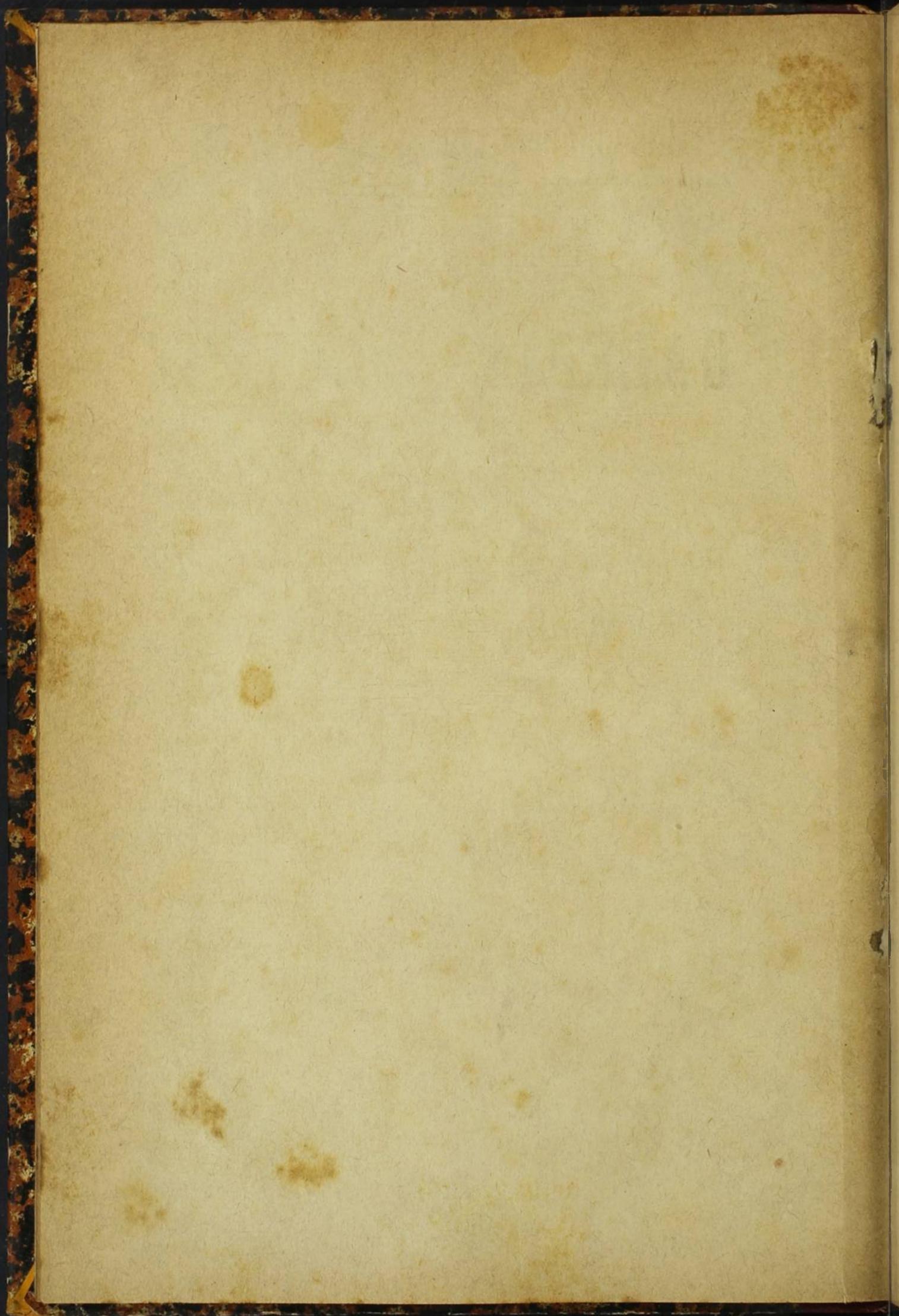
(Mulheres Celebres)



RIO DE JANEIRO

Typographia a vapor.—Rua Sete de Setembro 171

1897



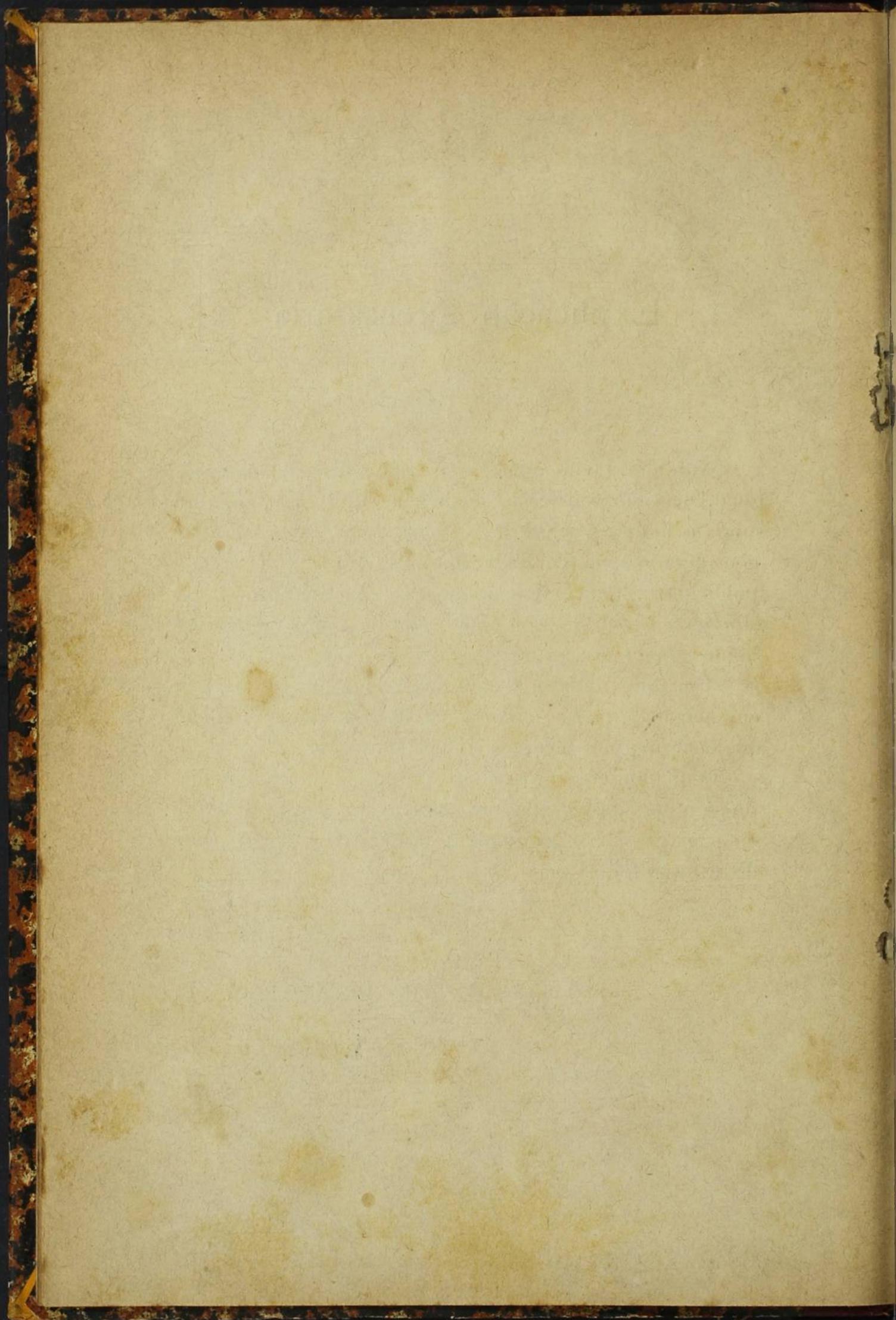
Explicação Necessaria

Não tendo feito nem um trabalho propriamente original, nem tão pouco uma traducção litteral de quanto li sobre as heroínas consagradas neste livro, deve ser elle considerado uma compillação, pois nesta conta o dou á publicidade. Pequeno contingente é para a historia das *Mulheres Celebres*, que é muito grande, quasi tanto á dos homens que mereceram este epitheto.

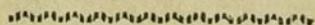
Em todo o caso, é um subsidio á propaganda de emancipação que se universalisa. Poucas são as heroínas que encerra; mas qualquer dellas bem clara.

O que ahi está é o melhor que pude fazer; medindo-se o meu desejo, terá um valor maior do que o intrinseco; mas esse é o que poderá justamente compensar-me do esforço feito.

JOSEPHINA ALVARES DE AZEVEDO.



JOANNA D'ARC



Pelos fins do mez de fevereiro de 1429, quando de todo o reino de Carlos VII, apenas restavam tres provincias; quando com mais ardor os inglezes estreitavam o cerco de Orleans, e tudo em tal desespero ia que o rei pensava em refugiar-se na Escossia; de repente começou-se a dizer que Deus ia praticar um milagre em favor da França e que a prophesia de Nerlin, annunciando que uma virgem salvaria o reino ia realisar-se. Ecom effeito, o Sr. de Baudricourt, capitão da hoste dos *vaucouleurs*, havia feito aviso ao rei da apparição da virgem salvadora, pedindo-lhe ao mesmo tempo o favor de apresental-a.

Achava-se então Carlos, em Chimon, com toda a sua côrte—e que côrte!—reduzida, em resumo, a alguns próceres que permaneciam fieis, a rainha sua esposa, e a d'Anjou, mulher de grande tino, que patrocinou Joanna d'Arc e poz em evidencia Ignez Sorel.

Na verdade, a nova de que uma aldeia ia conduzida por Deus, salvar o reino, não podia inspirar ao rei grande confiança, nessa occasião quando precisamente acabava de ser frustada outra esperança na pessoa de Maria de Avignon.

Esta, tambem apoiada na prophesia de Merlin, solicitou e obteve uma audiencia de Carlos VII, para revelar-lhe, dizia, segredos da mais alta importancia; mas chegando à presença do rei tudo quanto teve a dizer, foi que um anjo lhe havia apparecido e apresentado certas armas que lhe haviam feito tal pavor que o celeste nuncio se apressou a declarar-lhe que não eram para ella aquellas armaduras, mas sim para outra mulher destinada a salvar a França.

A questão reduzia-se pois a saber se a annunciada por Baudricourt era ou não a promettida libertadora, para averiguar que havia um meio arditoso, a saber: o rei, ao recebê-la, confundir-se-ia entre os seus cortezãos, cedendo a qualquer d'elles o melhor lugar. Se Joanna se deixasse enganar tomando por verdadeiro o falso personagem era inutil proseguir em averiguações; se em vez d'isso, reconhecesse o rei confundido entre os aulicos, não seria licito duvidar de sua predestinação, e por consequencia devia não só ser admittida, como apregoada a sua intervenção na guerra. Em todo caso, contavam-se d'ella cousas extraordinarias e taes que, se não podia ser tomada por uma prophetisa, ao menos fundamentavam a crença em uma santa donzella. Vejamos o que na realidade era e o que havia de verdade no que a seu respeito se dizia.

Era Joanna a terceira filha de um lavrador chamado Jacob de Arc e de sua mulher Izabel Romeira, appellido que na idade media adoptavam com frequencia os que haviam feito a peregrinação a Roma, a

Jerusalem ou a outros santos lugares, e por onde se pode julgar que a nossa heroína descendesse pela parte materna de algum peregrino. Joanna era o nome de uma de suas madrinhas.

Veio ao mundo a nossa heroína na noite de 6 de Janeiro de 1412, nos limites da Lorena e da Campanha, no lugar denominado Domremy, delicioso valle que confina com os territorios de Neufchateau e Vaucouleurs. Para distinguir hoje esse lugar de outros seis ou sete que nas suas cercanias são conhecidos com o mesmo nome, chamam-n'o *Domremy-a-Donzella*.

A casa em que nasceu é assignalada por uma estatua em que a gloriosa martyr é representada em attitude de orar e por tres escudos esculpidos na fachada, os quaes ostentam: o primeiro os braços de Luiz XI, o segundo as armas outorgadas a um irmão da donzella, com o appellido *Liz* e o terceiro figurando uma estrella e um arado.

Se tivesse nascido tres seculos antes, Joanna teria sido *serva* na abbadia de Domremy, e dos senhores de Joinville, com a differença de um seculo: mas como já em 1335 havia Carlos V, obrigado áquelles magnates á ceder-lhe o territorio de Vaucouleurs, achou-se a nossa heroína ao entrar na vida, vassalla directa da corôa.

A tres leguas de Domremy existia a ultima aldeia *burgonhesa*, a quem da qual todo o paiz seguia as bandeiras de Carlos VII, e não será ocioso lembrar que as divisas das fronteiras eram chamadas *marcas*, de onde o titulo de *marquezes* dado aos seus defensores. Disputada por muitos annos a possessão d'aquella *marca franceza*, por el-rei e o duque de Lorena, ambos devastaram-n'a successivamente. Nenhum tinha o braço bastante forte para protegê-la, e em consequencia d'isso os seus infelizes habitantes viam-

se expostos a todo genero de vexações, sem mais amparo ou governo que o da Divina Providencia. Deus, collocando entre elles Joanna, mostrou que a sua misericordia sempre se lembra dos que a ella recorrem.

Passou a donzella seus primeiros annos em meio das terriveis angustias da guerra; as suas recordações de infancia eram o toque de rebate, as surpresas nocturnas, os horisontes sinistramente illuminados pelo incendio de campos e aldeias.

Quando até o lugar em que vivia chegavam, e era isso frequente, alguns dedicados fugitivos, ninguém mais sollicitamente cumpria para com elles os deveres de hospitalidade do que a predestinada, que estava sempre prompta a ceder até o leito á desgraça, para ir dormir em qualquer lugar.

Chegou emfim a sua vez de fugir; quinze dias andou errando com seus paes, occultando-se ora nos bosques, ora nos recantos; e quando alfim regressou a Domremy a desolada familia, encontrou saqueada a aldeia, roubado quanto possuia, e até assolada a igreja. D'ahi o horror que inspiraram á Joanna os inimigos da França!

Nos vãos periodos de tranquillidade que permitiam aos lavradores entregar-se ás suas habituaes occupações, encommendaram os paes de Joanna aos seus cuidados a guarda do seu gado; notando-se que jámais uma ovelha tivesse desapparecido de seu rebanho. Se alguma se estraviava, era bastante que a moça chamasse para que o animal voltasse ao redil. Se apparecia um lobo na extrema do bosque, Joanna, com o seu cajado, com um ramo d'arvore, ás vezes sómente com uma flór na mão, sahia-lhe ao encontro e a féra voltava presurosa aos seus escondrijos.

Se emfim, como todos, sua familia se viu á braços com as desgraças, foi sempre, como depois se

verificou, enquanto esteve ausente a « donzella », cuja presença, como um talisman divino, afugentava, assim, todo o mal da casa paterna.

Predestinada já de si para ser uma legenda, ella habitava no paiz classico das legendas; pois Domremy dista pouco dos Vosges.

E desde as portas de sua casa, divisavam-se o antigo bosque das « Euzinhas. » residencia habitual de um povo de fadas.

No mais intrincado do bosque eleva-se com effeito uma Faya magnifica, que a credulidade publica dava á propriedade das fadas e a cujo pé brotava com abundancia crystallino manancial de agua.

Os rapazes do paiz iam com frequencia collocar corôas de flores na faya mysteriosa, em offerenda ás « Damas do Bosque » e cantar ahi fados com que diziam, as invisiveis se deleitavam em extremo.

O parcho de Domremy, porém, tendo-as por espiritos malignos, costumava ir a fonte todos os annos dizer uma missa, que acabava invariavelmente com uma descarga cerrada de exorcismos contra as pobres Fadas.

Não obstante, Joanna amava-as, considerando-as como as Damas do Bosque, espiritos innocentes que nenhum mal faziam. Ia com frequencia entregar-se á meditação, sonhar desperta, ou dormir debaixo da copa frondosa da arvore das Fadas.

N'um dia de verão e de jejum, o dia 17 de Agosto de 1424, atravessando o jardim de sua mãe, vio Joanna subitamente deante de si um meteóro luminoso, detendo-se cheia de espanto ante o insperado espectáculo: de entre a abrasada nuvem sahia uma voz que assim dizia:

« Nasceste, Joanna, para praticar feitos maravilhosos; pois que a ti, virgem, elegeu o Senhor para restaurar em seu throno o rei Carlos. Com trajes de

homem e como tal armada, serás o Chefe na guerra e tudo no reino será feito segundo os teus conselhos.»

Bem não havia voltado a si Joanna de sua sorpresa, quando cessando a voz e desapparecendo o meteoro, ficou muda, immovel e com o coração cheio de santo temor.

Mais tarde, quando havia Joanna cumprido já a sua celeste missão, notou-se que o céo visitou-a com uma visão identica a que acabamos de referir, no dia em que teve lugar a batalha de Verneuil, em que foi vencido o exercito de Carlos VII, com tão grande perda de illustres proceres e bons cavalleiros, que, no sentir de muitos, não foi menos funesta aquella sangrenta jornada que os triumphos de Crecy, de Poitiers e de Asincourt.

Voltando emfim aos seus afazeres predilectos, correu Joanna após os seus rebanhos que havia deixado em abandono, achando-os reunidos espontaneamente no Bosque das Fadas.

Nas suas immediações passou a donzella o resto do dia, tecendo corôas á Santa Catharina e á Santa Margarida, santas de sua particular devoção e suspendendo-as na arvore consagrada ás Damas do Bosque, sem duvida para conciliar o affecto poetico com o christão.

Quando a nossa heroína chegou aos doze annos de idade, seus paes vendo que ia fazendo-se uma linda rapariga resolveram que o seu irmão Pedro que tinha um anno de menos a substituisse no officio de pastora. Desde então, deixando Joanna de percorrer os campos, dedicou-se a instruir-se sob a direcção de sua mãe, nos labores proprios do seu sexo, aproveitando no seu apprendizado quanto bastou para poder

com verdade dizer, ao responder a certa pergunta de seu interrogatorio — « havia aprendido a coser com sua mãe, e não temia que nisso Ihe levassem vantagem alguma, as mulheres da cidade de Ruão. »

Sem embargo, as fainas domesticas nunca des-terraram do seu animo a pertinaz lembrança de sua visão no jardim : a voz mysteriosa resoava de continuo aos seus ouvidos e punha sua alma em ardente commoção.

Certo domingo, ficando só na igreja, quando todos os seus visinhos se haviam retirado, sentiu que do celeste assento por seu nome chamavam e erguendo os olhos pareceu-lhe que entreabrindo-se a aboboda do templo, dava passagem a uma nuvem de ouro, em cujo meio resplandecia um bellissimo mancebo, abrindo gracioso as brancas azas que de suas espaldas partiam.

Convencida então de que era um anjo do Senhor quem lhe apparecia, perguntou-lhe, modestamente, e penetrada de santa alegria :

— Sois vós, senhor meu, quem me chamou?

— Sim, Joanna, respondeu o anjo ; fui eu.

— E que queres de vossa serva ? tornou-lhe a perguntar a donzella.

— Que sejas, replicou o Nuncio, como até aqui tens sido, uma creatura virtuosa ; e quando fôr tempo avisar-te-hemos, eu, Santa Catharina e Santa Margarida, pois bemaventuradas entranhas te hão consagrado grande amor em paga da singular devoção que tu professas.

— Cumpra-se a vontade do Senhor, disse a moça, e disponha elle de sua serva quando e como lhe approuver.

— « Amen, » exclamou o anjo, desaparecendo no seio da dourada nuvem que, por sua vez, desapareceu como veio, na abobada do templo.

Nos tres seguintes annos não se reproduziram as visões de Joanna; mas em compensação ella cresceu e desabrochou fresca e louçã como uma flôr sylvestre, ousando dizer com frequencia durante este tempo, que sentia-se penetrada interiormente da graça de Deus.

Acontecia tambem com assiduidade, estando a sós, ouvir a melodia de côros angelicos e por ella inspirada soltar a propria voz em canticos cujos toneram-lhe depois impossiveis de recordar quando cessava a mysteriosa musica.

Outras vezes, no mais rigoso dos invernos, coberta a terra com o branco sudario da neve, sahia Joanna de sua casa, a caminhar pelos campos, annunciando que ia em busca de flores para as « suas santas », vendo-se com universal assombro, voltar á aldeia com uma corôa tecida de violetas e de botões de ouro colhidos — Onde? Impossivel averiguar; a donzella porém affirmava que nas margens da fonte e ao pé da Arvore das Fadas.

Sobre todos estes prodigios, sorprehendia do povo que até os animaes mais selvagens se mostravam para com ella submisso e domesticados, lamber serenos os seus pés, e os aligeros cantores, pousados alegremente em seus hombros, proromperem em alegres trinos, como se estivessem na verde relva ou em flexivel e elevado ramo.

Durante aquelles tres annos a causa do rei de França havia ido sempre de mal a peor; até ás margens do Loire era o reino um vasto deserto; os campos estavam ermos, os lugares arruinados.

Verificou-se então a terceira visão da donzella com a apparição do anjo da segunda, dizendo-lhe: — Joanna, é chegado o momento, parte em soccorro do rei de França e reconquista-lhe o reino.

Tremula e amedrontada a donzella retorquio-lhe:

— Eu não sou, meu senhor, mais de uma pobre rapariga: como hei de montar a cavallo e commandar guerreiros?

A voz repetiu-lhe:

— Vae em busca do capitão Baudricourt em Vaucouleurs; elle te conduzirá ante o rei: Santa Catharina e Santa Margarida irão em teu auxilio.

Ao ouvir taes sentenças, Joanna quedou-se attonita e amargamente afflicta, como se n'aquella mesma aurora de sua heroica vida entrevisse a fogueira em que havia de terminar a sua existencia. Por outra parte, era necessario apartar-se de sua mãe, perder de vista o lar paterno, abandonar a horta sombreada pelos muros da igreja, cujos sinos tanto deleitavam seus ouvidos com seus metalicos sons, dizer adeus, emfim, á selva e suas feras e aves, theatro e companheiros de sua existencia! Verdade é que de momento a momento mais critica fazia-se a situação da França e cresciam os clamores publicos.

Joanna escolheu para confidente um tio seu, excellente homem, chamado Durand, o qual foi ter em nome de sua sobrinha com o Sr. de Baudricourt, que o recebeu muito mal, e despachou-o dizendo-lhe que a donzella era uma louca, e a entregasse ao poder de seus paes, depois de castigal-a como merecia.

A donzella, entretanto, estimulada sempre por suas visões, em vez de dar-se por vencida diante dos brutaes arrancos do capitão, exclamou:

— Hei de ir ter com elle, fallar-lhe-hei e serei attendida.

O pobre tio não podendo resistir o tanta obstinação, não teve outro remedio senão acompanhal-a a Vaucouleurs, onde Joanna, não obstante, com o seu mystico, grosseiro e roxo traje de campesina; apresentou-se em casa do capitão, dizendo-lhe resolutamente:

— Sr. capitão: venho por mando de Deus para prevenil-o que aconselheis ao *Delphim* (Carlos VII) que se mantenha e defenda a todo transe, e sobretudo que não dê batalha ao inimigo, porque o Senhor o socorrerá durante a quaresma.

E continuou em seguida:

— Porque apesar dos seus inimigos, o *Delphim* será rei, e serei eu que ha de conduzil-o á cerimonia da sagração.

Attonito o capitão pelo aprumo e confiança com que lhe fallava a mesma rapariga que pouco antes julgava digna de castigo, foi chamar o cura da povoação para consultal-o sobre tão extranho caso; o sacerdote porém igualmente perplexo, não teve outro expediente senão o de intimar a Joanna que se retirasse se era o inimigo commum quem a enviava.

Achavam-se em duvida cura e capitão: não assim o povo mais sensato em sua fé; e de todas as partes vinha gente para ver a donzella inspirada. Entre os visitantes, certo cavalheiro disse-lhe:

— Como se vê, bôa rapariga, o rei perderá a corôa e teremos de n s fazermos todos inglezes?

— Assim acontecerá, respondeu Joanna, se e Sr. de Baudricourt me impedir que chegue até o *Delphim*. Felizmente nada me impedirá que o faça e antes de entrar na quaresma hei de ir á sua presença, ainda que para isso tenha de ficar sem pernas. E sem embargo (continuou melancolicamente) preferia antes ficar ao lado de minha mãe, pois não é proprio do meu estado nem convem ao meu sexo commandar guerreiros; saio de minha casa e pelejarei porque assim o ordena o meu Senhor.

— É quem é o teu senhor? perguntou o cavalheiro.

— Deus! respondeu humildemente a donzella.

Enternecido com isto, o seu interlocutor estendeu-lhe a mão:

— A fé de cavalheiro, Joanna, se o capitão de Baudricourt, negar-se a conduzir-te, eu, com o auxilio de Deus, te conduzirei á presença do rei.

Commovido o capitão por sua vez diante de tanta perseverança, mandou por fim pedir ao rei sua venia para apresentar-lhe adonze lla. Vacillava, Carlos; porém a rainha Zolanda de Anjou venceu a sua repugnancia, com a grande derrota que, além de tantas, acabavam de soffrer os francezes em Horenys.

Os visinhos de Vaucouleurs, que tinham grande fé em Joanna, quotisaram-se para presentear-lhe um cavallo que custou dezeseis francos; e a liberdade do capitão Baudricourt se estendeu a fazer-lhe presente de uma espada. Era pois a santa e nobre creatura que temos descripto, esperada em Chinon, vencida a repugnancia do rei em recebê-la, com uma cerimonia calculada sem duvida para desconcertar a humilde donzella.

A recepção foi feita á noite em um salão illuminado por cincoenta tochas a cujo esplendor ostentavam suas galas cerca de tresentos *senhores* e *cavalleiros* que então compunham o seguito de Carlos VII. Este, cedendo seu posto a um cortezão que occupava o throno, estava confundido com o resto da concurrencia, participando como todos da anciedade com que se esperava áquella que já alguns chamavam a *Feiticeira*, emquanto que outros denominavam-n'a a *Inspirada*. A nossa heroína entrou serena, porém, modesta como convinha a uma pobre pastora, e, deixando a um lado o throno com um significativo signal de cabeça, ao passar por frente, procurou e achou em meio dos cortezãos o verdadeiro rei, a quem dirigiu-se assim:

— Deus lhe outorgue longa e gloriosa vida, gentil Delphim.

— Enganai-vos, Joanna, respondeu-lhe Carlos ; não sou eu o rei e sim aquelle que se acha sentado no throno.

— Santo Deus, não queiraes enganar-me, respondeu a donzella ; sois vós o Delphim, vós e não outro qualquer.

Um murmurio geral de admiração fez-se ouvir entre os concurrentes e Joanna proseguiu :

— Porque não me acreditaes, gentil Delphim ? Digo a Vossa Alteza, e tenha fé em minhas palavras, que o Senhor se apiedou de vós e de vosso reino, porque S. Luiz e Carlos Magno estão de joelhos ante o seu throno orando por vós. E demais, senhor, eu dir-lhe-hei, se vos approuver, taes cousas que reconheceréis o dever de acreditar-me.

Carlos então conduzindo-a a um gabinete contiguo a sala do conselho em que a tinha recebido, disse-lhe :

— Agora que estamos sós, Joanna, falla.

— Nada pedirei, senhor, porém se vos disser cousas tão secretas que só Deus e vós podem saber, tereis confiança em mim e acreditareis que é Deus que me envia ?

— Sim, Joanna ; respondeu o rei.

— Pois bem, senhor ; no ultimo dia de Todos os Santos estando só em vossa capella do castello de Lodges, não pedisteis a Deus, tres graças ?

— Assim é verdade ; recordo-me disso perfeitamente, respondeu Carlos.

— Haveis revelado a alguem, a vosso confessor siquer, o que então foi por vós pedido ?

— Nunca.

— Bem, senhor, eu vou dizer-vos quaes as tres graças que sollicitasteis : A primeira foi pedir a

Deus que se não fosseis o legitimo herdeiro da corôa de França vos privasse do necessario valor para continuar a guerra que tanto ouro, e tanto sangue está custando ao nosso inditoso reino. Pedisteis por segunda graça que se as calamidades que estão assolando a França, procediam de vossas culpas e peccados dignasse-se o Senhor indultar ao mesmo povo que está innocente, fazendo recahir em vós sômente todo o castigo, ainda que fosse uma penitenciaria perpetua ou mesmo a morte. Solicitasteis, emfim, que se era o povo ante Deus peccador, se dignasse o Omnipotente conceder-lhe misericordia, apiedando-se de seus padecimentos e pondo termo às amarguras e attribulações que ha doze annos soffre.

Ouvidas estas palavras, quedou-se o rei meditando largo tempo, baixando a cabeça, fixando de quando em vez a donzella, exclamando por fim:

— Na verdade, Joanna, estaes inspirada por Deus; pois quanto haveis dito é exacto.

Ficou o rei convencido; mas como isso não bastava, fez Deus um milagre para que todos se convencessem. Ao sahir Joanna, do Conselho, um soldado, homem grosseiro e brutal a quem ella pareceu-lhe mais bella, deixou-se ir sem freio a expressar o seu pensamento com palavras licenciosas e um sacrilego juramento.

— Como te atreves, desgraçado, (exclamou a donzella, com tristeza) a renegar assim o teu Deus, estando tão proxima a hora da tua morte?

Poucos instantes depois, conduzindo o cavallo ao banho, cahiu n'agua o blasphemo e afogou-se com effeito. Não satisfeito ainda com tal credulidade, congregou o arcebispo de Rheims, conselheiro de França, uma junta de doutores e mestres em theologia, com varios outros ecclesiasticos, afim de examinar Joanna, que, com effeito, compareceu perante

elles, com um véo ante os seus juizes e foi minuciosamente interrogada. Ao ouvirem os doutores a relação de varias visões de nossa heroína, arguiu-lhe um frade desta maneira :

— Não dizeis, Joanna, que Deus quer libertar a França ?

— Sim, respondeu-lhe ella.

— Pois se tal é a vontade de Deus, proseguiu o frade, para que seja cumprida não é mister soldados.

— Os soldados, disse a donzella, pelejarão, porém, Deus será quem os conduzirá a victoria.

— Está bem, exclamou convencido o frade.

Mais descontente que o primeiro argumentante, certo doutor em theologia na Universidade de Poitiers, perguntou-lhe n'um abominavel dialecto de provincia, que lingua fallava a visão celeste.

— Melhor que a vossa ; com o que replicou-lhe o theologo :

— Deus não quer que acreditemos em ti, a menos que nos mostres um signo evidente de sua inspiração.

— Não vim aqui, respondeu a donzella, para obrar prodigios ; o signal que darei de minha inspiração será fazer levantar o assedio de Orleans. Que me deem soldados ; marcharei á sua frente, e os inglezes levantarão o cerco.

Doutores, juizes e advogados, acabaram por dizer ao rei, chorando como crianças :

— Segui, senhor, os conselhos desta virgem ; porque verdadeiramente cremos que Deus é quem a envia.

Não havia tempo a perder. Orleans erguia um grito ao céo pedindo soccorro, e Dunois, defensor da cidade, enviava correio após correio, para que lhe mandassem Joanna, que como havia persuadido aos sitiados devia conduzil-os á salvação. A comitiva da

nossa heroína compunha-se de um valoroso cavalleiro dos do sequito do conde Dunois, já de quarenta e cinco a cincoenta annos de idade, com o nome de escudeiro; um pagem, um mestre-sala, dous moços de serviço, seu irmão Pedro e um confessor, frei João Pasquerel, eremitão da ordem de Santo Agostinho.

Dissemos que o capitão Baudricourt, havia feito presente de uma espada a Joanna, que não quiz servir-se della, dizendo que sòmente devia servir-se de um rosario bemdicto, ou de uma espada que disse se acharia e com effeito foi achada, por traz de Santa Catharina, em Fierbois. Assim aprovisionada de tudo quanto era necessario, partio Joanna, armada de ponto em branco, como novel cavalheiro, sem adornos nem divisas, montada em negro corcel, guarnecida com a espada de Santa Catharina, pendendo o casquette do arção da sella para que se visse o seu doce semblante feminino, na mão uma acha d'armas e na outra um estandarte branco, ornado de flores de liz, e no qual Deus com o mundo na mão e a cada um de seus lados um anjo com uma flor de liz, era o unico brazão, porém, magnifico e piedoso que ostentava.

— Não quero, dizia Joanna, servir-me da espada para não matar; e ainda que a estime muito, prefiro mil vezes o meu estandarte. Ao passar por diante da igreja, exclamou em voz possante, embora de timbre feminino:

— Sacerdotes e clerigos, fazei procissões e orae a Deus; e vós outros, homens de armas, adiante, que eu vou fazer levantar o sitio da nobre cidade de Orleans.

Advertido Dunois da sua chegada, sahio a recebê-la, e ella, conhecendo-o logo, como ao rei havia conhecido em Chinon, adiantou-se até elle e disse-lhe:

— Trago-lhe, illustre bastardo, o melhor dos soccorros que a homem algum jámais foi concedido : o soccorro do Rei dos reis.

A 23 de Abril de 1429, entrou na cidade sitiada; a 5 de Maio seguinte já o sitio havia sido levantado e os inglezes completamente derrotados.

Joanna, prohibiu que seguissem ao alcance dos vencidos, e ordenou que, estando ainda o inimigo à vista das suas muralhas, se erguesse nellas um altar e ahi fosse celebrada uma missa. Os vencidos mal puderam verem-se livres deram graças a Deus por haverem sido humilhados por mão de uma mulher.

Carlos fez sua entrada solemne em Reims a 15 de Julho e foi consagrado no domingo 17 do mesmo mez. A donzella que até então o chamara sempre *gentil Delphin*, d'ahi por diante tratou-o de rei. Com effeito, segundo a crença d'aquelles tempos, só d'aquelle momento em diante era verdadeiro rei, sendo o unico legitimo. Pouco importava então que os inglezes fizessem consagrar ao seu Henrique; o unguido normando nunca passaria de uma parodia do verdadeiro monarcha.

Terminada apenas a cerimonia da consagração de Carlos VII, a donzella rojando-se aos seus pés, banhada em pranto, disse-lhe :

— Oh ! meu bom rei ! Já está agora cumprida a vontade de Deus que me ordenou levantasse o sitio em Orleans, e conduzir-vos a Rheims para ser unguido, para que fosse notorio que só a vós pertence o reino de França ; deixai-me partir, pois que já cumpri a vontade do Senhor, deixai-me partir, que do contrario alguma desgraça me acontecerá.

O rei, entanto, desattendendo a seus rogos, conservou-a junto a si, a seu pezar ; e com effeito, aconteceu-lhe desgraça, pois que em principio do

anno de 1430, foi feita prisioneira pelos inglezes diante de Compiègne.

— —

Apenas viu-se captiva, Joanna, comprehendeu qual ia ser a sua sorte. Verdade é que muito antes havia presentido tal acontecimento; tanto que quando o rei se obstinou em conserval-a a seu lado, muitas vezes lhe disse :

— Empregae-me, Senhor, pois que ficarei só um anno ou pouco mais. E muitas vezes disse tambem ao seu confessor f ei João Pasquerel:

— Recommendae ao rei, meu padre, que funde capellas em suffragio das almas dos que morreram em defesa do seu reino.

Na vespera do dia em que havia de cahir nas mãos dos inimigos, depois de commungar na igreja de Santiago de Compiègne, apoiou-se melacolicamente a um dos pilares do templo e dirigindo-se ás boas almas e aos meninos que alli estavam, apostrophou-os deste modo :

— Meus bons amigos e queridas creaturas ; em toda a verdade digo-lhes que ha um homem que me vendeu e que breve serei entregue á morte. Rogae, supplico-vos, rogae a Deus por mim, que de hoje em diante não poderei mais servir ao rei, nem ao nobre reino de França.

Ao escutar taes palavras, a multidão prorompeu em lagrimas e soluços, pedindo á Joanna que nomeasse o traidor, se o conhecia, para que se fizesse prompta justiça. A donzella, porém, sem dar-lhes outra resposta, senão um melancolico gesto, sahiu do templo para regressar ao seu aposento, até onde seguiram-n'a quantos a tinham ouvido, detendo-se por muito tempo com a esperanza de vê-la ainda

outra vez. A nossa heroína passou o resto d'aquella triste jornada em oração como o Salvador sobre o Monte das Oliveiras. No dia seguinte, conforme as ordens que ella mesmo havia dado a sua gente, apresentou-se ás 4 horas da tarde, um soldado de nome Pothon, annunciando-lhe que a gente estava prompta a segui-la contra o inimigo.

Joanna, estava vestida como de costume, isto é, armada como um cavalleiro de ponto em branco, com uma capa de carmezim, trazendo uma formidavel arma conquistada em Logny a um Burguinhão; pois que tendo-se quebrado a espada de Santa Catharina de Fierbois, não quiz mais servir-se de outras armas senão as que tomava ao inimigo. Assim adeçada, e montando a cavallo, tomou o estandarte das mãos do seu escudeiro, fez uma ou duas vezes o signal da cruz, e rogando novamente aos que a fitavam, que rogasse a Deus por ella, disse:

— Marchemos!

E partindo a galope, cahiu na planicie como um raio, chegando aos quarteis do senhor de Noiaélles precisamente no momento em que João de Luxemburgo com alguns dos seus homens de montaria, acabava de chegar para observar a cidade de mais perto. O inesperado da sortida produziu em começo o seu terrivel effeito.

Sorprehendidos os soldados do Sr. de Noiaélles, só João de Luxemburgo á testa dos seus cavalleiros pôde oppôr a necessaria resistencia para dar lugar a que chegasse o soccorro que mandou pedir nos seus acampamentos. Entretanto o esquadrão francez dizia implacavelmente quanto se lhe oppunha, penetrando até o alojamento de Sir John Montgomery; mas como em consequencia disto levantárase o clamor de—*A donzella! a donzella!* todos quantos estavam no acampamento acudiram pres-

surosos ás armas e em breve os senhores da praça vendo-se accommettidos em differentes direcções por esquadões diversos, cada qual dez vezes superior em força, tiveram que bater em retirada.

Sempre a primeira no ataque, na retirada conservou-se Joanna sempre a retaguarda, dando frente ao inimigo, logo que chegava proxima á sua reduzida phalange, obrigando a massa innumera-vel de contrarios a retroceder diante do estandarte que ella empunhava. Ao chegar porém ás portas da cidade, o afan de cada um em ser o primeiro a penetrar por ellas introduziu inevitavel desordem nas fileiras francezas. Comprehendendo Joanna, que se não houvesse tempo para que os seus soldados se refizessem, metade morreria afogado ás portas da cidade, e o resto seria precipitado pelos inglezes no profundo fosso, voltou pela terceira vez a carregar sobre o inimigo fazendo-o, como sempre recuar. A heroína seguio-o no encalço acompanhada de uma centena de homens que compunham a retaguarda de sua horte; mas quando quiz regressar para a cidade, achou-se envolvida pelos inglezes que lhe havia cortado a retirada.

Augmentando de esforço pela gravidade das circumstancias, desembainhou a espada pela primeira vez, e carregando desesperadamente sobre os contrarios fel-os abrir espaço á sua passagem. Tanto pôde o valor dos da sua pequena tropa ao exemplo da sua coragem! Chegou com effeito a tocar ás portas de Compiagne e chamar pelos seus. Debalde, os seus gritos foram em vão; ninguem acudiu ao seu chamado. Reduzida á triste necessidade de combater mais outra vez, organisou a retirada, dirigindo a sua marcha pela praia, immediat: ao rio, com o fim de de penetrar na praça por outra porta qualquer. Ao vê-la abandonada e sem outra força que a

restante de uma centena de soldados, os seus inimigos, até os mais covardes, recobriram animo e cahiram sobre ella por todos os flancos, cercando-a e obrigando-a a suspender a retirada na defeza da propria vida. Terrível foi a desesperada luta: Pothon de Burgonha, fez prodigios de valor, e Joanna mais que milagres, até que enfim, um atirador de arco, natural da Picordia, que por entre a cavallaria havia conseguido vir collocar-se a seu lado, agarrou-a pelas vestes e sacudiu-a com tal força, que deu com ella por terra.

A gloriosa virgem, sem embargo, levantou-se e tornou a combater com novo ardor, até que esgotadas as suas forças, cahio de novo quasi exanime. Estendeu a vista em torno, e vendo que todos os valentes que a haviam seguido lutavam ainda em propria defeza, convenceu-se de que não havia a esperar soccorro humano e de que havia soado enfim a hora fatal que as celestes vozes mysteriosas tinham predito. Rendeu-se, pois, entregando sua espada ao cavalleiro Leonel, bastardo de Vendome, que lhe parecia a pessoa mais importante de quantas a rodeavam. Ouvio-se então um immenso grito que partindo do Campo Sburgonhez, resoou no mesmo instante pela França inteira.

— Joanna, a donzella de Orleans, está prisioneira!

Deu-se esta catastrophe no dia 28 de Maio de 1430. Presa e entregue aos inglezes, claro estava que a questão se reduzia a encontrar sua formula legal para assassinar a desditosa creatura, e, com effeito, começou o seu processo a 9 de Janeiro de 1431 e 31 de Maio seguinte foi condemnada ao fogo. Chegado o dia, foi ao mesmo tempo communicada a sentença e a proxima execução. Que por um momento fraqueasse aquelle grande coração? Quem

ousaria censural-a implacavelmente ao vê-la chorar, desconsoladamente, a vista de tão cruel supplicio ?

— Coitada de mim, exclamou com effeito. Será verdade que tão cruelmente eu seja tratada ? que o meu corpo nu e inteiro, o meu corpo immaculado, hoje mesmo seja abrazado pelas chammass e reduzido a cinzas ? Ai ! ai, de mim ! Quizera ser sete vezes decapitada antes que perecer assim n'uma fogueira. Ah ! appello para o Juiz Supremo, para o Deus Omnipotente, da cruel injustiça com que me tratam os homens ! Assim entretanto desafogado o justo excesso da sua dôr, voltando a si, Joanna confessou-se e pediu que se lhe administrasse o sacramento da Eucaristia.

Começaram os seus verdugos recusando-lhe a communhão, e não sem motivo, posto que para levar-a á fogueira allegavam contra ella na sentença os crimes de feitiçaria, doutrinas schismaticas e idolatrias. O bispo porém, mais caritativo como juiz do que escrupuloso como prelado, disse que *bem podia administrar-se-lhe o sacramento e quanto pedisse* ; e a victima commungou com effeito. Ao retirar-se do altar, vendo Joanna entre outras pessoas presentes na prisão o bispo Cauchon, que era quem a havia sentenciado, não pôde deixar da exclamar :

— Ah ! Sr. bispo ! Sr. bispo ! Com que sois vòs quem me mata ? E voltando-se em seguida para frei Pedro, um dos religiosos que a haviam exhortado a bem morrer, interpellou-o deste modo :

— Ah ! frei Pedro : onde estarei eu esta tarde ? Não tendes confiança em Deus ? replicou o frade.

— Tenho fé, respondeu-lhe a sentenciada ; e com o favor da Providencia espero vêr-me esta tarde no Paraiso.

Neste momento, avisaram-n'a de que a carreta que havia de conduzi-la ao supplicio a estava esperando.

Acabavam de soar nove horas da manhã. Sem que a avisassem soube Joanna que a fatal *carreta* havia chegado, posto que houvesse ouvido o resoar de suas rodas e o lento murmúrio da multidão que subia continuo e profundo até a prisão como o surdo bramido do Oceano na agitação das suas ondas. Estava portanto já de pé quando no calabouço entraram os ministros d'aquelle iniquo sacrificio. Dois d'elles desembaraçaram-n'a das cadeias que prendiam o seu corpo; outros dois apresentaram-lhe um traje feminino com que foi, humilde e modesta, vestir-se no mais escuro lugar d'aquella prisão. Mudado o traje, ataram-lhe as mãos e prenderam-lhe as pernas com argollas de ferro, ambas presas á mesma cadeia. Na carreta sentaram-se ao seu lado, de uma banda o confessor, frei Martyr e de outra um alguazil chamado Massieu. Um religioso agostinho, o irmão Izambert, que se havia mostrado muito bondoso para com ella, não quiz tambem abandonal-a n'aquelle duro transe.

Joanna, havia até ahí conservado algumas esperanças de salvação em algum esforço do rei em seu favor, ou em um milagre dos santos da sua devoção; mas desde que entrou para a carreta, não encontrando meio de occultar a si mesma que o céo e a terra a abandonavam, entregou-se ao pranto e aos lamentos ainda que sem fazer accusações e dizendo somente com a sua natural doçura :

— Oh ! Ruão ! Ruão ! Vou enfim morrer em teus muros !

Na praça do Mercado Velho, lugar escolhido para a catastrophe final d'aquella grande tragedia, levantaram-se tres grandes estrados : no primeiro

ostentava-se a cadeira episcopal do cardeal de Inglaterra, rodeado de outros prelados inferiores ; no segundo o parochio, os juizes e o bailio ; no terceiro emfim, foi collocado um brazeiro. E que brazeiro ! Uma elevadissima pyramide de lenha para que o supplicio se prolongasse o tempo necessario ás chammas para subirem da base ao cimo da fogueira ; para que apenas alcançasse a capa do verdugo, afim de que esse a entregasse viva ás chammas, não a affogando receioso do fogo que ia queimar ; para que finalmente a pobre martyr fosse queimada lentamente, com algum tempo, para que desse modo, no intoleravel do supplicio, ella renegasse ao seu Deus, e maldisresse o seu rei ! Com a chegada de Joanna á praça do Mercado, começou a cerimonia por um sermão cujo texto foi o seguinte :

« Quando um membro da igreja está enfermo, toda a igreja padece » ; d'onde logicamente se inferia que sendo a pobre Joanna d'Arc, causa dos padecimentos da igreja, o meio mais facil para que estes sanassem era queimar a virgem viva. Ao terminar a sua pratica, disse o pregador :

— Ide em paz, Joanna !

O que queria dizer : — Joanna, subi á fogueira !

Então, o bispo de Beauvais, que era quem a havia julgado e sentenciado, quem a *matava*, em uma palavra, pôz-se a exhortal-a a que se occupasse de sua alma, e recordando todos os seus peccados, contrictamente se arrependesse d'elles ; Joanna, porém, já sem escutal-o cahira de joelhos, invocando com piedoso fervor á Virgem Santissima, ao archanjo S. Miguel e ás bemaventuradas Santa Catharina e Santa Margarida, perdoando a todo o mundo, pedindo por sua vez perdão a todos, e implorando do povo que rogasse a Deus por ella.

Tudo isso fazia e dizia a pobre martyr com tanta doçura e tão terna devoção; tal e tão profunda impressão produziu nos circumstantes, que sem ser poderoso para evitar o supplicio, o proprio bispo de Beauvais, tocou ao pranto, prorompendo em soluços, e até os proprios inglezes puzeram-se a chorar com os outros. Abandonada de todos, sem esperança de socorro humano, refugiou-se em Deus, e pediu uma cruz para morrer abraçada com ella.

Um soldado inglez, formando, ainda que grosseiramente, com dous páos que o acaso lhe deparára, o signal de nossa redempção, entregou-o á martyr, que agradecida beijou-o e apertou-o depois contra o peito. Mas como em realidade o que Joanna desejava era uma cruz consagrada pela igreja, o agostinho Izambert e Messieu não socegaram até que conseguiram levar-lhe com effeito a da parochia do Salvador.

Não faltava, entretanto, quem em vez de enternecer-se, se impacientasse com taes contemplações: os soldados murmuravam e os capitães começaram a clamar:

— Vamos, padres! Acabemos, verdugo! Quereis que aqui fiquemos eternamente?

Ante consideração tão importante, que arbitrio tomar senão o de proceder ao supplicio sem demora? Os esbirros apoderaram-se da victima, e collocando em sua cabeça a touca dos condemnados, em que se liam as palavras: — *Hereje, relapsa, apostata, idolatra*, arrastaram-n'a até ao pé do supplicio, onde atiraram-n'a aos braços do verdugo, dizendo-lhe:

— Faz teu officio.

Quando do alto da funesta pyra Joanna viu á seus pés a multidão apinhada, e em torno, a cidade, em cujas janellas estendiam-se as filas de curiosos, não pôde deixar de exclamar:

— Oh ! Ruão ! Oh ! Ruão ! Muito temo que sobre ti caia o peso de minha morte !

O verdugo amarrou-a a uma estaca fincada em meio da fogueira e em seguida ateiou o fogo na base. A victima então, bradou :

— Vós outros quantos me estaes vendo e credes em Deus, orae por mim !

Vozes diversas partiram da multidão respondendo :

— Animo, Joanna, Deus te ajudará !

Ella retorquiu :

— Obrigada, boa gente, obrigada.

Ao dizer isto, levantou-se a primeira chamma, que lhe feriu a vista, dizendo ao confessor que estava ao seu lado :

— Em nome de Deus, meu padre, repare em vós ; o fogo vae queimar o vosso habito ; descei pois, mostrando-me sempre o crucifixo.

Como que impulsionado pela justiceira mão de Deus, n'aquelle momento ergue-se o bispo de Beauvais de sua cadeira para chegar até ao pé do braséiro. Vendo-o, disse-lhe Joanna :

— Bispo, morro por vossa culpa !

Depois, sentindo a primeira mordedura das chammas que subiam crescendo, exclamou :

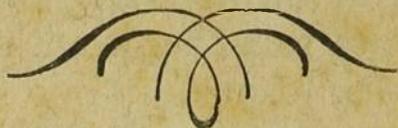
— Agua benta ! Agua benta !

N'um instante foi envolvida pelo fumo, que logo dissipando-se, deixou vê-la em meio das chammas, com os olhos cravados no céu, invocando o santo nome de Deus. Ouviu pela ultima vez pronunciar o doce nome de Jesus, e proromper em um grito de agonia, sellando para sempre os seus labios.

Temeroso o cardeal de Inglaterra de que se alguma reliquia ficasse de Joanna, por ella obrassem milagres, ordenou que no mesmo dia do supplicio lhe entregassem o coração da victima, que foi achado

inteiro e cheio de sangue, apesar do azeite, do enxofre e do carvão que sobre o seu peito havia applicado o verdugo, assim como ordenou que as suas cinzas, confundidas com as do braseiro, fossem arrojadas do alto da ponte de Ruão ao rio Sena, afim de que este as conduzisse á immensidade do oceano.

O que acabamos de referir-se passou-se no trigesimo dia do mez de Maio do anno de 1431.



Maria Thereza d'Austria

Sobre esta importante figura de mulher pouco se tem escripto, tendo entretanto exercido positiva e ampla influencia em seu tempo por qualidades decididamente superiores. Foi sem duvida uma das mais illustres representantes do nosso sexo. Não sei se por antecedentes de familia, se por inclinações proprias, que as tinha muito pronunciadas, o que é certo é que affirmou sempre energias e sentimentos não communs, dignos da celebridade que a historia que lhe fizeram, arida e secca, não foi capaz de trazer até nós. E' que não teve quem em seu tempo, superior nas lettras, que perpetuam glorias, houvesse trazido, com justo brilho e completo lustre as suas acções, os seus rasgos. Ella mesmo não deixara de comprehender quão indispensavel é a poesia ao conhecimento da historia.

Quem se lembraria com effeito da guerra de Troya, a não ter sido cantada por Homero? Que seria

da gloria de Augusto sem Horacio e sem Virgilio? Ficar-nos-ia a lembrança de Leão X se a poesia de Raphael não o houvera immortalisado?

Na verdade, nenhuma importancia se teria dado á passagem do Rheno por Luiz XIV se não fossem os versos de Boileau, o que prova que a poesia, ainda que tão prosaica como a de Boileau, tem mais voz do que a historia. Por isso, o que Maria Thereza, mais estimava do tempo de seu pae era Metastasio, poeta que havendo começado sua vida na pobreza e corrido as ruas de Roma improvisando versos para ganhar ao mesmo tempo o pão quotidiano e os laureis do Tasso, não podia deixar de ser comprehendido pela joven imperatriz sem imperio.

Não obstante, enganou-se Maria Thereza no seu entusiasmo por um poeta que, incapaz da corôa dos inspirados vates, foi completamente inutil á fama de sua illustre protectora. Aliás, se a sua imagem brilha menos na galeria das mais celebres soberanas, é porque Metastasio por sua vez está mui longe de ser comparado a Tasso ou a Shakspeare. Comtudo, que vida, que character mais poeticamente guerreiro que o d'essa princeza nascida para reinar, e que desde os primeiros annos luta com a Europa inteira para conquistar o throno que lhe pertence e se lhe disputa?

Com a morte de seu pae pareceu-lhe que o céu a abandonara, vendo que até os seus proprios filhos lhe faltavam. Em vão, á força de amor, quiz infundir n'alma de seu esposo a grandeza de sua alma: Francisco, duque de Lorena, foi um homem que nunca soube elevar-se além da altura de um bom marido e que isto reconhecendo não evitava dizer candidamente: « A côrte se compõe da imperatriz e de meus filhos: eu não sou aqui mais do que um simples particular. » Taes foram os *Carnavaes* celebres durante o

XVII seculo : o de Veneza e de Vienna, e o do *Palais Royal*, de Paris. O ultimo havia sido desnaturado pelos philosophos, emquanto que o primeiro peccava por velho; de modo que o verdadeiro *carnaval*, tinha de ser encontrado em Vienna, nas alamedas do *Prater*, nos cantos e danças dos amenos *Ridotos* das margens do Danubio, e até no palacio dos Cezares, onde o amor innovando audaciosamente os costumes, sob um terno disfarce de sentimentalismo que mais tarde devia causar a morte a Werther, tinha estabelecido uma alegre cathedra de igualdade social. Já então, como de época mais recente nos diz Mme. Stael : « Não queriam os soberanos ser considerados nos prazeres mais do que simples particulares, reservando o uso de seus direitos sómente para o desempenho de suas obrigações. »

A partir de Fernando III os Cezares Germanicos mostravam-se ciosos de parecerem tão doutos latinos como os professores de suas universidades, mais dextros nos anagrammas, que o seu pobre poeta laureado, e sobretudo superiores na musica aos seus mestres de capella. De taes soberanos nasceu Maria Thereza que uma vez teve de cantar como *prima dona* em uma composição feita por seu pae, e da qual sahio-se com tanto brilhantismo, que mais parecera ter nascido para a arte do que para o throno. Mas, porque não se ateve sempre aos face's gosos da juventude? Quantas vezes a augusta actriz devia suspirar debaixo do peso da purpura e do arminho do seu manto imperial pelo ligeiro e phantastico trajo pagão com que tão alegremente havia representado? Como mais tarde, quando sua filha Maria Antonietta, olvidada de que era rainha, representando em certa opera comica um papel de lavradora, comprazia-se Maria Thereza em voltar pela imaginação áquelles felizes tempos em que deixando-se levar pela corrente da

vida, apenas se preocupava dos seus papeis e do amor que consagrava a Francisco de Lorena, sem outras idéas mas do que as que lhe occorriam dos sonhos em que entrevia as sombras de Izabel e Branca de Castella!

A musica, de que na juventude fôra tão amiga, foi na idade madura uma consolação. E talvez esta preocupação tão bella, que tanto a encantára em horas descuidosas, devesse tomar o lugar de outras que tanto agitaram o seu espirito. No entanto, ella devia deixar essas suaves cousas, para pôr em jogo toda a sua energia, ao serviço do seu pensamento.

O seu matrimonio, primeira prova de sua força de vontade, fez-se com regosijo para a Austria, que como que previa que d'aquella união de que provieram nada menos de doze principes, se lhe dava um marido, não lhe dava um dono ou senhor. Vienna entregava-se as festas nupciaes quando morreu o principe Eugenio, como se a providencia preferisse chamar a si o veterano ao mesmo tempo que o genio de Maria Thereza ia chamar a patria, desenvolvendo-se milhares de jovens defensores.

Impaciente estava ella por utilizar o seu instincto de governo, quando a linha masculina da casa de Hapsburgo, que reinava havia quatro seculos, se extinguiu ao expirar Carlos VI a 6 de Outubro de 1720, ás 2 horas da madrugada. Em virtude da pragmatica, recahiu nella a corôa, cujo peso em outros tempos havia feito mais de uma vez inclinar á seu arbitrio a balança dos destinos humanos.

No dia do fallecimento do imperador, Maria Thereza enferma, quasi agonisante tambem, não podera nem receber a ultima benção do seu capelão; não obstante no dia seguinte, fazendo-se superior aos seus padecimentos, dava audiencia aos altos funcionarios, attendendo solícita, ao desempenho dos seus

novos deveres. Coração firme soube sobrepol-o ás debilidades do seu corpo enfermo; e querendo provar á Austria, desde o primeiro instante, que podia contar com ella, começou demonstrando a si propria a soberania da sua vontade.

Quantos perigos e quantos obstaculos áquella joven princeza de 22 annos, que nas vesperas ainda se entregava em cheio e sem previsões aos gratos delirios das musicas e dos bailes!

Cem mil florins era tudo quanto possuia o thesouro. As tropas apenas contavam 32 mil homens; e já, segundo nos diz o inglez Robson, testemunha ocular, já os ministros viam os Turcos na Hungria, os hungaros em rebelião, os saxonios na Bohemia, bavaros ás portas de Vienna, e a França excitando-os a todos. Maria Thereza não perdeu a coragem, ainda que os presagios fossem funestos, pois as potencias europeas em geral se mantinham em attitude de reserva, além de um que inimigo inesperado se apresentava para completar a desastrosa situação do imperio.

Frederico II, acabando de subir ao trono, ansiava por uma occasião em que pudesse fazer acreditar que era preciso contar-o muito deveras no numero das testas coroadas, e aproveitando-se do estado da Austria, invadiu subitamente a Silezia. Desfavorecia-o muito a fé dos tratados; mas a fortuna estava de seu lado como desde logo o demonstrou a batalha de Molwitz.

Maria Thereza, fortalecida de sua parte pela honra, pela consciencia e pelo genio, recusou com indignação quantos expedientes lhe propunha Jorge II de Inglaterra, para reconcilia-la com a Prussia; e com mais previsão, com maior alcance de vistas de que seus ministros, o visionario Storenberg, o inerte Ikœnigsekh, o intrigante Ikinzindorf e o medianis-

simo Harach, permaneceu heroicamente em seu posto e em defesa de uma causa que parecia de todo o ponto desesperada. Não se illudia sobre o que a ameaçava, pois que escrevendo a sua mãe politica, a duqueza de Lorena, dizia: « Não sei se me ficará uma cidade para dar à luz com segurança o filho que trago nas entranhas. » Mas ao mesmo tempo decidio os hungaros a defender sua bandeira, arrastando comsigo todos os corações na Dieta de Presburgo Demos a palavra ao historiador da casa de Austria, William Cox e, pois que para referir todas as austeras bellezas da historia, não devemos esquecer os testemunhos da tradição :

« A imperatriz, vestida de luto á moda hungara, conduzindo a corôa de Santo Estevão e cingindo a espada régia, objectos estes de grande valor para os povos da Hungria, appareceu subitamente em meio da assembléa e atravessando o salão com passo lento, magestoso, subiu a tribuna de onde era costume arengarem os soberanos aos Estados. Depois de breve silencio, descreveu o chanceller a situação triste em que se achavam, encarecendo a necessidade de promptos auxilios, e em seguida tomou Maria Thereza a palavra, dirigindo um energico discurso a assembléa, em latim, lingua quasi vulgar no paiz, e na qual se redigem todas as deliberações da Dieta.

« O deploravel estado de nossos negocios, disse, nos move a recordar aos nossos caros e leaes Estados da Hungria a recente invasão da Austria e os riscos a que este reino se acha exposto, convidando-os a procurar remedios a tão graves males. A mesma existencia do reino da Hungria, a de nossos filhos, a de nossa propria pessoa se veem ameaçadas.

« Abandonada por todos os nossos alliados, só confiamos na fidelidade e favor de que tantas provas nos tem dado os Hungaros em todos os tempos.

« Em tal extremo, exhortamos a vós, Estados e classes do reino, á deliberar com urgencia sobre os meios mais a proposito para assegurar nossa pessoa, nossos filhos, nossa cõrõa, e pôl-os desde logo em pratica.

« Enquanto a Nós, podem nossos fieis Estados e classes da Hungria contar com a nossa cooperação para tudo aquillo que contribua para o restabelecimento de sua publica felicidade e a devolver a este reino o seu antigo esplendor. »

Mal tinha a imperatriz acabado de fallar, e já os magnates desembainhando os sabres exclamavam entusiasticamente: « *Moriamur pro rege nostro Maria Theresia* » ; votando ao mesmo tempo os necessarios subsidios de homens e dinheiro. Em seguida, Maria Thereza ergueu com seus braços o archiduque, que havia de ser mais tarde José II, para que o povo bem dissesse o filho como a sua mãe o havia feito.

Desde então, tudo mudou de aspecto : das orlas do Lava e do Theiss ás do Drava e do Danubio, Croatas, Esclavonios e Panduros, voaram a alistar-se valorosamente sob o imperial estandarte.

Emquanto o Eleitor de Baviera, occupava Praga e em seguida fazia-se coroar imperador em Francfort, os soldados de Maria Thereza invadiam a propria Baviera. As tropas hungaras ameaçavam a Siberia; Frederico II tinha que abandonar a Moravia, e na batalha de Chotusitz a Austria se lavava da aff-onta de Molwitz. Um anno depois, progredindo de victoria em victoria, fazia-se Maria Thereza coroar em Praga, rainha da Bohemia, o que lhe valeu de Frederico, seu maior inimigo, este juizo : « Para resgatar a Bohemia, valeu mais a firmeza da imperatriz, do que a força de suas armas. »

Tudo favorecia a Maria Thereza, e os francezes achavam em Praga uma imagem antecipada da desas-

trosa retirada em 1812. Vencidas não poucas difficuldades diplomaticas, firmou-se um tratado em Aquisgran, em virtude do qual foram resgatados os Paizes Baixos, de que Luiz XIV se havia apoderado, e renunciando entretanto ás conquistas feitas na Italia, e por conseguinte á sua grandeza.

Desde então, dedicou-se durante sete annos consecutivos á administração interior de seus Estados, durante os quaes, como disse Frederico, « uma mulher realisou designos dignos de um grande homem ». Sob o seu sceptro cresceram as rendas da casa d'Austria mais do que era dado esperar-se ; a justiça foi regularisada; disciplinado o exercito, aprendendo Maria Thereza a conhecer os seus cortezaos e a eleger os seus conselheiros. Por muitos outros titulos tornou-se notavel em sua politica sempre intelligente e notavel.

Por morte de seu marido fez proclamar imperador a José II, tendo durante quinze annos que coatemplar melancolicamente como surgia alli mesmo uma sociedade de philosophos onde fôra seu proposito ressuscitar um mundo catholico.

Um momento sentiu-se lisongeada com a esperança de que o enlace de sua filha Maria Thereza faria devolver á Austria a sua antiga supremacia na Europa; mas o ministerio de Maurepas dissipou taes illusões. Entretanto firmando com Frederico II o tratado definitivo de Tescheu, a 28 de Fevereiro de 1780 e restabelecendo as antigas relações affectuosas de sua dynastia com Catharina II, terminou o seu reinado qual o começara, com actos de prudencia e previsão que asseguraram a tranquillidade do imperio. Podia pois deixar o mundo, depois disso, como deixou morrendo com a sua corôa de imperatriz a 20 de Novembro de 1780, aos sessenta e tres annos de idade e quarenta e um de reinado.

Miss Nightingale

Seja-me licito, antes de começar a biographia da mulher celebre, cujo nome encima estas linhas, supplicar ás leitoras que me permitta a liberdade que tomei de descrever os traços de uma pessoa que ainda vive. Um escriptor francez, disse, e com muita razão, que «aos vivos se devem attensões e aos mortos a verdade e nada mais;» porém, com Miss Nightingale, seria uma injustiça o abster-me de ennumerar exacta e fielmente todas as suas boas acções, como por temer de offender sua modestia, deixar de admirar as suas virtudes. São porém tão bellos os actos praticados por essa mulher, que, a minha temeridade será justificada. Miss Florencia Nightingale é a mais moça das filhas de Mr. William Shore Nightingale e de sua mulher Mistress Lea Hurlt. Sua idade, sem indiscripção, posso dizer, pois que, mais de um periodico de Londres, tem declarado ser a mesma da rainha Victoria Nasceu pois, em 1809, na bella cidade de Florencia, d'onde tomou o nome.

A natureza e a arte de commum accôrdo, fizeram de Miss Nightingale, uma creatura encantadora e de uma instrucção infinitamente superior á commum em seu seculo. Sabe correctamente o francez, o italiano e o allemão, que falla com tanta facilidade como a sua lingua patria; possui em mathematicas notaveis conhecimentos como em sciencias e litteratura. Tem viajado quasi todas as nações da Europa e esteve em Asia Menor, tendo tambem percorrido o Nilo até as suas mais remotas cataratas, convindo advirtir que ao passo que a curiosidade se satisfazia, foi util a muitos arabes na sua permanencia no Egypto, com os seus conselhos e donativos.

Miss Nightingale, rica, amavel e bondosa, exerce sobre aquelles a quem dispensa seus cuidados uma influencia suave e poderosa, persuasiva e branda. Muitas amisades conta em todas as classes da sociedade, mas, a que ella prefere a todo o mundo, é amisade de sua numerosa familia, no seio da qual se consagra aos mais doces e santos deveres da natureza.

Chegou, sem embargo, um dia em que anciosa de estender a esphera da sua beneficencia, resolveu-se a deixar o lar domestico, á impulsos de seu ardente amor pela humanidade, terno sentimento que despertando em seu coração desde da mais tenra idade deixou rastros indeleveis nos asylos de pobreza e nas escolas, no lugar onde sua familia residia. Começou, pois, por visitar em Londres, todas as escolas, hospitaes e prisões, e passando logo ao continente com a mesma idéa no pensamento, viu-se ella em 1851, quando por occasião de realizar-se a grande exposição industrial na capital da Gran-Bretanha, tudo que a Europa tem de culto, curioso e rico, viajava alegremente, vio-se Miss Nightingale encerrar-se no hospital de Maiserworth, perto de Dusseldorf, para cuidar dos enfermos e para tambem aprender como se devem tra-

tal-os, porque, convém saber, que n'aquelle estabelecimento não é ninguém admittido ao cargo de enfermeiro, senão depois de largo apprendizado theorico e pratico, e do qual se sahiu galhardamente, segundo assegurou o pastor protestante Fliedner, que garantiu não ter até aquella data encontrado ninguém que a excedesse

De regresso á Londres passou Miss Nightingale algum tempo com sua familia, deixando-a pouco tempo depois para continuar a sua peregrinação, praticando o bem. Um hospicio fundado n'aquella capital para mulheres pobres e enfermas, estava a ponto de encerrar-se por falta de uma habil directora. Miss Nightingale não sómente tomou sobre seus hombros tão espinhoso encargo, como tambem com aquella generosidade que lhe era habitual, dispensou aquelle estabelecimento todo seu tempo e parte dos seus haveres.

Semanas e mezes passou assim, sempre á cabeceira d'aquelles pobres enfermos, desprezando as distrações e prazeres que o mundo offerece as pessoas tão altamente collocadas, até que, não podendo mais supportar seu corpo o peso de tal fadiga, teve de regressar ao seio dos seus, procurando no ar de sua terra natal a saude perdida no exercicio da caridade.

Pouco depois, correu em Inglaterra, a noticia, de que o exercito alliado em Criméa, soffria fome e que faltavam os objectos necessarios para cabal assistencia dos enfermos. Commovido o paiz, não deu lugar a que o governo tomasse a iniciativa. Em poucos dias as officinas do *Times* (jornal), haviam recebido por uma subscrição voluntaria a somma de um milhão oitocentos e setenta e cinco mil pesos, com destino a cobrir as mais urgentes necessidades dos exercitos de Criméa, bem como grande quantidade de viveres, barracas e utencilios necessarios para enfermarias. A di-

recção d'aquelle jornal, cumprindo diligentemente seu voluntario encargo, pouco tardou em expedir uma grande provisào de taes objectos, e com elles um commissionado especial (Mr. Macdonald), para sua distribuiçào. Faltava um corpo de enfermeiras habeis, capazes de cuidar dos enfermos e feridos. Zelo sem experiencia e capacidade, serviria de novo embaraço ao exercito; como a capacidade sem zelo, nunca chegaria aos fins a que se aspirava. Taes circumstancias, naturalmente, offereciam ao philantropico espirito de Miss Nightingale, um vasto campo para applicar suas bondades e virtudes.

Criméa a chamava, e ella, por sua vez, suspirava por Criméa, de forma que, immediatamente, lançou mão da penna e escreveu ao respeitavel Sydney-Herbert, propondo por-se à frente do estabelecimento formado alli para tratar dos enfermos e feridos. Realmente, tanto o acceitar como o solicitar tão grave quanto delicada missõo, era tomar sobre si uma immensa responsabilidade e expor-se à todos os contratempos. Porém, nem responsabilidade, nem rogos, nem a dôr de separar-se a tão grande distancia e por tempo indefinido, de sua familia e amigas, nem a aterradora perspectiva de obstaculos e trabalhos de todo o genero, fizeram que desfallecesse em seu coração um valor digno da mais alta consideração e respeito. Miss Nightingale, acompanhada do reverendo Mr. Bambridge com sua esposa, e de trinta e sete enfermeiras, partiu de Inglaterra em 24 de Outubro de 1854; e atravessando a Franca onde foi respeitosa e sympathicamente acolhida, embarcou com toda a sua comitiva em Marselha, a bordo do Vechis. Em 5 de Novembro, depois de uma penosa viagem, arribaram a Scutari, precisamente no momento em que começavam a transportar os feridos à Balaklava. Com a chegada de Miss Nightingale e suas piedosas compa-

nheiras, subitamente mudou-se o aspecto do vasto hospital de sangue, succedendo à confusão a ordem, ao descuido a mais esmerada vigilancia.

Antes os feridos tinham que esperar horas esquecidas pelos cuidados que a sua triste situação reclamava, desde a chegada de Miss Nightingale, porém, mal proferiam um lamento, sentiam uma piedosa e solícita mão em seu allivio. Longe de realizarem-se os vaticinios de alguns empregados da administração, que auguraram um mal da intervenção do sexo feminino no hospital, aconteceu, como já disse, que Miss Nightingale e suas companheiras, estabeleceram uma ordem admiravel e prestaram innumerous serviços, não só na assistencia e na applicação dos medicamentos, como provendo os pacientes dos objectos necessarios para o seu bem estar, para o que reccorriam ao commissionado do *Times*, Mr. Macdonald, o qual sahia a procurar e comprava a peso de dinheiro nos bazares de Constantinopla. Diga-se, em honra da verdade, que o zelo de Mr. Macdonald, em seccundar os esforços de Miss Nightingale, é digno de grandes elogios e contribuiu grandemente para que a nossa heroína vencesse e chegasse aos seus fins caritativos multiplicados de graves difficuldades. Destas a maior parte procediam, triste é confessar, da viciosa organização do serviço da entrega das encommendas, de cujo defeituoso systema bastará para dar idéa, uma de suas disposições: antes de fazer-se o pedido á Inglaterra era preciso a concessão do commissario de guerra, e alguns dias depois de chegados os artigos, era necessaria a autorisação de um conselho estabelecido *ad hoc* afim de poder retiral-os.

« Não sei (escrevia uma das enfermeiras) que mais nos compunge o coração, se ver os jovens cheios de saude morrerem de fome, ou curar aos infelizes que nos trazem destroçados por horriveis feridas.

Hoje, empregamos o dia em cozer colchões e ajudar os cirurgiões nas suas curas, servindo-nos de grande consolo o contribuir para o alívio d'aquellas pobres almas. Porém, ai de mim ! sem contar os quatro desgraçados de que me encarreguei, morreram de fome, durante a noite, onze soldados, o que é mais triste ; todavia, estou certa de que os outros se salvarão se forem subministrados os alimentos de que com urgencia necessitam. »

Não eram menores os abusos em materia de distribuição de roupas e cobertas, sendo que a primeira remessa enviada foi tão diminuta que se Miss Nightingale, não se valesse do expediente de lançar mão do dinheiro da subscrição, para compral-as, a maioria d'esses infelizes ficaria impossibilitada de tirar os sangrentos uniformes. Vendo que havia necessidade de uma lavanderia proxima ao hospital, Miss Nightingale solicitou e obteve uma provisão de agua.

Antes da sua chegada, o alimento dos enfermos que não passavam de 800, era preparado pouco mais ou menos como o rancho ordinario, resultando o inconveniente de faltarem às prescrições medicas. Miss Nightingale, remediou immediatamente tão grave inconveniencia, estabelecendo para dieta do hospital uma cosinha a parte, provendo-a de carne de vacca e chá, que é para os inglezes um elemento essencial de vida. Durante os dous primeiros mezes de sua direcção, foi a nossa heroína além de uma excelente e caritativa enfermeira do hospital, sua real provedora, supprindo as faltas da administração, que não eram poucas, com um zelo e intelligencia tal, que os soldados souberam fazer prompta e cabal justiça. Veja-se, para formar-se um juizo completo, o que Mr. Macdonal dizia em sua ultima carta, antes de que o mau estado de sua saude o obrigasse a regressar à Inglaterra, a proposito de Miss. Nightingale :

« D'onde queira que a enfermidade appareça, por repugnantes e terriveis que sejam os seus symptomas, alli acode immediatamente essa incomparavel mulher, acalmando com sua terna presença a dôr dos agonisantes mesmo nas ancias da morte; sua presença sómente à cabeceira do mortuario leito basta para que no rosto do expirante enfermo ou ferido, brilhe um sorriso de consolo e de esperança, tal como provocar podera a appareção de um anjo do Senhor. De noite, quando já todos os facultativos e praticantes se entregavam ao repouso, ella, só com uma lampada na mão corria uma à uma, todas as espaçosas salas do estabelecimento, visitando leito por leito. Muito justa a saudação que o povo inglez lhe fez á sua partida, chamando-a de *heroína*, porque ninguem no mundo é mais digna de tal qualificativo. De corpo fragil e saude delicada, a caridade lhe deu forças para resistir a incriveis penas e duros trabalhos; e sem embargo da doçura de seu character e da debilidade de seu sexo, vio-se sempre resolver com juizo e executar com resoluta vontade. Pela minha parte, affirmo sem vacillar, que a não ser Miss Nightingale, o povo inglez teria tido a dôr de perder a mór parte de seus soldados. » Mais as difficuldades com que teve de lutar Miss Nightingale, não foram só as que acabo de narrar, pois como é sabido, preocupações e desconfianças de todo o genero se accumularam para contrariar-a, desde que saltou em Balaklava. A administração por uma parte, os facultativos por outra, fizeram-lhe uma guerra tremenda afim de impedil-a a cumprir a sua santa missão.

Infelizmente, tudo quanto acabo de escrever está demonstrado por documentos officiaes e por provas irrecusaveis; pois que, assim mesmo esta santa mulher, teve inimigos, que pretenderam desvirtuar o seu merecimento, accusando de falta de principios

religiosos, áquella que com abnegação mais que humana, e fervoroso zelo, se consagrava á pratica constante da doutrina do amor e da misericordia pregada pelo Divino Redemptor. Qual o peccado de Miss Nightingale ?

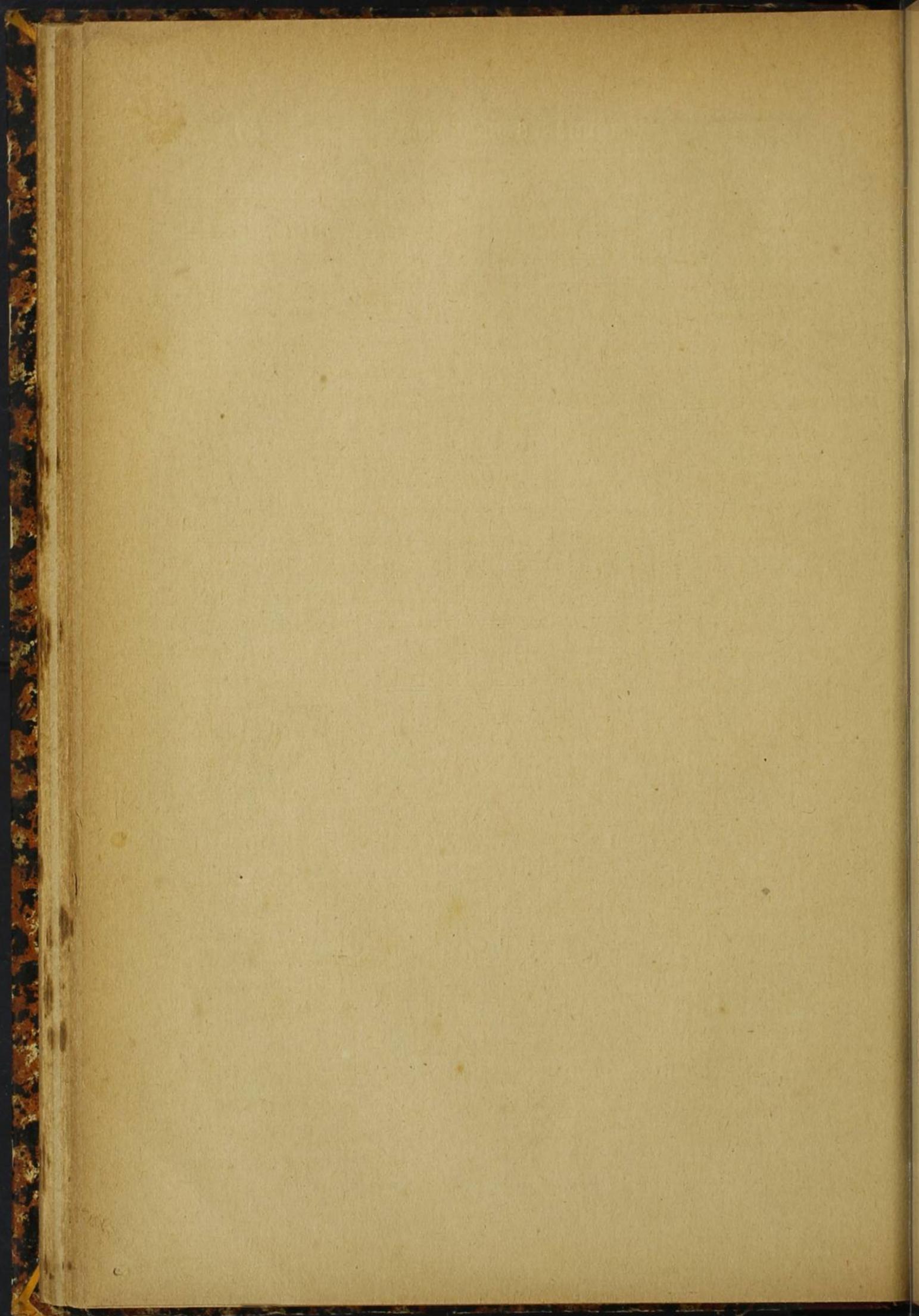
Primeiramente, como com superior tino o observa em seu livro sobre a cidade de Scutari, o reverendo Sydney, como Godolphin Osbone, prefere o rastro do bom Samaritano ás do orgulhoso Fariseu, e em segundo lugar, respeitar sempre as particulares crenças dos enfermos a que assistia não exigindo a que um catholico, por exemplo, escutasse em seus ultimos momentos as exhortações de um pastor protestante, em vez de um sacerdote de sua mesma religião. Todas as seitas são igualmente intolerantes ! Todos os fanatismos parecem. Ouçamos o que a seu respeito disse o já citado reverendo Godolphin :

« A sua phisionomia, como as suas maneiras são igualmente agradaveis. O seu rosto, si bem que não seja dos que se podem chamar bellos é d'aquelles que uma vez visto nunca mais se esquecem. Ha no seu sorriso inefavel doçura, no seu olhar decisão e firmeza, e comquanto sempre a tinha visto grave e correcta, creio que a alegria é um dos seus dotes caracteristicos. Evidentemente, é a excellente donzella dotada d'uma alma forte e energica, capaz de dominar aos outros como a si mesma ; instinctiva intuição dos negocios, e tacto de mando como habilidade para disciplinar aos que obedecem : dotes estes que, combinados, dão-lhe superioridade para a posição em que por sua vocação foi collocada. Ella tem sido presente ás mais temiveis operações cirurgicas sem perder um só instante a sua habitual serenidade ; tem sido impavida na assistencia ás enfermidades contagiosas, permanecendo ao lado dos doentes, dispensando-lhes com admiravel zelo, todos os cuidados até o ultimo

momento, como se para ella nenhum perigo houvesse.» Outros testemunhos importantes poderíamos adduzir ainda. De tantas provas, tirou á illustre donzella os resultados infalliveis. As forças humanas tem seus limites, e a sua saude acabou por tanto por ceder ao excesso de fadigas phisicas e moraes a que se dava. Chegou finalmente o momento em que não podendo supportar os seus padecimentos, teve que procurar relativo repouso em novos ares, em excursões maritimas, servindo-se de um Yacht que para tal fim Lord Ward pusera á sua disposição.

De tanta dedicação resultaram as maiores provas de todos. O governo do seu paiz honrou-a com riquissimos brindes. Miss Nightingale não deu a elle o mesmo valor que ligava á sua obra humanitaria. Não era sómente enfermeira, senão a agente dos feridos, encarregando-se da correspondencia destes, encarregando-se de transmittil-a para a Inglaterra, e de fazer tudo quanto exigiam os seus enfermos. Quando a paz chegou a pôr termo aos seus sacrificios, Miss Nightingale, partiu occultamente para o meio de sua familia, atravessando a França sob o mais rigoroso incognito e conseguindo chegar ao seio dos seus no dia 15 de Agosto de 1856.

Pouco tempo depois de sua chegada, mereceu Miss Nightingale, da rainha a alta honra de ser convidada a passar alguns dias em sua companhia no palacio de Balmoral, recebendo durante esse tempo todos os testemunhos do real apreço. D'ahi por diante, Miss Nightingale, proseguio sempre na sua obra de bem fazer, evitando recompensas e publicidade que tanto presam os vaidosos. Por isso, o seu nome passou glorioso á posteridade, inscrevendo no catalogo dos seres privilegiados, que sabem praticar no mais alto gráo a sublime virtude do Christianismo: —a caridade, que tanto consola os desvalidos.



CATALINA II

Não conta o seculo XVIII duas soberanias que fossem tão soberanas como as de Voltaire e Catalina II, os quaes parecia assim entender, sentindo-se reciprocamente grandes. Emquanto que o philosopho se aprazia com os viris apetrechos da imperatriz, esta em seu parque imperial de Czarsko-Zolo mandava edificar uma copia da quinta de Ferney. Tal como na epopéa de Virgilio em que a desterrada Andromaca comprazia-se em contemplar em Pergamo uma Troia em miniatura, plantando aos lados d'um arroio sem nome os mesmos arbustos que davam sombra ás sagradas margens do Simonte.

Catalina II, como todas as grandes reputações é preciso ser contemplada de mui alto e affastado; não convem á historia os personagens em suas cousas intimas. Na Corte de um rei, disse Horacio Walpole, governam as mulheres, e na de uma mulher, go-

vernham os homens. Walpole não soube comprehender Catalina que conservou-se sempre imperatriz, ainda mesmo succumbindo ás suas paixões na torrente dos seus amantes. Dentro d'essa mulher havia sem duvida um homem, que era o que na conversa familiar com o seu philosopho favorito, Diderot, quando este vacilante, dava vasão a sua facundia, dizia-lhe: «Adiante, Diderot, adiante, que aqui *estamos sò entre homens!*»

Precisamente a grande qualidade de Catalina consistia em ser *philosopho* com Diderot e Voltaire, com Frederico II e José II, *mathematico* com Euler, *soldado* com Sowarof, *cortezão* com os grandes senhores, *diplomata* com os embaixadores e *mulher* com Poniatowski, Gregorio Orloff, Wasilictchikoff, e alguns mais. Apesar e em meio de todas as suas fragilidades, Catalina não quiz nunca desprender-se de sua soberania; dava a sua pessoa, jamais o seu poder.

Isabel entregava a Inglaterra aos seus amantes, tendo de decapital-os para recobrar o sceptro; Catalina não se viu nunca na necessidade de cortar-lhes a cabeça, porque, tendo de uma parte a intuição perfeita do despotismo, e por outra pleno conhecimento da tyrannia do amor, defendeu-se sempre de conselheiros e ministros nos seus privados devaneios.

A Semiramis do Norte, que como o oriental teve sempre que haver-se com a ensanguentada sombra de Nino, lembrava-se da de Azia ao abrir suas mãos cheias de thesouros para trazer presos aos seus dons aquelles que nunca chegaram a encher o seu coração insaciavel. Sobre esse ponto ouçamos a Byron, quando, para apresental-a ao seu *Don Juan*, a poz em scena:

«Os embaixadores de todas as grandes potencias interpellavam-se mutuamente no intuito de saberem quem era aquelle joven recém-chegado que, a

julgar pelo acolhimento ia ser *grande* em pouco tempo. Todos viam já o seu palácio inundado por uma copiosa chuva de rublos, sem contar as valiosas condecorações e a posse de alguns milhares de escravos. « Catalina era generosa—como são todas as creaturas de sua especie. O amor, que é o grande chaveiro do coração e que possui o segredo de abrir todos os caminhos que a elle conduzem, quer perto quer à distancia, todas as barreiras e impecilhos, que na estrada se encontram. O amor apesar da sua maldita paixão pela guerra—de não podermos tomar a imperatriz para modelo de esposas, a menos que para tal não tivéssemos tambem de tomar a Clitemnestra ; e sem que isto seja dizer que mais valera a morte de um dos esposos do que arrastarem ambos taes cadeia. O amor havia aconselhado Catalina, que enriquecera a todos os seus amantes, circumstancia que muito a differençava da *semi-casta* Izabel (de Inglaterra) cuja proverbial avareza resistia a todas as generosidades, a acreditar-se nessa *descarada embusteira* a que chamamos *historia*. Todavia e posto que esteja demonstrado que a magua de haver feito decapitar um dos seus preferidos apressasse a velhice de Izabel, nem por isso ella deixou de ser pela sua desordenada e vil coqueterie, não menos que pela sua indigna avareza, o desdouro do seu sexo e a vergonha da sua elevada classe. »

Podia dar aqui uma curiosa *lista de despezas* afim de dar ideia da generosidade de Catalina para com os seus escolhidos amadores; preferi, porém, abreviar tão vergonhosa quão eloquente *somma*, prodiga e inutilmente esbanjada por Catalina em holocausto ao que ella chamava amor, dizendo que não era inferior a 400 milhões de rublos.

Ao amante em effectividade nomeava ella sempre seu ministro *interino da fazenda*; mas como de pouca

duração era essa interinidade, parece que os distinguidos não se descuidavam em aproveitar o tempo.

Catalina foi formosa por muito tempo, ou para melhor dizer, o foi sempre. Formosa, não sómente pela dominadora belleza que nas altas intelligencias resplandece, posto que, de origem allemã, mas sim, pela correção das fórmãs, se dermos credito a um busto feito pelo esculptor Falconet, a um quadro do museu de Versailles e a Diderot, emfim, que era um retratista de fina tempera.

Catalina costumava vestir-se de homem e esse traje assentava-lhe extraordinariamente, pois que tinha uma figura airosa para representar ambos os sexos. Seu porte sempre airoso, era tal qual o de Juno nos campos de batalha e o de Diana nos bosques de sua Ermida. De escassa estatura a havia feito a natureza, mas Catalina tinha a arte de se fazer parecer alta. Byron, que tambem a descreveu no zenith de sua formosura, pinta-a de olhos azues, Rulhière diz que eram castanhos. Porque os chamava de negros o principe de Ligne ?

A meu vêr, porém, ella os teve verdes, mas, desse verde mar, que passa do azul ao negro, seguindo o espirito que ás vezes tambem passa dos tranquillos lagos para os constantes ventos das tormentas. Minerva, Messalinas e Maria Stuart, tinham assim os olhos, e por elles e com elles triumphavam.

Catalina, reinou sobre quinhentas e quarenta e duas cidades e villas, quarenta provincias, innumerás ilhas desde Kantchatka até o Japão, e oitenta milhões de escravos (que escravos eram realmente). Morreu de um ataque apoplectico, sem ter ninguem a seu lado, absolutamente só, sem que um escravo sequer assistisse aos seus ultimos momentos, para sustentar aquella cabeça eheia de ardentes visões.

Ella protegia os litteratos, mais por amor às letras do que as suas glorias, pois que, tambem era dedicada a litteratura, e se bem que não fosse uma Mme. Sevigné, os seus trabalhos litterarios, não deixam de ter valor.

Os seus contos recompilados por Grimm, não são desapreciaveis, e a sua traducção do Belisario prova evidentemente os seus meritos. E' bem conhecida a maneira delicada com que ella se houve para com Diderot, quando este, urgido pela necessidade, quiz vender a sua bibliotheca. E' verdade que uma imperatriz não devia proceder de outro modo, mas podia sem duvida não o fazer tão gentilmente.

Ha ainda uma outra prova incontestavel de que as sympathias de Catalina visavam mais philosophia em si mesma, do que aos proprios philosophos : é a offerta de cem mil francos feita a d'Alembert, para que fosse ayo e preceptor de seu filho. Recusou-se o illustre homem por *philosophia*, segundo disse; porém procedeu erradamente, porque o seu dever como verdadeiro philosopho, era aproveitar o raro ensejo que se lhe offerencia, de actuar no espirito d'aquelle futuro imperador e fazer d'elle um Marco Aurelio.

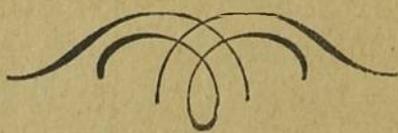
E a correspondencia de Catalina a Voltaire—a celebre correspondencia que ella antepunha a todos os seus prazeres—não é tambem uma irrecusavel prova do seu amor aos exercicios do talento? « A minha *Catalinota*,—costumava dizer nos seus momentos de bom humor o philosopho de Ferney—é amiga dos philosophos, por esta sublime fraqueza será seu marido responsavel aos olhos da posteridade? ! »

Nada era impossivel á Catalina, ella como Napoleão fez um codigo, creou uma academia e escreveu contos philosophicos, descobriu terras ignoradas, e pode-se dizer que edificou provincias.

Em resumo, Catalina commettia os crimes com a mesma despreocupaçãõ com que praticava as virtudes e por isso os historiadores tiveram sempre uma certa indulgencia na analyse das suas faltas.

Della, a quem Voltaire cognominou *Catalina a Grande*, pôde-se dizer que effectivamente o era, pois que na energia com que governava, mais parecia um rei que uma imperatriz.

Sem, portanto, que deva ser tomada como um modelo de virtudes privadas, Catalina pelos seus dotes de coração e pelo seu aperfeiçoamento intellectual bem merece o lugar que occupa na Galeria das Mulheres Celebres.



CLEOPATRA

No anno de 41 da era christã, Marco Antonio, que ao repartir o orbe com Octavio e Lepido, havia reservado para si o Oriente, achando-se em Tãrsis, mandou a Cleopatra por intermedio de seu ajudante Delio, a ordem de comparecer á sua presença afim de justificar-se de sua conducta, porque com effeito, a rainha do Egipto havia prestado auxilio a Bruto e a Cassio, contra Octavio e Antonio, na guerra civil que acabava de terminar então, com a morte dos primeiros em Filipos. Havia um mez que a ordem fôra expedida quando achando-se o Triumviro ministrando justiça em seu tribunal, fez-se subitamente em torno d'elle insolito rumor.

Corriam as gentes, desde as beiras do rio, fallando entre si com a rapidez e viveza familiares proprios dos orientaes, mostravam uns aos outros o horisonte e pareciam todos mui preoccupados por alguma cousa inaudita. Perguntou Antonio o que

acontecia:—Venus Astarte, lhe disseram, vem visitar a Baccho. Antonio mal comprehendeu a explicação, e sem embargo, ella foi sufficiente para excitar a curiosidade da multidão que em breve desertou do auditorio, correndo uns para suas casas, a darem o alarma a suas familias, e outros ao ponto indicado. Antonio ficou só em seu tribunal. Quem conseguia fazer a solidão em torno do poderoso pro-consul? Antonio ia sabel-o.

Ao som de harmoniosos canticos e envolta em nuvem de perfumes, vogava uma galera, tendo a pôpa de ouro, as velas de purpura e os remos de prata. Reclinada e sob um pavilhão feito do mais esplendido brocado oriental, via-se uma mulher, magnificamente vestida; abanavam-na brandamente com leques de pennas de pavão e avestruz, meninas semi-nús, tal como os pintores figuram os amores e com escravas, umas em trajas de Nereides e como as Graças, ataviadas outras, andavam do alcaçar ao aparelho da nave. Em ambas as margens do rio embalsamadas com o aroma dos perfumes, via-se uma innumeravel multidão, caminhando em seguimento d'aquella deidade que de um mundo desconhecido, era vinda a buscar altares e a impôr submissões; caminhando assim após a deusa, não por ordem d'ella, mas por vontade propria e pelo desejo de vel-a e admirar-a.

Aquella mulher, aquella deidade, aquella Venus Astarte, era em resumo Cleopatra, rainha do Egypto, que chamada a receber ordens de Antonio, vinha dal-as. Dez annos antes havia já feito ensaio de seu poder, em um homem muitissimo superior a Antonio, em Cezar. E como a mulher que se preparava para seduzir Antonio havia antes seduzido a Cezar? Digamol-o, porque de outro modo não seria completo o retrato que pretendo fazer de Cleopatra. Segundo os conselhos de Teofanes de Lesbos,

Pompeu vencido em Tarsalia, fugiu para o Egypto, mas antes de desembarcar em suas praias, julgou prudente avisar a sua chegada, ao joven rei Ptolomeu. Ptolomeu contava apenas 15 annos de idade e Cleopatra, sua irmã, 18; em virtude de seu direito de primogenitura, ella quiz apossar-se da suprema autoridade. Os confidentes de Ptolomeu, promoveram, porém, contra ella uma sedição, d'ahi a guerra.

E' sabido que ao pisar as terras do Egypto, Pompeu foi assassinado.

Cezar que seguia de mui perto o seu rival, chorou quando o embaixador, encarregado por Ptolomeu de cumprimental-o, desenrolando o manto, deixou cair a seus pés a cabeça de Pompeu. As lagrimas de Cezar eram a sentença do assassino. Aqui, disse o conquistador das Galias, assignalando com o pé a paragem em que a cabeça de seu rival rolára sobre a areia, aqui levantarei um templo á indignação! Acto continuo mandou intimar a Ptolomeu e a Cleopatra, cada um dos quaes tinha o seu exercito, para que os licenciassem e se apresentassem diante delle para expôr os seus direitos.

Cezar se havia installado em Alexandria, aguardando ahi o cumprimento de suas ordens quando lhe annunciaram que um homem pedia venia para offercer um tapete, como nunca teria visto igual. Cezar accedeu. E um homem chamado Apolodoro entrou com um tapete ao hombro, descançou-o sobre o sólo e desatou a correia que o sujeitava, e o tapete desenrolando-se por si só, delle sahiu uma mulher—Cleopatra em pessoa. Aquelle ardil de mulher espirictuosa encantou a Cezar.

Cleopatra não era precisamente uma mulher de deslumbrante formosura, mas o que vale mais, era feiticeiramente encantadora. Pequena de corpo, porém, admiravelmente bem fornecida, era uma mu-

lher cheia de graça, de *coquettismo* e de espirito. Fallava correctamente não só a lingua materna, mas ainda a grega, a latina, e as da Syria e da Asia. A magnificencia de seus vestidos prendia a quantos o viam com cadeias de ouro e diamantes, era emfim a realisação da fabula da sereia, com a differença de ter todo o corpo de mulher.

E' de presumir que ella não desagradasse muito a Cezar, pois, quando no dia seguinte ao de sua apresentação, Ptolomeu chegou, desde logo, observando umas certas familiaridades entre o grande general romano e sua irmã, comprehendeu que o seu pleito estava perdido.

Dissimulou não obstante, o moço, com a astucia de uma raposa, não deixando transparecer o que presumia, até que, quando menos se pensava disse adeus ao palacio, e começou a percorrer as ruas de Alexandria, gritando que era um homem perdido. Aos clamores de seu rei, armou-se o povo e cercou Cezar, que em companhia de Cleopatra, retirou-se para o theatro que converteu em cidadella.

Aquella guerra feita por amor de uns lindos olhos, foi na antiguidade, igual a que em nossos dias se chamou da *Fronde* em França.

Grande risco corria Cezar na improvisada cidadella, de ver-se com Cleopatra sepultado sob as suas ruinas, faltando-lhe a armada, que em parte o inimigo, em parte, elle proprio, incendiaram; mas tirou-o do apuro Mitridotes de Pérgamo seu lugar-tenente, apparecendo, inopinadamente, á recta-guarda dos sitiadores. O exercito egypcio foi completamente desbaratado e Ptolomeu afogou-se quando fugia. Cezar comquanto estivesse cada vez mais enamorado por Cleopatra, teve comtudo de resignar-se a deixar o Egypto e regressar a Roma.

Oito mezes depois da partida de Cezar, Cleopatra deu á luz um menino que recebeu o nome de *Cezarion* e seis mezes mais tarde ella passou-se para Roma.

Cezar recebeu-a em seu palacio e fel-a admittir no numero dos amigos do povo romano, e no templo por elle mandado erigir á *Venus victoriosa* em lembrança da batalha de Fansalia, em frente da deusa, mandou collocar a estatua de Cleopatra, feita de ouro fundido. Taes honras tributadas á uma estrangeira, que além disso era rainha, desagradaram profundamente ao povo romano, tão inimigo dos *reis* como o prova o facto de haver sido assassinado o proprio Cezar, apenas quiz tomar o titulo de rei. Aquelle descontentamento se revelou por forma tão ameaçadora, que o dictador se vio na necessidade de fazer Cleopatra regressar ao Egypto. Cezar não voltou mais a vel-a.

Durante a guerra contra Bruto e Cassio, a rainha, como já dissemos auxiliou os republicanos.

Um terceiro em discordia.

Reinava então no Mediterraneo, um seductor pirata, um ser entre phantastico e pittoresco, que com duas mil embarcações o sulcava, vestindo uma tunica azul como as ondas e dizendo-se filho de Neptuno, para mais confiança inspirar a seus marinheiros. Esse homem era o joven Sexto Pompeu. Vio-o Cleopatra no alcaçar da sua galera de tres ordens de remos, e pareceu-lhe bello; elle por sua parte, achou-a encantadora, e embora elle não conseguisse fazel-a esquecer a Cezar, pelo menos conseguiu ser seu antecessor.

Naturalmente Sexto Pompeu era alliado de Bruto e Cassio, partidarios do grande Pompeu, d'ahi a sympathia de Cleopatra pelos que foram chamados os *ultimos romanos*. D'ahi tambem a ordem de Antonio á formosa rainha, mandando que comparecesse

para dar a razão de sua conducta na cidade de Tarsis. Como chegou a ella e que effeito produzio a sua chegada, já o hei dito.

De seu tribunal, onde só e de pé o deixei, estendia Antonio as suas vistas, sobre o conjuncto do espectáculo, que hei descripto, sem poder distinguir cousa alguma. Pouco a pouco, porém, foram os objectos se isolando e seus olhos se fixaram sobre a galera, centro de todo aquelle movimento, mas apenas se encontraram com os de Cleopatra, já não puderam mais della desviar-se.

Como todos os barbaros, e Antonio era uma especie de barbaro, deixou-se captivar pelos olhos. Antes mesmo de Cleopatra fallar-lhe já elle estava rendido. Disseram a ella quem era Antonio, mostrando a sua pessoa, ella lançou-lhe um olhar descuidado e seguiu conversando com Charmione, sua confidente.

A galera deu fundo e de seu costado á margem estendeu-se uma ponte, coberta com um tapete magnifico. Cleopatra levantou-se como a custo, e caminhando negligente e preguiçosamente, como si o andar lhe fosse insolita e invencivel fadiga, saltou em terra apoiada ao braço de sua penteadora.

Apenas desembarcada, approximou-se della um mensageiro de Antonio, convidando-a para ceiar com o seu amo, ella porém, recusou o convite, dizendo que preferia recebê-lo no palacio que para ella havia mandado preparar. Dito isto proseguiu em seu caminho, sem preoccupar-se si Antonio iria ou não. Antonio foi e ficou deslumbrado.

Cleopatra sabia fazer de tudo quanto a rodeava um quadro admiravel. A magnificencia do salão em que recebeu o pro-consul pareceu-lhe maravilhosa ainda para aquelle homem que ella julgava já haver visto todas as magnificencias do Oriente. Do salão

de honra levou a rainha o seu hospede para a sala do festim. Ali, magica mão havia semeado as luzes cujas chammas se evolavam mysteriosamente e em caprichosos debuxos, dir-se-ia que era aquillo a realisação inesperada de uma encenação oriental.

Até ao romper da aurora, estava Antonio no leito do festim, saboreando desconhecidos vinhos e manjares, cujos nomes ignorava, e ao separar-se de Cleopatra rogou-lhe que por sua vez fosse ceiar com elle, concedendo-lhe a rainha a graça solicitada.

O pro-consul reuniu em torno de si todos que julgou capazes de servir-lhe de conselheiros em materias gastronomicas, incluindo cosinheiros e adornistas, mas bem depressa reconheceu que tudo era inutil. Chegada a noite, teve de confessar o quanto era grosseiro e mesquinho o seu festim, e por fim, dando-se por vencido, prostou-se aos pés de Cleopatra, para de suas mãos vencedoras, receber as cadeias do captiveiro. Por sua vez Cleopatra, n'aquella entrevista, promptamente comprehendeu quem era Antonio, e descobrindo nelle um soldado mouro, mais acostumado a grosserias do que a agudezas de espirito, desceu de seu throno de deusa para baixar ao nivel mais que prosaico da alma do triumviro.

Antonio separou-se della louco de amor. Esqueceu-se de tudo: de Roma, de Octavio, de Fulvia, da guerra dos Partos. Tudo, tudo esqueceu para só amar e seguir Cleopatra até ao Egypto. Fez a rainha sua entrada em Alexandria com o seu leão encarnado, tal era a sua maneira de *triumphar*.

Completamente submettido ao poder da encantadora que, succedendo a reis que apenas fallavam o egypcio, sabia exprimir-se elegantemente nas linguas etiopica, troglodita, arabe, hebréa, syriaca, media, grega e latina, rejuvenecido ao calor de sua joven amada, que por sua vez soube-se fazer uma bacchante

para o seu hercules, uma vivandeira para o seu soldado, gosou Antonio com ella dias de louca embriaguez, a que Plutarco chama *a vida inimitavel*, caçando, jogando e bebendo.

Durante a noite, a rainha e o pro-consul, disfarçados em trages de escravos, corriam as ruas de Alexandria, gritavam, alta noite, às portas das casas, insultavam os cidadãos, espancavam, eram espancados e retiravam-se por fim, ao romper da aurora, cada vez com mais amor, por parte de Antonio, pelo menos. Durante o dia, ora vogavam sobre o lago, ora iam a Canope; ora se divertiam atirando, com arco e flecha, exercicio esse em que Antonio era mui dextro, ora se entregavam a pesca, arte desconhecida pelo triumviro. Por isso impaciente, em certa occasião, com a sua impericia, mandou secretamente, que se procurasse alguns peixes vivos e que um mergulhador submergindo-se os prendesse opportunamente no anzol.

Antonio teve então o prazer de tres vezes ver submergir-se a cortiça de sua linha e puxar para a margem, tres magnificos peixes. Felicitou-o Cleopatra pelo triumpho, porém, sem cahir por sua parte no anzol, deu tambem suas ordens secretas, e quando Antonio uma outra vez puxou do anzol, veio a elle preso um *arenque salgado*—é que o mergulhador de Cleopatra havia sido mais veloz do que o de Antonio. Bem desejo teve este de encolerisar-se seriamente, ella porém, com a sua voz melodiosa como um cantico, e no doce idioma jonico que devia ser o da deusa da voluptuosidade, disse-lhe: — Imperador, deixa a cana e o anzol a nós outros que reinamos desde Faro a Canope—a pesca propria de ti é tomar cidades, vencer reis e conquistar reinos.

Antonio querendo formar para Cleopatra um reino, que mais tarde se propunha a governar com

ella, reunio ao Egypto todos os paizes maritimos e commerciantes do Mediterraneo Oriental, a Fenicia, a Celisiria, a ilha de Chipre, uma grande parte da Cilicia, o cantão da Judéa, que produz o balsamo e a Arabia dos Nabatienses, por onde transitam as caravanas da Africa e India. Tão evidente adopção dos vencidos, tão clara idolatria por uma rainha, rebelaram os romanos contra Antonio. Com effeito, sobre estrado de prata, fez elle erguer dous thronos de ouro, um para elle e outro para Cleopatra com Cezarion, a quem declarou filho de Cezar, e não contente com isso deu o titulo de *rei dos reis* aos dois filhos, Alexandre e Ptolomeu, dotando o primeiro com a Armenia, a Media e o reino dos Partos, que se propunha a conquistar, e o segundo com a Fenicia, a Siria e a Cilicia.

Ambos foram por Antonio apresentados ao povo. Alexandre, o maior, vestido com a tunica meda e tocado com o gorro ponteagudo que chamam Cydanis, e que foi sempre a corôa dos reis meda e arménios. Ptolomeu, o menor, com largo manto, douradas chinellas e gorro com diadema. Desde esse dia Cleopatra usou por sua parte o traje de *Isis*.

Por tudo isso, motivos de sobra tinha Octavio, para declarar guerra a Antonio, porém como prudente que era, Octavio soube esperar, Antonio preparava-se para combater os Partos e podia mui bem acontecer-lhe o que aconteceu a Craso, e pouco faltou para que assim fosse. Com effeito Antonio foi derrotado, porém mais discreto do que Craso, em vez de retirar-se para a planicie, refugiou-se nas montanhas, salvando por essa forma, aos quarenta mil homens com que eutrou em campanha.

A occasião era opportuna e Octavio aproveitou-a para romper com elle. Accusou pois a Antonio de haver desmembrado o Imperio, de haver introduzido

Cezarion na familia de Cezar e de haver feito os seus soldados, os soldados romanos, levarem nos escudos, as insignias de uma rainha; pintou-o ainda, seguindo a pé a liteira de Cleopatra, confundido entre os seus ennuchos, interrompendo os seus trabalhos no tribunal, ante reis e tethrarcas, para lêr os amorosos bilhetes que em laminas de crystal e coralina lhe enviava Cleopatra e deixando, até um certo dia, com a palavra na bocca á Furnis, um patricio romano, que diante delle allegava por ir ao encontro de um escravo dos que levavam a liteira da rainha. Em consequencia disto e a conselho de Octavio, o senado destituiu a Antonio do poder triumviral e declarou guerra a Cleopatra. Tal decreto era simplesmente a guerra entre o Occidente e o Oriente.

Antonio marchou contra Octavio, com duzentos mil infantes, doze mil cavallos e quinhentos navios, levando comsigo os reis de Celicia, Capadocia, Paflagonia e Tracico, e corpos auxiliares dos exercitos dos monarchas do Ponto, dos Arabes, dos Judeus e dos Gulatos. Octavio tomou a iniciativa atravessando o mar com uma enormidade de navios e desembarcando em Accio á frente de cem mil homens.

Em favor de Antonio estava a superioridade numerica, mais contra elle os presagios. Pisauro, colonia por elle fundada nas margens do mar Adriatico, submergio-se nas entranhas da terra. Em Alba uma estatua de marmore em sua honra erigida, appareceu muitos dias banhada de tão copioso suor que não foi possivel seccal-o nem mesmo enxugando-o repetidas vezes. Um raio partio em Partos o templo de Hercules de quem Antonio se dizia descendente. Em Athenas o vento derrubava a estatua de Baccho e Antonio appellidava a si proprio de moderno Baccho, como appellidava a Cleopatra de moderna Isis. O ultimo, porém, o mais ameaçador de todos os sinistros sig-

nios, teve lugar na galera de Cleopatra, a qual a rainha tinha dado o nome de *Antoniada*. Certas andorinhas que debaixo da pôpa haviam feito os seus ninhos foram d'ahi violentamente expellidas por outras, que na peleja deram a morte aos filhos da primeira.

Antonio queria pelejar em terra, mas Cleopatra preferio o mar para campo de batalha. Em terra dizia, foi Pompeu vencido nos campos de Tarsalia e derrotados Cassio e Bruto, ao passo que no mar, Diulio desfez a frota Carthagineza, Cezar a armada dos Venetos e Agripa os navios de Sexto. Se a esquadra se perdesse ainda restava um grande recurso no exercito que era duplo do de Octavio, mas derrotado o exercito a frota só para a fuga podia ser aproveitada. Cleopatra era tão conhecedora da historia como da estrategia. Antonio acceitou o conselho e o Oriente e o Occidente vieram ás mãos nas aguas de Accio. Durante quatro dias a agitação das ondas impossibilitou a batalha, mas ao quinto dia, amainando o vento, avançaram as duas armadas, uma contra outra. Antonio e Publicola, commandavam a ala direita e a esquerda era commandada por Celio. Tambem Octavio se havia collocado á frente da ala direita de sua esquadra, confiando á esquerda á Agripa.

Grande era a confiança do futuro Augusto, pois aquella mesma manhã ao desembarcar no batel em que devia de pelejar, encontrou-se com um homem montado em um jumento e perguntando-lhe o seu nome e o do jumento, elle ousou responder-lhe desta maneira:—« eu chamo-me *Eutycho* e o meu jumento *Nicon*. » Resposta que Octavio agradeceu aos deuses como venturoso presagio, porque *Eutycho* quer dizer feliz e *Nicon* equivale a victorioso.

Cleopatra com sessenta baixeis occupava o centro da linha de batalha de Antonio. Travou-se o combate e no mais encarniçado delle, quando a victo-

ria ainda estava duvidosa, de repente sem que a menor apparencia de perigo motivasse uma retirada, Cleopatra fazendo largar as vellas de sua navegação emprehenheu a fuga, passando pelo meio dos combatentes. Antonio vio-a fugir e sentio o coração desfallecer. Como bem disse um poeta grego, o namorado tem o coração no peito alheio.

Antonio tudo esqueceu, sua fama, a victoria e o dominio do mundo, tudo, tudo esqueceu para seguir Cleopatra. Fugindo da batalha, perdeu-se a si proprio e cedeu o universo a Octavio. Pela terceira vez os deuses se declararam inimigos ao Oriente e propicios ao Occidente.

No proceder de Cleopatra houve mais traição do que fuga. Realmente aquella *coquette* que já havia sido amante de Cezar e de Antonio, não desejaría tambem sel-o de Octavio? sua reaparição em Alexandria assemelhou-se a um triumpho, as pôpas de seu navio iam coroadas de flores.

Antonio, pelo contrario, sombrio e silencioso, procurando então evitar a sorte de Pompeu assassinado, ou suicidando-se a exemplo de Bruto, mandou a Octavio um mensageiro, offerecendo-se a morte, se elle promettesse respeitar a vida da rainha. Cleopatra, por seu lado, tambem enviou um mensageiro ao vencedor, offerecendo abrir as portas de Polusa e entregar-lhe Antonio.

Antonio se havia retirado para uma fortaleza, por elle construida e denominada—Torre de Timon, mas Cleopatra temerosa dos effeitos do desespero mais aggravado pela soledade e porque vivo e não morto, havia promettido entregal-o, tirou-o d'ali e levou-o para o seu palacio. Renovar com elle as voluptuosas horas da *vida inimitavel* não era já possível, porém em compensação, ella inventou a *sociedade dos inseparaveis ate à morte*, para esperar entre

festas e prazeres a tempestade que do Norte veria e quando ella estalasse, deixar-se-ia fulminar por seus raios. O coração de Antonio presagiava, porém, para elle, cousa mais terrivel.

Se Octavio te perdôa, se de ti se enamora? dizia elle a Cleopatra. Ella, porém, para tranquilisal-o jurava-lhe merrer e no fim de seus banquetes entre as amphoras e os vasos, no meio das flôres e dos perfumes, ensaiava em suas escravas todos os venenos conhecidos a vêr se por fim encontrava algum que fosse voluptuoso. Emquanto isto succedia, Octavio approximava-se.

Antonio recobrando o valor ao ouvir echos da voz de seu rival, reúne os restos de seu exercito, sahe-lhe ao encontro, e ás portas de Alexandria peleja com a coragem de um leão enfurecido, e por fim rechassa as forças inimigas. Corre em seguida aos braços de Cleopatra e ainda que a encontrasse consternada pelo seu apparente triumpho, obstinando ainda em confiar nella, apresenta-lhe os seus guerreiros que mais se distinguiram.

No dia seguinte a fortuna vira-lhe as costas, sua cavallaria foge diante do inimigo, sua infantaria é destroçada e a esquerda egypcia se encorpora a Octavio. Só e vencido acaba de entrar em Alexandria, quando as escravas de Cleopatra, desfeitas em pranto, sahem-lhe ao encontro, dizendo-lhe que sua amante acabava de suicidar-se. Então exclama Antonio, «toca agora a mim a vez de morrer.» Chama um escravo a quem havia dado a liberdade, com a condição de que o mataria, logo que isso fosse ordenado, mas chegado o momento, o liberto em vez de obedecer, suicidou-se. Antonio então cravou no peito a propria espada e nesse momento soube então que Cleopatra o havia enganado, que vivia ainda, e que estava retirada com todos os seus thesouros em um fortificado

mausuleu que de antemão havia mandado construir. Desejando o enamorado moribundo expirar nos braços de sua amada, ou ao menos a seus pés, ordenou que o conduzissem á sua presença, mas Cleopatra prohibio que se abrissem as entrincheiradas portas do mausuleo e o infeliz ferido teve de ser içado em cordas, pelas escravas, até uma janella e depois o depositaram no fundo d'aquelle sepulchro. Antonio expirou apenas descansaram o seu corpo; seu ultimo olhar estava cheio de amor, sua ultima palavra um consolo.

Os soldados de Octavio penetraram no mausuleu pela mesma janella que havia dado ingresso ao moribundo Antonio. Ao vel-os Cleopatra fingio querer matar-se com um punhal que trazia na cintura; detiveram-lhe o braço, e foi o que ella desejava, sendo seu intento apenas que o Cezar soubesse que ella havia tentado matar-se.

Octavio nada mais temia do que a morte de Cleopatra, pois por um lado parecia-lhe que ainda era bastante bella para figurar admiravelmente em seu triumpho, e por outro, sabia que ella era immensamente rica e que se havia encerrado no mausuleo com todos os seus thesouros, e os taes thesouros jaziam sobre uma grande quantidade de aromaticas e combustiveis madeiras, envoltas em uma capa de estopa e cynamono—uma unica scentelha e tudo desaparecia dentre as mãos de Cezar. Solicitou pois uma entrevista, e Cleopatra que não desejava outra cousa, concedeu-lh'a de prompto.

Curiosa devia ser aquella conferencia, em que aquelles dous mais astutos mortaes então conhecidos se encontravam face á face. Cleopatra aos pés de Octavio poz em jogo todos os recursos, todos os encantos que tão bons resultados deram com Cezar e com Antonio. A principio, vagamente, depois com

mais clareza e por fim positivamente, Octavio prometteu a Cleopatra deixar-lhe o reino e o poder e retirou-se em seguida. Cleopatra já respirava, acreditando ter vencido o seu vencedor, quando Dolabela, um dos tenentes de Octavio, que a havia visto e que della se apaixonára, lhe atirou pela janella um papel em que estavam escriptas estas palavras: «Nada creias do que Octavio te ha offerecido, dentro de tres dias te levará consigo para Roma, para que figures em seu triumpho.»

Cleopatra mostrando este bilhete a Charmione e a Iras, disse-lhe: está visto, é preciso morrer.

— Deu então a uma dellas urna carta para Octavio, e á outra disse: e tu avisa ao rustico que sabes, que desejo comer figos.—As escravas obedeceram.— Em sua carta Cleopatra solicitava de Octavio permissão para ir fazer as libações funebres do costume no sepulchro de Antonio:—concedeu-lhe o vencedor, sem enxergar perigo algum nisso.

Fez-se Cleopatra conduzir em uma liteira ao lugar da sepultura, que era uma aboboda subterranea sob a qual e apressadamente se havia erigido o tumulo. Arrojando-se sobre elle e em presença de todas as suas escravas e servidoras, Cleopatra, disse:

— « Quando, ha apenas alguns dias, meu amado Antonio, te depositei neste ultimo asylo, ainda era livre, hoje sou escrava, faço com sentinellas á vista, estas libações sobre os teus miseros restos. Temem, sem duvida, que com minhas proprias mãos desfigurasse, com golpes, este corpo destinado a glorificar a victoria de Augusto; não temas, porém, que eu figure na solemne pompa, que para triumphar de ti, se prepara. Emquanto vivos, nada conseguio separar-nos; depois de mortos nos levarão a lugares bem diversos dos de nossos nascimentos. Tu romano, descansarás no seio da terra do Egypto, eu egypcia serei recebida

em Roma. Meu Antonio, meu ultimo consolo será ser sepultada ali, onde tu viste a luz, pela primeira vez. Se algum poder, se alguma força tem os deuses em tua patria, já que os meus nos hão atraídoado, consegue delles que o teu espirito não me abandone, não consintas que de ti se triunphe, levando-me atada ao carro do triumphador. Occulta-me aqui, dá-me um lugar na tua tumba, ao teu lado, porque entre as infinitas penas que me acabrunham, a maior e a mais intoleravel é o breve tempo que me tenho visto obrigada a viver sem ti. »

Havendo assim desafogado a sua dôr, beijou Cleopatra o sepulchro, ornou-o de flôres, mandou que lhe preparassem um banho, tomado o qual sentou-se á mesa em que foi servido um opiparo banquete.

Emquanto Cleopatra cejava, apresentou-se á porta do mausuleu um rustico, do campo proximo, pedindo vêr a rainha, e como as sentinellas o detivessem, elle mostrando-lhes um cestinho que na mão levava, fez-lhes vêr que ia cheio de magnificos figos. Levo figos para a rainha, disse-lhe, e os soldados o deixaram passar. Aqui está o homem, murmurou Iras ao ouvido da rainha. Empallideceu Cleopatra, mas voltando-se para buscar o rustico, disse-lhe: acerca-te. Obedecendo o campesino, adiantou-se até entrar na zona luminosa que circundava a rainha. Onde estão os figos, disse-lhe Cleopatra? Eil-os aqui.

Mandou então a rainha pôr o cestinho sobre a mesa, e não sem vacillar, decidio-se a levantar, ella mesmo, as verdes folhas que encobriam o fructo. Entre os figos, uma *aspide* movia a cabeça chata e negra, tão horrorosa, quanto pequena. Ah! exclamou Cleopatra, approximando o braço do venenoso reptil, que a mordeu immediatamente. Já é tempo de levar

a Cezar a minha segunda carta; nella annunciava a Octavio a sua morte e pedia-lhe que a fizesse enterrar junto de Antonio.

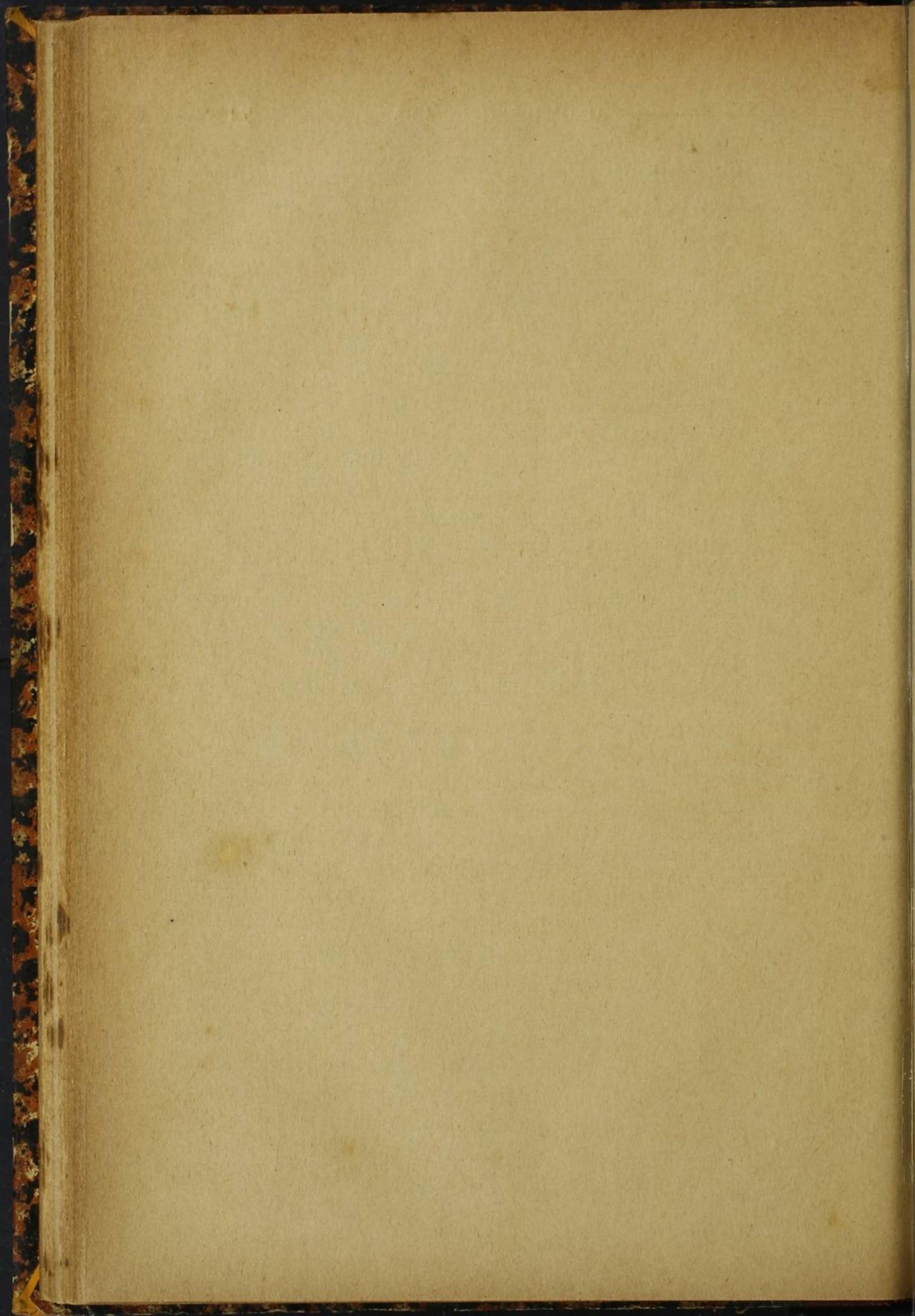
O primeiro impulso de Cezar foi de correr e verificar com seus proprios olhos a verdade do feito, porém, temendo cahir em algum laço, mandou primeiro alguns soldados. Os que velavam á porta do mausuleu ignoravam o que occorria. Os enviados de Cezar penetraram pressurosos no funebre recinto.

Cleopatra revestida de seu regio traje estava morta sobre um throno de ouro. Iras que acabava de expirar, jazia a seus pés, e Charmione, tambem expirante, endireitava na frente de sua senhora o diadema que se torcera, nas convulsões da agonia.

Oh! exclamou um dos enviados, isto é bellissimo Charmione. Bellissimo sem duvida e digno de uma mulher descendente de tantos e tão grandes monarchas, respondeu a escrava, que fiel até a morte rolou cadaver aos pés de sua senhora, apenas ditas estas palavras.

Assim viveu e morreu Cleopatra; rainha do Egypto.





Izabel a Catholica

.....

Não ha na historia, epoca mais fecunda em acontecimentos do que a segunda metade do seculo XV, a qual cerrando as portas á idade média, as abriu á epoca moderna em que haviam de transformar-se, tanto o orbe politico como o orbe religioso. Ao mesmo tempo que o horizonte intellectual da humanidade se dilatava com a acclimação das artes e das letras da Grecia antiga no solo italiano, o horizonte terrestre, tambem, tendia a estender-se, com a descoberta do Novo Mundo, que a sciencia em suas mais audazes pesquisas, até então, nem sequer ousara suspeitar. Excitado e animado pelo feliz exito de suas primeiras temeridades, o genio do homem, sentia crescer de instante a instante, sua audacia e sua força, e particularmente na Europa meridional, vio-se que os italianos, os portuguezes e os castelhanos rivalisavam, estimulados pela mais ardente emulação, em

conquistas mercantis, politicas e intellectuaes. De todas essas nações, porém, era Castella a mais capaz e disposta para aproveitar-se de tão singular concuiso de circumstancias; e emquanto os outros povos, só por seus interesses emprehendiam conquistas, Castella, havia pelejado e vencido somente em nome da «Fé». Collocada em primeira linha entre os defensores da christandade, isolada por sua posição e unica em suas condições, n'ella se concentraram todos os interesses do catholicismo, pelo qual havia sustentado acirrada luta contra «El-Koran» e com ardente zelo combatido quer na Europa quer no proprio solo, com exito, pela causa que os proprios «cruzados» não souberam fazer triumphar no Oriente. E o mundo não só applaudia os heroicos esforços dos castelhanos mas ainda, presentindo que alguma cousa de grande seria a recompensa de tão generosa fé, via, sem sorpresa, embora com assombro, ao cabo de sete seculos de divisão e fraccionamento, reunir-se debaixo de sceptro unico, os christianissimos reinos de Castella, Aragão e Navarra, assim como os mouriscos reinos de Cordova e Granada, e formando, assim, a mais poderosa e opulenta monarchia do Universo; e a mão de uma mulher foi a predestinada para humilhar o «crescente» e cimentar a unidade hespanhola, porque a firmeza do catholicismo, a diffusão das luzes, a extensão do territorio, a centralisação do poder e a restauração da autoridade legitima foram obra, mais que de Fernando, de Izabel, sua illustre esposa; d'ella partiram as grandes idéas e não somente foi sua a iniciativa, mas pôde se assegurar até que já as tinha, e que já as havia projectado mesmo antes de cingir-se a corôa e de dar a sua mão ao rei da Sicilia, principe de Aragão. Fernando, pôde-se dizer que foi o braço direito, a espada d'aquelle reinado de que Izabel foi o espirito e o conselno.

Não ha meio de estudar-se essa época brilhantissima da nação hespanhola, sem que o nome illustre d'aquella grande rainha, nobre figura, entre as mais nobres da historia, douta e guerreira heroína, que soube conservar-se simples e pobre no meio do fausto de Alhambra e das magnificencias da côrte, e sem perigo para a sua modestia, recebia as justas homenagens de admiração dos christãos e outros cavalheiros menos cultos, porque contra todo o genero de seducções, sua piedade a protegia ; é impossivel repetimos ainda, estudar aquella época, sem que appareça logo o nome de Izabel a Catholica, radiante de uma aureola da gloria immaculada e circumdada de uma grandeza sem igual.

A Henrique III de Castella, chamado o enfermo, succedeu na tenra idade de dois annos, seu filho D. João II, tão debil de espirito, como de physico, como ohavia sido o seu progenitor. Festas e torneios, musicas e banquetes, a caça emfim, foram as occupações exclusivas d'aquelle monarcha, em cujo nome, effectivamente, reinou «D. Alvaro de Luna» ministro de seus prazeres, e por D. João elevado á alta dignidade de Condestavel de Castella.

Fivalisava o valido em luxo, com o seu amo, vivendo com toda a ostentação de um principe, com seus gentis homens, seus cortezãos, seus poetas, seus chronistas, como qualquer soberano, pois é sabido que a chronica de D. Alvaro, occupa hoje uma importante parte entre as autoridades historicas. Com prejuizo das forças e da fé de Castella, durou cerca de meio seculo o reinado de D. João II, o qual em seu leito de morte confessou a sua indignidade, deplorando, ainda que tarde, não haver nascido em alguma ignorada choça e bem longe do throno que tão mal havia occupado. Duas vezes contrahio matrimonio aquelle pusilanime monarcha, a primeira com D. Ma-

ria de Aragão, de quem houve o príncipe D. Henrique, a segunda com D. Izabel, de Portugal, da qual lhe nasceram a nossa heroína e o infante D. Alonso. Henrique IV, renovando no throno todas as fraquezas de seu pai, submetteu-se desde logo ao jugo de um valido: D. João Pacheco, marquez de Vilhena, antigo pagem do Condestavel D. Luna.

O thesouro publico estava esgotado desde o anterior reinado, mas nem assim se pôz paradeiro ás extravagantes magnificencias e ás vergonhosas larguezas; multiplicaram-se os escandalos e por fim a mais deploravel corrupção abalou as entranhas do Estado.

Mal se havia fechado a lousa funebre sobre o cadaver de Henrique III e já seu primogenito e successor desterrava a desconsolada viuva, com seus dois filhos: D. Izabel e D. Alonso, no mesmo mosteiro de Arevalo em que D. Pedro, o cru, havia encerrado a infeliz Branca de Bourbon, no dia immediato ao de suas bodas. Apenas 4 annos de idade tinha D. Izabel, e seu irmão era ainda de berço. Sem amparo e esquecida, permaneceu por largo tempo, a triste familia, n'aquella soledade. Os reaes orphãos, carecendo de certas commodidades, que o habito torna em necessidades, padeceram todos os rigores da miseria, em uma indigencia relativa, e como complemento de sua desdita, aggravava-se a melancolia da viuva de Henrique III, pelo sentimento da penosa situação em que se encontrava com seus filhos, e isso acabou por exacerbar-lhe o character e perturbar-lhe a razão. Desde então repartindo sua ternura por sua mãe e seu irmão, porque ambos, igualmente, della, necessitavam, D. Izabel, embora em uma idade em que as demais creaturas, ditosas com a sua imprevisão e sentindo que um solícito affecto vela por ellas, só conhecem da vida os brinquedos, as alegrias e as caricias, comprehendeu que tinha, no mundo, grandes deveres

a cumprir. Os mesmos cuidados a que a sua situação a obrigava e a dura necessidade em que se vio de entregar-se à reflexão, em tão tenros annos, anteciparam a maturidade de seu espirito, dando ao mesmo tempo a seu character uma mescla de vigorosa firmeza e de varonil energia que só se adquirem ao crysol da adversidade. Que lição mais eloquente do que o espectáculo de sua propria mãe, hontem sobre o throno e cercada de honras e adulações e hoje, sem diadema, pobre, desterrada e demente?!... Assim, desde os primeiros annos, compenetrrou-se a joven infanta, e com a idade mais e mais comprehendeu, que só em Deus podia depositar a sua confiança.

E assim se ia arraigando na alma de nossa illustre princeza, lá no silencio e na obscuridade do seu solitario desterro em Arevalo, o sentimento religioso seu unico recurso e tambem sua unica instrucção, pode-se dizer, pois que no fim de alguns annos, a ignorancia em que el-rei deixava crescer a princeza e seu irmão, deram logar a que os bispos, secundados, por uma parte da «grandeza», representassem energicamente contra tão culpavel abandono. Henrique, então, aparentando, emendar seus erros, mandou que os infantes fossem trasladados para a sua côrte, sob o pretexto de querer elle proprio velar pela educação delles, mas em verdade para tel-os como refens em sua mão. Transportada, assim, subitamente da soledade e pobreza do mosteiro de Arevalo, para o scenario em que a rainha sua cunhada, dissipava a vida, em festas, caçadas e torneios, esforçando-se por occultar, sob o manto do luxo, a infamia de sua vida privada, não se deixou Izabel fascinar por sua repentina elevação, nem cedeu á vertigem do orgulho.

Corrompida estava a atmospherá que respirava; a lisonja a perseguia; com perfidos conselhos, inimigos tão gratuitos quanto implacaveis procuravam ex-

travial-a; a inveja espreitava seus passos e recolhia até a menor de suas palavras, até o mais insignificante de seus olhares, procurando servir-se de tudo, para inimizar-a com sua cunhada, tudo porém, foi em vão; sua prudencia, sua subtil penetração, sua constante reserva, seu amor ao estudo, sua silenciosa deferencia com el-rei seu irmão e tambem com a propria rainha, e sobre tudo sua sincera e fervente piedade, a fizeram evitar quantos laços a perfidia cortezã lhe havia armado, com infernal habilidade

Entretanto nem o esgotamento do Thesouro, nem a indigencia dos povos continham os desperdicios da Côrte, que parecia querer abafar o grito da miseria publica, com o estrondo de suas desbragadas festas. Movido por uma louca vaidade e arrastado por imprudente ardor, lançava-se el-rei já ao escandalo, já aos perigos, prodigo de seu insensato valor, até que emfim, revoltados e descontentes, sublevaram-se os nobres, formando uma confederação que denominaram a «santa liga» com o fim de desthronar a D. Henrique, coroando em seu lugar, o infante D. Alonso; conseguindo, habilmente, que o proprio rei lhes entregasse seu irmão, menino de onze annos, acclamaram-no, com effeito, solememente na cidade de Avila, destituindo com formula de notavel escarneo e de insolita audacia a D. Henrique, que desatinado foi com a rainha e a infante D. Izabel, refugiar-se em Salamanca.

Em breve, e quando já Segovia, havia aberto as suas portas aos partidarios do infante, se lhes incorporou D. Izabel, em cuja companhia passou D. Alonso à Valladolid, que tambem o reconheceu como soberano. Mas, quando já visivelmente prosperava a sua causa, ganhando cada dia novos adeptos; foi uma manhã, encontrado morto em seu leito. Uns attribuiram tal desdita á peste, que então reinava, outros,

não obstante, á causa menos natural e mais sinistra.

Retirou-se immediatamente D. Izabel a um mosteiro de Avila, aonde, uma deputação da grandeza, presidida pelo arcebispo de Toledo, lhe foi offerecer a corôa, ella, porém, respondeu, que nem o amor de irmã, nem o respeito que a seu rei professava, consentiam em acceitar tal proposta. Em vão outra deputação de Sevilha, não menos importante que a presidida pelo arcebispo, insistio, com empenho por aquella proposta, nada conseguiu alterar a resolução de D. Izabel, com quem por fim el-rei, vencido por tanta fidelidade reconciliou-se logo.

Dezoito annos, apenas contava, então aquella perfeita princeza a quem o céo reservava tão altos quão gloriosos destinos, porém já a precoce madureza de seu claro engenho lhe havia feito comprehender que encontrando-se, como estava nos degraus, superiores do throno, para ella a escolha de um esposo, não podia ser negocio exclusivamente de coração e que em sua elevada posição devia mais attender aos interesses de uma grande nação do que á tyrannia dos affectos e até ás exigencias da felicidade domestica.

Assim, pois, entre todos os coroados pretendentes á sua mão, fez D. Izabel recahir a sua escolha, de accordo com o indicado pelas côrtes de Castella, em seu primo D. Fernando, então rei de Sicilia e herdeiro do sceptro de Aragão, que estava em mãos de seu pae D. João II. D. Fernando de Aragão que, como D. Izabel descendia da casa Trastamara, reunio, casando-se com ella, os direitos dos dois ramos da dynastia que, desde o principio do seculo XII, reinava em Leão e Castella; era um principe que havia já então dado inequivocas mostras de superior capacidade e de grande valor, assignalando-se seis annos (1463) pela victoria que, sob os auspicios do Conde de Prades, e contando apenas 13 annos de idade,

ganhou em Cafua, contra os catalães, e submettendo-os á autoridade do rei seu pae, que elles pretendiam sacudir. Além de sua já gloriosa fama, contava D. Fernando, para agradar á sua prima, com a gentileza de sua pessoa e a nobreza de seu porte. Ainda que de mediana estatura, era o principe bem proporcionado e seu rosto que á primeira vista, mais tinha de sereno e digno, de que de sympathico, animava-se com facilidade, sem alterar-se com a expressão ardente de seus olhos, que penetrantes brilhavam atravez do véo de umas pestanas tão negras como a cabelleira que lhe emmoldurava a frente.

D. Izabel era pelo contrario, alva e corada em extremo, offerecendo na combinação de seus traços a mais grata mescla de magestade e doçura que se póde imaginar. Se bem que, de não mui elevada estatura, que comparada ás mulheres do Norte, tem em geral as de Castella, suppria, vantajosamente, o que nessa parte lhe faltava, com o seu porte nobre e gracioso. O contraste physico de suas pessoas fez com que elles, reciprocamente, se agradassem; depois a conformidade de idéas e inclinações fortificou a primeira impressão, sem que faltasse, sequer, para mais, unir os seus corações a proporção da idade, porque D. Izabel só mais um anno tinha que D. Fernando. Ainda que eleito desde logo, o ditoso rei da Secilia não chegou, sem difficuldades a gozar de tal ventura, porque el-rei de Castella, inimigo d'aquelle casamento, havia dado ordens e posto em movimento tropas que cruzavam constantemente as estradas, no intuito de se apoderarem do infante, si nos dominios de D. Henrique ousasse penetrar.

Arrostando tudo, não obstante D. Fernando, sem luxo e sem comitiva, penetrou furtivamente em Castella, apenas acompanhado de dois personagens de sua mais intima confiança, disfarçados elles em mer-

cadores e passando D. Fernando por creado de ambos. Assim chegou até a antiga cidade de Osma, onde contava alguns partidarios, e d'ahi já com «algum apparatus» transportou-se a Valladolid, em cuja metropole o arcebispo de Toledo, autorisado pelas côrtes de Castella, consagrou em 1 de Outubro de 1469 a união da infanta D. Izabel, com D. Fernando, rei da Sicilia e principe herdeiro da corôa de Aragão. Aliás, nunca se uniram, em tanta pobreza, dois regios consortes. Todo o dote da infanta consistia em incerta perspectiva, e o principe teve que pedir emprestado a somma indispensavel, tanto para os gastos de sua viagem como para os da propria boda. Sem recursos para pagar até a seus criados e sem meios de augmentar o numero de seus partidarios armados, viu-se reduzido a contar exclusivamente com a bolsa do arcebispo de Toledo, rico, sem duvida, porém, tambem mais prodigo de benções que de moedas.

Dependentes, pois, do prelado e experimentando em mais de uma occasião, o peso das obrigações que com os inferiores se contrahem, os jovens e recém-casados principes, pouco tardaram em soffrer as naturaes consequencias de sua falsa posição. De dia em dia diminuia o numero de seus partidarios e até a propria Valladolid, cidade hospitaleira e que fôra o theatro de sua união, pouco se demorou em abandonal-os, submettendo-se de novo a D. Henrique. Obrigados pela necessidade a refugiarem-se na villa de Duenas, ahi se achavam, não sem alguma inquietação, quando D. Henrique se trasladou inopinadamente para o alcazar de Segovia, do qual era governador o esposo de D. Beatriz de Bobadilla, outr'ora companheira da infanta, no deserto de Arevalo, e desde então e para sempre, sua constante amiga e leal servidora.

Quiz a sorte que o marquez de Vilhena, valido do monarcha estivesse ausente de Segovia e D. Beatriz, aproveitando, resoluta, tão propicia occasião, ousou fallar a D. Henrique acerca de sua irmã e o que è mais precipitar temerariamente, a reconciliação. A infanta, com effeito, avisada por sua amiga, para ali se dirigio, e sem outra companhia, além do arcebispo de Segovia, arrojou-se aos pés de seu irmão, rogando-lhe que lhe perdoasse o casamento que contra a sua vontade contrahira. A surpresa por uma parte, a natural facilidade de seu character e affecto que não lhe era possivel deixar de ter, a tão seductora princeza, fizeram com que o rei alli mesmo apertasse sua irmã em seus braços.

Poucos mezes depois morreu Vilhena e não tardou em seguil-o ao sepulchro, o facil monarcha, levando consigo o odio e o desprezo de seus vassallos. Em 11 de Outubro de 1474, começou o reinado de D. Isabel I, de Castella. Com o throno herdou D. Izabel, o funesto legado das delapidações e vicios que nos reinados anteriores, se tinham multiplicado ao abrigo da mais escandalosa impunidade. No interior facções e rebelliões, no exterior uma invasão portugueza imminente, auxiliada pela França, além das excursões dos mouros sempre dispostos a luta, tal o triste quadro da situação de Castella n'aquella época. E o que poderia ella esperar da rainha dos aragonezes? O que poderia esperar de seu esposo? Dos primeiros nada mais que inteira neutralidade, do principe, só difficuldades e de não pequena monta. D. Fernando que até então não havia levado em dote á Castella, senão credores e inimigos, pretendia sem embargo governal-a em seu proprio nome, ora allegando direitos pessoases á corôa, ora, querendo que prevalecesse entre os castelhanos, as leis aragonezas que excluemas mulheres da successão ao throno.

D. Izabel que consagrava a seu marido o maior affecto, o havia com tudo estudado e comprehendido perfeitamente. A mulher era e foi sempre submissa a seu esposo, a rainha de Castella, jámais consentio que por um só instante, o principe, futuro rei de Aragão, fosse o arbitro do destino de seus subditos. Justa apreciadora da agudeza de engenho e da assidua laboriosidade de D. Fernando, a rainha sem embargo, não se deixando deslumbrar por suas aptidões para as subtilezas diplomaticas, nunca o julgou capaz de empunhar só e com mão segura, as redeas do governo de todas as monarchias hespanholas, cuja fusão já havia concebido; o feminino e colossal genio de Izabel.

Supplicavam, pois, os castelhanos á rainha que defendesse os seus direitos, ao passo que os aragonezes excitavam a D. Fernando, para que não renunciasse ás suas pretensões. Para julgar o conflicto foram eleitos juizes arbitros o cardeal de Mendoza e o arcebispo de Toledo, os quaes em presença dos grandes do reino pronunciaram a sua sentença, declarando que a D. Izabel, exclusivamente, pertencia o direito de Castella.

A indignação do principe foi tal que chegou até a ameaçar de apartar-se da rainha volvendo aos dominios de seu pae. D. Izabel, porém, com a superioridade de razão que em todos os seus actos resplandecia, acercando-se do irritado principe e tomando-lhe as mãos, disse-lhe em tom naturalmente carinhoso e persuasivo, palavras tão amantes e prudentes que a historia julgou de seu dever o perpetual-as.

N'aquelle solemne, e para a futura sorte da Hespanha, decisivo instante, as palavras da rainha foram como que subitamente e de commum accôrdo inspiradas pelo dever e pela ternura. Poucas phrases lhe bastaram para demonstrar que ambos ganhariam, em governar cada qual com independencia, os seus domi-

nios, auxiliando-se sem embargo, mutuamente e unindo os dois nomes, os dois thronos e os dois sceptros sob uma unica vontade. El-rei maravilhado pela prudencia da rainha, louvou muito suas razões, concluindo por declarar, que não só sobre Castella, mas sobre o mundo inteiro ella era digna de reinar. Ao render essa homenagem ao merito de sua esposa, D. Fernando, pronunciou uma sentença que a historia ha sancionado e que se perpetua nos archivos da memoria e do agradecimento de toda a nação hespanhola. E com effeito, aquella senhora não só era digna de reinar, como para o supremo mando parecia nascida. Persuadida de que todo o poder procede de Deus e sabendo que a responsabilidade dos soberanos é proporcional ao seu poderio, Izabel, estava sempre disposta, a responder por seus actos, quer perante a posteridade, quer diante do Eterno.

Impossivel, seria negar que era a rainha infinitamente superior a seu marido, tanto em saber como em vistas elevadas, tanto na escolha de pessoas como nos meios, e sobretudo na inflexivel rectidão de seus designios. Em verdade o nome de D. Fernando precedia ao de D. Izabel no encabeçamento de todas as leis, cedulas reaes e decretos, e nos sellos e moedas, figuravam juntas as effigies dos augustos consortes, mas nem por isso é menos evidente, que a rainha governava pessoalmente, e sob a sua propria e exclusiva inspiração, os reinos de Castella, de tal modo que os hespanhoes não diziam *o rei e a rainha*, mas *os dois reis*, ou simplesmente *os reis* quando designavam os seus dois soberanos.

Sem embargo de tudo, a rainha viuva de Henrique IV, de nenhum modo havia renunciado de cingir com a corôa de Castella a fronte de sua filha D. Joanna, reconhecida como legitima, por el-rei em seus ultimos momentos; a despeito dos antecedentes

escandalosos e da publica opinião, que ao nascer a desditosa princeza, a havia unanimemente, cognominado a *Beltraneja* dando-lhe esse ultrajante appellido, como clara allusão ás deshonestas relações que *D. Beltrao de la Cueva* entretinha com a rainha. Desde que enviuvou, premeditava essa rainha, desposar a sua filha com el-rei de Portugal, que era seu irmão. Porém a morte destruiu os seus designios, em Madrid, no dia 3 de Junho de 1475.

Não obstante isso, *D. Affonso V*, de Portugal, e amado *O Africano* por seus triumphos na costa barbaresca, onde conquistou, entre outras a cidade de *Tanger*, proseguio com ardor no projecto de sua irmã; e mais por seu proprio interesse do que pelo de sua sobrinha, penetrou em Castella á frente de um exercito de vinte mil homens. Desvanecido, porém, por suas victorias da Africa, procedeu em sua marcha, com pasmosa lentidão, perdendo tempo em festins, como quem triumphava, em vez de aproveitá-lo como quem trata de conquistar, e não se importando com as armas castelhanas, como si ellas não existissem, porque elle não ignorava que *D. Izabel* carecia de dinheiro, de tropas e de alliados que a defendessem. Mal conhecia *D. Affonso* a sua intrepida rival.

A cavallo dura te o dia, dando ordens, e á noite escrevendo cartas, multiplicava-se *D. Izabel*, reanimando o zelo das villas e cidades, emquanto ás pressas, *D. Fernando*, reunia algumas tropas. Ella propria trocando os trajas feminis, por adornos marciaes, vestiu a couraça e cingio a espada, obra prima do armeiro *Antonio*, e cuja flexivel lamina estava encravada em uma simples empunhadura de aço brunido, de estylo arabe, e na qual se lia, de uma parte. *Busco sempre a honra. Em guarda que estou vigilante.* Assim disposta, poz-se *D. Izabel* á frente das tropas de *Segovia*, porém com mais abundancia de armas que de

dinheiro, com mais copia de soldados do que de viveres, porque havendo enviado a el-rei dez mil marcos de prata, que obtivera de D. Beatriz, de Bobadilla, tinha ficado sem um unico ducado para attender aos gastos de seu proprio exercito. Em tal emergencia a rainha que desde os tempos de seu desterro em Arevalo, havia sempre encontrado apoio e consolo nos bispos, resolveu de novo appellar para o patriotismo delles e convocadas as *côrtes* para Medina do Campo, pedio-lhes o donativo de uma parte do dinheiro das igrejas. O clero cheio de adhesão á sua piedosa soberana, apressou-se em conceder-lhe o solicitado donativo. Levantaram-se então soldados de todas as partes; os castelhanos tomaram a offensiva e no fim de varios combates parciaes ferio-se a gloriosa batalha de *Toro* em que Fernando e Izabel triumpharam, assegurando para sempre na frente desta, a corôa de Castella e de Leão, com o senhorio de Vizcaia, de Alava e de Guipúscoa.

A victoria de *Toro* foi a base e o ponto de partida da reunião e fusão completa dos reinos de Castella e Aragão, que logo depois, augmentados com o reino de Navarra, constituiram a grande monarchia hespanhola, si bem que por muitos annos, cada paiz, conservou seus fóros e privilegios, e até certo ponto, sua especial forma de governo. Pouco depois da batalha de *Toro* fez-se felizmente a paz com Portugal, e no mesmo anno, havendo D. Fernando herdado, por morte de seu pae, a corôa, teve de passar a seus dominios, para ser acclamado e jurar em Saragoça, os fóros de Aragão, em Barcellona, os de Catalunha e na cidade dos Cid os de Valencia, o que effectuado regressou a Castella.

A's brilhantes virtudes que distinguem as heroínas unia Izabel a sciencia de governar, o golpe de vista firme e exacto, a capacidade para os negocios, a

energia de vontade, a superioridade de razão e o genio organizador que formam os grandes politicos. Assim a paz a que seus povos deveram o descanso, foi para ella occasião de redobrar a sua actividade, revelando ao mesmo tempo os nobres e maravilhosos dotes de seu coração e intelligencia.

Livre de inimigos exteriores, dedicou-se a extirpal-os do interior do reino, combatendo sem tregoa preconceitos inveterados e vicios até certo ponto legitimados pela incuria dos precedentes governos, cúmplices nas desordens, que não lograram reprimir por falta de energia e resolução. Era preciso em primeiro lugar providenciar sobre a segurança nas estradas, a protecção ás pessoas, á propriedade e á execução das leis com a nomeação de juizes integros e capazes —era preciso que cessassem os incendios nas granjas e casaréos, o saque aos mercadores e viajantes, os roubos e homicidios em todas as partes—era preciso, em uma palavra estabelecer, para não dizer fundar a ordem social que mal existia fóra dos muros das cidades.

Para taes e tão importantes feitos, o genio de Izabel auxiliado poderosamente pela habilidade administrativa e pelo honrado zelo de seu thesoureiro Alonso de Quintanilha, inventou e soube, tão breve quão energicamente, plantar uma machina de poderosa compressão e summaria justiça na—*Santa Irmandade*, instituição que com um nome antigo na Hespanha, foi não obstante, no fundo, uma completa e transcendental novidade, em nossas leis.

Cada povoação de Castella dava dentre si, certo numero de *quadrilheiros* que ao mesmo tempo soldados e juizes, percorriam o paiz, sob as immediatas ordens de um *Alcaide da Irmandade*, assistido por um *Escudeiro*, em perseguição de todo o genero de delinquentes e principalmente vagabundos, salteadores e

assassinos. Em qualquer lugar que os criminosos se refugiassem tinha a *Santa Irmandade* o direito e a obrigação de perseguil-os, e uma vcz aprisionados, no mesmo campo, junto de uma arvore, o alcaide e o escrivão julgavam-os verbal e summariamente e a sua vista e em acto continuo os *quadrilheiros* punham em execução a sentença já com a força, já com pancadas. Tão severa quão expedita maneira de fazer justiça que fôra em nossos dias, um insulto á humanidade, foi n'aquelles tempos, sem embargo, indispensavel. Concluido negocio tão importante, transportou-se a rainha a Sevilha, para dar aos juizes o exemplo de imparcialidade, de zelo e de uma salutar inflexibilidade. Vio-se então cousa até alli inaudita, uma mulher codificando as leis, reorganizando os tribunaes, escolhendo magistrados e julgando os juizes, corrigindo as suas sentenças, reformando seus accordãos, até deixar em toda a Hespanha, e em suas diversas hierarchias, assentada a justiça em suas legitimas bases.

Todas as sextas-feiras em memoria da paixão e morte de nosso «Salvador» a piedosa rainha facilitava o accesso ao pé do seu throno, aos padecimentos Moraes e as miserias de seus subditos, dando-lhes audiencia publica, para ouvir as queixas dos fracos e dos desamparados—mas se misericordiosamente acolhia aos pobres e opprimidos, tambem inflexivel e justiceira levava o terror e o espanto ao coração dos culpados.

Por sua ordem se recompilam por uma junta de habeis jurisconsultos, diferentes leis e pragmaticas do reino, publicadas depois de quatro annos de improbo trabalho, em um codigo, que se intitidou: «Ordeanças Reaes».

Rainha tão zelosa pelos interesses da justiça, não podia ser indifferente aos da religião. Assim vendo

relaxado os costumes do clero, e a ignorancia se apoderando não só dos seculares, mas tambem dos proprios claustros, acudiu solícita a conservação da fé em toda a sua ortodoxia e ao restabelecimento da disciplina e com ella da dignidade da igreja. Alguns mosteiros que obstinadamente se oppuzeram á reforma de certos abusos com que a preguiça se havia farto, sentiram o peso de sua regia autoridade.

Mas não satisfeita todavia com haver fundado a justiça e purificado o santuario, quiz a rainha preservar seus subditos das poeticas seduções da civilisação arabica, que lentamente ia filtrando nos costumes castelhanos. Para ella era preciso começar dando importancia ao saber, empreza difficil n'aquella época, mas Izabel para alentar os outros com o proprio exemplo, dedicou-se ella propria ao estudo do latim, no qual fez tão rapidos progressos que no fim de um anno se achou capaz não só de entender sermões, theses e discursos de embaixadores n'aquella lingua, mas até de responder-lhes tambem no idioma de Cicero e de Tacito, como era, então de uso, na diplomacia.

Os felizes resultados da applicação da rainha por um lado estimularam em todo o reino uma maravilhosa emulação pelos estudos por largo tempo esquecidos, principalmente pela nobreza que honrando só o exercicio das armas, despresava professores e livros. Com tal discernimento tinha a rainha distribuido o seu tempo que depois de presidir o conselho, dar audiencias, rever sentenças, conferenciar com embaixadores e despachar com seus ministros e secretarios, cumprir com suas devoções e piedosos exercicios, e attender á educação de seus filhos ainda achava tempo para «coser a roupa branca do rei» seu esposo.

Aquella incomparavel mulher longe de desprezhar os humildes labores da agulha, achava prazer em

dedicar-se a tal genero de uteis tarefas, tão proprias do seu sexo e que por deploraveis preoccupações, por frivolos gostos e por effeito de uma educação mais brilhante que solida, ha muitos annos que entre nós cahiram em um descredito tão pernicioso em suas consequencias, como não motivado e injusto. A qualidade mais predominante em Izabel pôde-se dizer que era um santo pudor, que constantemente conservou a sua alma virgem, no meio dos perigos e das seducções que a rodeavam. Nem nas mais graves enfermidades pôde a dor adormecer um só instante a vigilancia de sua immaculada castidade, e tal era n'aquella nobre mulher, o poder da vontade que para poupar o seu pudor certos compromissos, que parecem inevitaveis, em mais de uma occasião, soube subjugar a propria natureza.

Fiel à sua maxima de ensinar pelo exemplo e de que elle é tanto mais efficaz, quanto de mais alto parte, jámais recebeu em seu serviço, mulher alguma, cuja fama não fosse mais limpa do que o seu nobre sangue. Rodeava-a constantemente uma escolhida phalange de damas, que alojadas em seu palacio e em sua mesa d'Estado, alimentadas, trabalhavam juntas durante muitas horas do dia e cuja conversação formava a um tempo o coração e a intelligencia das jovens donzellas de illustre linhagem, que a rainha tinha sempre consigo para educal-as; sem que disso se apercebessem. Graças a tal superioridade de caracter e a tão justamente admirada infalibilidade de conducta, D. Izabel fez de sua Côrte, uma verdadeira escola de honra e de virtude.

A concentração do poder, a regularisação da força e meios executivos, imprimiram ao reinado de Izabel, um character de magestoso e poderio até então desconhecido. Tal era a situação da Hespanha, quando pelos annos de 1843 a rainha catholica de accordo

com seu esposo, estabeleceu normalmente em seus domínios o tribunal do «Santo Officio da Inquisição» com o fim de extirpar a semente dos erros e heresias semeadas pelos Mouros e pelos Judeus, na Península. Podia tal contagio, com effeito prejudicar o catholicismo e dificultar a execução do hereditario pensamento dos reis de Castella, de expulsar os Mouros da Hespanha, e não é pois de estranhar que Izabel e D. Fernando, impetrasse da Santa Sé a autorisação necessaria para crear em seus Estados, tribunaes capazes de conservar nelles, a unidade da fé e do culto, «reconhecida» como o mais seguro penhor de repouso de toda a sociedade.

Desejava Izabel extirpar da Europa o «El Roram». Avara, porém, do sangue de seus vassallos, como uma boa mãe, do de seus filhos, não seria ella nunca a primeira a romper em hostilidades. Felizmente os Mouros, cegos pelo seu orgulho prepararam elles mesmos a sua ruina.

Fundada em 1238 por Mahonaerd Ben-al-Ahamar, o reino de Granada, já então unico resto do Kalifato e poderio dos Mouros na Hespanha, comprehendia um espaço de cento e setenta milhas de territorio no littoral do Mediterraneo, havendo, porém, tanto as suas discordias internas, quando as invasões castelhanas, reduzido a menos de oitenta milhas. Chegou um dia em que aquella capital com o seu territorio muito reduzido, era já o unico que restava do poderoso imperio por Abderrameu fundado na Península. Granada cujo aspecto, em conjuncto, offerece notavel semelhança, com o fructo, quando entreaberto, do qual tira o nome, está edificada na confluencia dos rios Daro e Jenil, sobre duas colinas em cujos cumes existem de um lado Alhambra e de outro Albaicin. O Daro atravessa com a sua humilde caudal, por entre as duas colinas e desagua no Jenil,

ao sahir da cidade, que na época a que nos referimos era cingida de largos muros em cujos flancos se erguiam formidaveis torres. Alhambra ao mesmo tempo fortaleza e palacio dos reis mouros está edificada sobre a mais alta das duas colinas e por sua extensão era então uma pequena cidade. Albaicin, mais modesta ainda, era o bairro popular e estava por um muro separado do bairro aristocratico. Affirmam alguns autores que Granada chegou a ter em seu seio cerca de 400 mil almas, mas o mais provavel é que não tivesse mais de 100 mil quando se viu reduzida a lutar só contra as forças reunidas de toda a Hespanha.

Já entre os proprios mouros corria a noticia de que era chegado o termo fatal de seu dominio na Peninsula, já os «Fahirs» atterrorisavam a cidade com as suas funestas e fundadas predicções — Os arabes granadinos, que desde o reinado de D. Henrique IV tinham experimentado consideraveis revezes, para resistir aos reis catholicos, contavam apenas com algumas pracas fortes, sómente pela posição, porém, sem fossos, sem obras exteriores, sem outra defeza além de um simples muro, e com uma brilhante cavallaria muito exercitada em atirar a azagaya e tão prompta em carregar como em fugir. Da Africa nada podiam esperar, já tinham passado os tempos em que innumeradas hordas de «Almohades» e «Almoravides» podiam invadir a Peninsula. O sultão do Egypto limitou-se apenas a enviar o guardião ao Santo Sepulchro para que junto a D. Fernando intercedesse pelos granadinos, e bem depressa se esqueceu desse negocio para attender as ameaças que de perto lhe faziam os Ottomanos. Em vingança da tomada de Zahara, como dissemos, e estimulados por sua rainha, unica antoridade a quem queriam obedecer, invadiram os Castelhanos o reino de Granada, com

aguerridas hostes, em que já figuravam os futuros vencedores de Oran e de Cerinola, Pedro Navarro e Conçalo de Cordova.

No decurso de 11 annos. os christãos já senhores de Alhama, baluarte de Granada, conquistaram Malaga, principal vehiculo do commercio entre a Hespanha e Africa; depois Bazza, cidade de 150 mil habitantes e finalmente chegaram, com 80 mil homens, a cercar a propria Granada, então entregue a todas as iras da mais furiosa discordia. Dentro de seus muros havia o mais completo desaccordo até entre os proprios pais e filhos. Boabdil e um seu tio, o Zagal haviam repartido entre si os restos d'aquella moribunda soberania, e o ultimo, para que nada faltasse nem á desdita, nem á ignominia, vendeu a sua parte aos castelhanos a troco de um opulento condado. Ficou, pois, só no throno Boabdil que já se havia reconhecido vassallo de Castella, e que mais obedecia ao cego furor de seu povo, do que o capitaneava. O sitio durou nove mezes, durante os quaes um mouro tentou assassinar os reis, e logo após um incendio devorou quasi todo o acampamento, pondo em risco a vida da rainha, involuntaria causadora d'aquelle terrivel accidente.

D. Izabel, com effeito tinha o costume de empregar em leituras, uma grande parte da noite, e descuidando-se da luz prendeu fogo á sua tenda, communicando-se o incendio, rapidamente ao resto do campo. Ditosamente salvou-se a rainha e não só se salvou mas ainda soube fazer de um successo que podia reanimar as esperanças dos sitiados, motivo para o contrario, por fazer-lhes perder as poucas que conservavam. Em logar do acampamento queimado D. Izabel, mandou levantar uma cidade, que com o nome de «Santa Fé» foi edificada em oitenta dias, fazendo assim comprehender aos mouros que

o assedio havia de durar tanto quanto a sua desesperada resistencia.

Sobre Granada pesavam no entanto todos os horrores da fome, enquanto os seus muros batidos pelos fogos do inimigo, habilmente dirigidos por Gonçalo de Cordova o futuro Grão Capitão entre outros illustres caudilhos, desmoronavam-se successivamente, levando o desalento e o desespero ao animo dos mouros. Boabdil testemunha dos destroços que a morte fazia nas valorosas tribus de Zegries e Abencerrages e já sem soldados para a defesa de tão grande cidade, como numerosas brechas, accitou por fim uma capitulação que para sempre poz termo ao dominio dos arabes na Hespanha. No dia 2 de Janeiro de 1492 tremulou o estandarte da cruz na «Torre de Bermeja» sobre os muros de Alhambra. Ao amanhecer do dia da capitulação, Boabdil fez sahir da cidade, sua familia, pela estrada de Alpujarras e logo apòs o som dos clarins e tambores fez saber que o exercito christão se approximava; dirigindo-se Boabdil ao seu encontro seguido de todos os Walids, ministros e 50 cavalleiros granadinos. «Somos teus, disse a D. Fernando ao enconral-o e beijando-lhe o braço direito, teus, rei potente e glorioso, entregamos-te o nosso reino já que Aliah assim o quiz, e esperamos que usarás da victoria com generosa clemencia.» Ditas estas palavras entregou as chaves da cidade e tomou o caminho da serra, sem querer entrar de novo na que já não era nem a sua capital nem a sua patria siquer.

Dizem que ao chegar ao cume do monte Padul, deteve-se em certo sitio, desde então chamado «Suspiro do Mouro». D'aquella altura descobria-se de uma parte o mar, termino provavel da peregrinação do desventurado monarcha; de outra Granada, Jenil, Vega, e os cyprestes que lugubrememente davam som-

bra aos sepulchros dos antigos e modernos heroes granadinos.—Que muito, que ao contemplar esse espectaculo, em tal momento não pudesse o infeliz Boabdil conter o pranto que de seus olhos brotou? Porém sua mãe, a sultana «Aixa» que com alguns personagens da cõrte granadina, o acompanhava, disse-lhe com indignação: «E' justo que agora chores como mulher, já que como homem não soubeste defender tua corõa e tua patria». Os emigrados desceram a montanha e Granada desapareceu, para sempre a seus olhos.

Ainda que o exercito castelhano occupasse os muros e fortalezas da cidade conquistada, os reis não fizeram nella a sua entrada, senão no dia 6 de Janeiro festa dos Santos Reis, dia solemne para todos, de luto porém como o ultimo de Granada para os mousulmanos, que no silencio e retiro de suas casas, choravam amargamente, e de triumpho e gloria para os christãos, que com grande pompa e insolito apparatus militar e religioso, installavam os monarchas catholicos no palacio de Alhambra. Nelle, poucos dias depois, recebiam os reis o immortal Christovão Colombo, que n'aquelle mesmo anno havia de fazer a Hespanha, senhora do «Novo Mundo».

Diz-se que os hespanhoes lutaram 700 annos contra os mouros, o que se deveria dizer era que os mouros lutaram sete seculos contra os hespanhoes. Em tres annos conquistaram os arabes a Hespanha, e sete seculos foram precisos para arrancal-a de suas mãos.

Alhambra revelou então os seus thesouros aos olhos de D. Izabel e D. Fernando, thesouros de artistico primor e de inimitavel elegancia, taes e tão sorprendentes, que ainda fazem d'aquelle encantador edificio, uma especie de realisação das phantasticas e maravilhosas invenções das lendas Orientaes.

Nunca povo algum chorou tão amargamente a perda de seus lares, que, sem embargo, tão mal defendeu. A historia, porém, tem conservado com piedosas cores a recordação da profunda tristeza dos mouros, sem atrever-se infamal-os por essa fraca resistencia. Fez bem a historia, não foram vencidos por cobardes, e na verdade sempre se mostraram valerosos. A Africa abandonou-os cobardemente, a superioridade castelhana chegara já a ser irresistivel, e finalmente, no progresso como na decadencia dos povos percebe-se o braço omnipotente que inclina e dirige a seu arbitrio a natureza inerte, como a vontade livre, ha digo, uma força estranha, que burla todos os calculos e torna inutil a prudencia humana. Povo victimado por lutas intestinas, é povo morto, essa é a lei indeclinavel entre os que presidem o governo das cousas humanas, por isso, quando appareceu em scena o venturoso D. Fernando, inspirado pelo generoso espirito da magnanima D. Izabel, a unica no mundo que não ousou duvidar de Colombo, e apoiando-se já na espada invencivel dos precursores do grande Gonçalo de Cordova, já na intelligencia politica do grande cardeal Mendoza, ou na vontade profundamente meditada e energicamente sustentada de outro cardeal Jimenez de Cisneiros, que mais tarde governou a Hespanha, quando appareceu, dizia, D. Fernando diante dos muros de Granada. Quiz a providencia que a encontrasse meio vencida já por seus proprios furores e pela vertigem impossivel que como delirio de agonia se apoderou no momento supremo, de todos os corações e de todas as cabeças. Singular espectaculo, com effeito, o de Granada, desejando morrer entre fogos e festas, entre amores e intrigas.

A conquista de Granada, realisando o constante anhelos dos soberanos de Castella e de Aragão, foi o

complemento de seu direito ao appellido de «catholicos» que o papa Alexandre VI, lhes conferio no anno de 1496. Os astros da monarchia chegavam, então, ao zenith de seu esplendor, e não foi só a expulsão dos mouros a causa de sua elevação, não porque o oceano que era o limite dos dominios hespanhoes, viu-se pelo genio de Colombo, transformado, para elles em mediterraneo. O illustre genovez, marinheiro experimentado, mesmo antes de sua descoberta, celebre mesmo, havia em vão percorrido as Côrtes de Portugal e de Inglaterra; nem nellas nem em seu paiz natal foi comprehendido em todas as partes, seus colossaes projectos foram julgados chimeras loucas.

O destino levou-o a Santa Fé e ahi apresentou-se aos «reis catholicos», mas a primeira vez foi friamente acolhido por aquelles monarchas, que exclusivamente occupados, por uma parte, no cerco de Granada, e por outra quasi exhaustos de recursos, que a prolongação d'aquella guerra esgotara, não estavam para attender aos discursos do sabio geographo, nem seriam prudentes, si distrahissem um unico «maravedi» que fosse, de seu mais que escasso thesouro. Porém Granada rendeu-se, e quando Colombo desesperado, já se retirava da Côte Castellhana, chamou-o á ella de novo o seu amigo e protector frei Juan Perez, prior do mosteiro de Rabida, que soube comprehender o grande homem, e que apoiando-se no valimento do thesoureiro Alonzo Quintanilha e de Luiz Santangel, recebedor das rendas ecclesiasticas da corôa de Aragão, soube interessar a rainha, ponderando em sua presença as probabilidades de exito d'aquella temeraria empreza e os beneficos resultados que della se deviam esperar, tanto para a religião nas ignoradas regiões imaginadas, como para o engrandecimento e gloria da monarchia hespanhola.

Naturalmente accessivel a todas as grandes concepções, Izabel deixou-se facilmente commover pelos eloquentes e persuasivos argumentos do illustre navegador, que tinha sido admittido á sua presença, e a tal ponto chegou o seu enthusiasmo, que para prover aos gastos da expedição, sem esperar que o thesouro estivesse alliviado dos encargos de guerra, quiz até empenhar as suas proprias joias Santangel evitou que ella se valesse desse extremo recurso, emprestando a Colombo o dinheiro necessario que montava em perto de quatro mil dobrões, ou quasi 16 mil pesos fortes de nossa actual moeda.

Uma vez possuidos d'aquella insignificante quantia Colombo, sem perder tempo, tratou de tripolar sua esquadilha composta de tres famosas e historicas caravellas e no dia 3 de Agosto de 1494, depois de se haver confessado e commungado no mosteiro da Rabida, fez-se de vella com oitenta homens de tripolação, partindo do porto de Calos de Moguer em busca do Novo Mundo que devia de ser para o antigo, um manancial de riquezas e descobertas scientificas, mais fecundo do que era possivel prever-se então. Tudo, pois, parecia dentro e fóra do reino, succeder a Fernando e a Izabel a medida de seus desejos e ambições, quando uma perda cruel veio encher de luto sua brilhante Corte, arrebatando-lhe a mais querida de suas esperanças.

A morte seccou em flor o primogenito dos reis catholicos D. João, principe das Asturias, que viveu só 19 annos; alguns mezes depois succumbio (1497) tambem sua filha D. Izabel, rainha de Portugal, ao dar a luz um infante, que por sua vez em 1500, foi reunir-se no tumulo a sua mãe a quem havia custado a vida. Desde então fez-se objecto predilecto da ternura e cuidados de D. Izabel e de D. Fernando, a infanta D. Joanna, que havia dous annos estava casada com o

archiduque Felippe da Austria, filho do imperador dos Paizes-Baixos. Estes esposos cedendo ás instancias dos reis catholicos, em 1502 deixaram Flandres e trasladaram-se para a Hespanha onde as côrtes de Castella, em Toledo a 22 de Maio e as de Aragão, em Saragoça a 28 de Setembro, os reconheceram e a seus naturaes successores, como herdeiros legitimos ao throno d'aquelle reino.

A gloria de suas armas consolou, por um momento a D. Fernando de seus pezares domesticos; Gonçalo de Cordova com a victoria de «Cerinola» assegurou para o rei da Hespanha a coroa de Napoles. Mas pouco tardou a sorte em amargar aquelle triumpho com maior desdita dos que as anteriores. Não havia, com effeito D. Izabel, como seu esposo, encontrado, uma saudavel distração ás dores d'alma, no exito afortunado de suas emprezas politicas—era mãe, e o pezar immenso da perda do principe das Asturias e da rainha de Portugal, acabaram por acabrunhal-a ao peso do infortunio, juntando-se a tudo isso ainda o misero estado em que via sua filha D. Joanna. Esta naturalmente exaltada, amava perdidamente a seu marido D. Felippe, o formoso, que sendo-lhe infiel ou pelo menos indifferente, fez com que a infeliz princeza enlouquecesse. Ainda que resignada com a vontade docéo os pezares acabaram por destruir sua boa constituição já um tanto alterada por uma enfermidade organica, occasionada pelo demasiado exercicio a cavallo. Com a idade de 54 annos, falleceu D. Izabel, em 1504 a 26 de Novembro, tão justa quão amargamente chorada pela totalidade de seus subditos não só por seus talento e virtudes, mas ainda pelo seu character e sua grandeza. Ella com sua doçura, generosidade e clemencia soube suavisar os ferreos rigores do insensivel D. Fernando; ella foi sempre protectora o saber e do engenho, ella foi a unica, que com sua

liberalidade se resolveu a ajudar as empresas de Colombo e a historia ligou para sempre seu nome ao descobrimento do Novo-Mundo e as façanhas do grande capitão, assim como á conquista de Granada, com que gloriosamente coroou a unidade hespanhola.

Tanto os autores contemporaneos de Izabel, como os proprios personagens de sua corte pareceram que se deleitaram em descrever o duplo retrato, moral e physico d'aquella illustre senhora que soube ser, ao mesmo tempo, por ventura, o maior dos reis de Hespanha. Era a rainha, segundo affirmam, de mediana estatura, porém admiravelmente proporcionada a indiscriptivel elegancia de suas fórmãs, não pareceu cousa digna da terra; sob a flexibilidade d'aquelle gracioso corpo, occultava-se a insolita força de seus musculos, e a magestade de seu porte bastava para revelar quem era. Eram seus cabellos longos e finos da cor do ouro e refulgentes. Admirava-se em seus olhos aquelle raro matiz, que do azul passa ao verde transparente, e a lucidez do seu olhar, animado pela expressão de sua penetrante agudeza, banhava por assim dizer em nitida luz, seu rosto, do qual não conseguiram apagar o rosado, nem os pesados encargos de rainha, nem a fecundidade de mãe. Castamente cerrados, occultavam seus labios a belleza e perfeição de uma clara dentadura, emfim a serenidade de sua alma, transparecia no pudico donaire d'aquella figura, na qual o vigor de expressão se unia á belleza de Izabel, tanto na regularidade das feições, ou na magica do colorido, como na pureza d'aquelle conjuncto, tão harmonicamente analogo á tranquilla expressão dos pensamentos que a animavam.

Foi a rainha, sempre, por excellencia, um angelical modelo de constancia e de castidade perfeita, por isso aquella physionomia, em que por assim dizer

estava estampado o sello de sua alma, parecia não ser mais do que o exterior revestimento, e tinha pouco que temer dos estragos do tempo. Assim se explica, como ao perder a juvenal frescura e com ella a voluptuosa languidez das palpebras, a vivacidade das côres, a florescente harmonia dos contornos, que são o universal encanto e o commum segredo da formosura das mulheres, nada perdeu Izabel de suas graças. Ao prestigio da juventude, ia sensivelmente, substituindo o prestigio da magestade, o poder de dominio, em nada se alterava. A firmeza e correcção de sua attitude revelavam a energia de character, sua voz sonora e de timbre claro, era firme como sua razão. A rainha catholica, com justiça chamada por Montalamber, «a mais nobre creatura que jámais reinou sobre os homens», era um typo maravilhoso de perfeição e de graça, quer como belleza plastica, quer pelas raras prendas de seu coração e de seu entendimento.

Oiçamos agora, o bom cura dos palacios André Bernaldy, exclamar em sua chronica manuscripta, cheio de candida e piedosa admiração :— « Quem poderá ennumerar as perfeições d'aquella christianissima e bemaventurada rainha, digna como ninguem de perpetuo louvores ? Ella prescindindo de sua castidade por excellencia e de sua nobre origem, soube achar, nos muitos dotes que Deus se dignou de conceder-lhe, meios de exceder e eclipsar a todas as rainhas, que até alli existiram, não só em Hespanha, mas no mundo inteiro. Sob o aspecto da fé, Bernaldez compara-a a Santa Helena, mãe de Constantino ; por seu zelo pela igreja, pela reforma do clero e das ordens religiosas, por sua lealdade politica, sua submissão as ordens de seu esposo, e sua munificencia, elle chama-a segunda Santa Izabel. »

Primeiro esse chronista trata das virtudes da rainha e só depois se occupa em descrever a belleza

da mulher, suas admiráveis proporções, sua nobre attitude e sua inimitável gentileza.

« Os bispos e religiosos que são os mais acreditados historiadores d'aquella época esgotavam as formulas dos elogios para celebrarem aquella incomparável mulher a quem chamam o symbolo da felicidade das Hespanhas, symbolo da honra nacional e o mais bello compendio de todas as virtudes. »

Mas a mesma autoridade de tão criteriosos e graves testemunhos empallidece diante do homem, verdadeiramente extraordinario que conservava seu amor á pobreza nos fastigios do poder e das honras sem deixar por isso de ser um grande prelado hespanhol, grande cardeal da igreja, grande ministro na politica, e até grande capitão nos campos de batalha, o sabio franciscano Frei Francisco Jimenez de Cisneros. Aquelle homem mais que illustre, depois de referir-nos todas as sublimes prendas que na rainha concorriam, todas as virtudes de uma alma que com admiração reverendava, nos diz terminantemente que em todos os orbes de nosso systema planetario, nunca o sol allumiu alguma creatura que a D. Izabel se igualasse, e não é preciso salientar de quanto peso, seja uma tal affirmacão, quando pronunciada por um homem, que com a rainha, havia governado a Hespanha, sempre segundo as suas vistas e obedecendo as suas ordens, assistindo-a com seus conselhos, esquadrinhado os segredos de sua consciencia, e conhecendo portanto, não só o favor de sua piedade e a pureza de suas intenções, mas ainda a prodigiosa profundez de suas vistas politicas. Com os annos a virtude n'ella cresceu, dores ennobreceram-n'a e os padecimentos a consagraram.

Vira personificação do espirito cavalheiresco de sua nação e de sua época, soube Izabel, mais que qualquer outra mulher, sobre o throno, unir a sinceridade

da fé à moderação da prudencia, realisando tudo com a mais acrysolada lealdade. As benções do céo santificavam, evidentemente, todos os seus projectos, todos os seus actos, justificando com o mais completo exito, as suas nobres emprezas. Assim se a viu estender os limites de seus estados hereditarios, que encontrou ao subir ao throno, em profunda abjecção, e deixou, por sua morte, figurando entre as potencias de primeira ordem. Deus suscitando em torno della e para servil-a, altas capacidades e ministro de lealdade sincera, permittiu, sem embargo, que sua propria sabedoria sobrepujasse a de seus illustres conselheiros. Por Izabel foi realizado o feito culminante do seculo XV, a expulsão da Meia Lua, da parte occidental do continente europeu, e com Izabel ainda se consummou o mais prodigioso dos acontecimentos da historia humana o que duplicando seus dominios territoriaes, centuplicou os horisontes de suas investigações scientificas.

A rainha em seu testamento nomeou a D. Fernando de Aragon, tutor de sua filha D. Joanna, incapaz, por seu estado mental de exercer o governo e para dar a seu esposo outra prova mais de seu affecto conjugal, legou-lhe a maior parte dos rendimentos que se tinham obtido das Indias Occidentaes, e das ordens militares que recentemente se haviam incorporado a corôa.

Ninguem como Colombo chorou a morte de D. Izabel, occorrida precisamente, quando o immortal navegante, terminava a sua terceira expedição cujo resultado foi o descobrimento do continente americano. De volta a Hespanha, de um lado redobrou a perseguição de seus inimigos, de outro, encontrou-se sem o unico escudo bastante poderoso para preserv-o d'aquelles envenenados tiros, porque de D. Fernando o que podia Colombo esperar, quando sempre

lhe havia recusado o seu apoio, até então? Os pesares e a anciedade acabavam de minar uma vida quasi toda ella passada a lutar com os elementos, com a ignorancia, com a má vontade e com a ingratição dos homens, e a 20 de Maio de 1506, festa da Ascenção, ao meio-dia, em sua casa de Valladolid, aquelle que nos deu o Novo Mundo, prostrado no leito de dor, assistido por alguns religiosos franciscanos, rodeado de seus filhos e de sete officiaes de sua casa, entregou a alma ao Creador, mostrando nos ultimos instantes de sua existencia, a mesma grandeza d'alma e os mesmos sentimentos religiosos que sempre o distinguiram. A morte do homem que havia duplicado os limites da terra, pareceu não deixar nella nenhum vasio, nem deu lugar siquer, ao menor signal de publica tristeza.

A cidade em que teve lugar o passamento desse grande vulto, ficou impassivel, como indifferente se mostrou o resto da Hespanha, e toda a Europa. Antes que para elle soasse a sua ultima hora, já aquelle homem extraordinario, estava no mais completo isolamento, assim a sua sahida do mundo não causou sensação, nem ao menos foi considerada como uma grande perda e assim desapareceu obscuramente aquelle que havia doado a Hespanha, a metade do mundo, sem que para elle houvesse honras, orações funebres, monumento ou epitaphio.

Não havia D. Fernando, apezar de toda a sua habilidade, podido governar, sem auxilio do confessor e ministro de D. Izabel, o celebre cardeal Jimenez de Cisneros, arcebispo de Toledo, em que Castella admirava um grande politico, reverenciando, ao mesmo tempo, um santo. Do humilde claustro de S. Francisco, sahio o primeiro arcebispo de Granada, para ser confessor da rainha, em cuja Corte foi grande a sensação ao apparecer aquelle homem do deserto,

cujo rosto pallido e austero porte, recordavam os Pablos e os Hilariones.

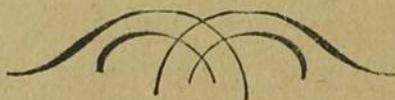
Nunca no seio mesmo das grandezas se apartou da rigorosa observancia e da estreita regra da sua ordem; a pé caminhava, mendingando o sustento, e nada menos que uma ordem do Papa foi preciso para que aceitasse o arcebispado de Toledo. Só por isto resignou-se a vestir a purpura archi-episcopal, mas debaixo della cingia sempre as suas carnes o grosseiro saral de S. Francisco, e se em sua camara consentiu que figurasse um leito magnifico, nunca reclinou o corpo senão na desnudada tarimba propria da cella de um cenobita. Vida tão humilde fortificou nelle a altiva perseverança de character com que soube humilhar o orgulho dos grandes, obrigando-os, contra a vontade embora a admirarem a resolução indomavel d'aquelle que assim os vencia!

Esqueciam os Castelhanos que a D. Fernando obdeciam, vendo renovar-se o heroico espirito da grande rainha que choravam, em Cisneros, graças a quem, os ultimos annos do reinado d'aquelle principe foram laureados com a conquista de Navarra e Berberia. Para reprimir as correrias dos africanos que infestavam as costas da Hespanha, o cardeal preparou, pagou e conduzio em pessoa uma expedição contra Oran, lugar, entre outros, onde seguro asylo encontravam os piratas.

A tomada d'aquella cidade, que em presença do proprio Cisneros, realisou o celebre Pedro Navarro, inventor das minas e depois conde de Vieirito, produzio a rendição de Tripoli, e a submissão de Argel, Tunis e Tremecen. Dois annos depois a reunião de Navarra, de cujo throno D. Fernando arrancou a João de Albret, completou emfim a unidade. Porém a morte que nada respeita atalhou o curso de tantas prosperidades, morrendo o rei na villa de Madrigale-

jos, aos 64 annos de idade, no dia 25 de Janeiro de 1516. Seu corpo foi sepultado juntamente com o da rainha catholica, na capella da cathedral de Granada.

Foi D. Fernando V o mais consummado e feliz politico de sua época, mas ainda assim deveu à sua incomparavel esposa, mais do que a si mesmo, o haver enriquecido os annaes da Hespanha, com o mais glorioso dos reinados, tão glorioso, que não logrou eclipsal-o Carlos V, apezar do brilho com que na historia resplandece o seu grande nome.



PACAHONTAS

No bem ou no mal, o amor é o sentimento que nas mulheres exerce maior influencia—umas vezes inspirando-lhes grandes virtudes, outras precipitando-as no crime e nos vícios. Sirva de exemplo a pureza e poderio d'aquelle sentimento, sobretudo quando elle se aninha em um coração generoso como o da joven india *Pacahontas*.

Si dermos credito a tradicção dos desertos americanos, foi aquella celebre virgem, um acabado modelo de belleza humana ; de corpo esbelto e flexivel como o tronco de elegante palmeira, de cabeça pequena e delicada, repousando, graciosamente, sobre deliciosos hombros, negros olhos desferindo vivida luz, através de espessas pestanas, feições de tal expressão, que desesperaria Fidias, tal se nos retrata *Pacahontas*,—solta a abundante e negra cabelleira, sem mais adornos que matisadas flores, e trazendo sobre

o vestido, o manto de estranha forma, cuja guarnição de arminho de pello de cysne, revelava nella a filha de um selvatico monarcha.

Em um dia de outomno do anno de 1606, quando a joven princeza, que então sahia apenas da adolescencia, encerrava em si tudo quanto a infancia e a puberdade tem de seductores, vio chegar diante dos muros de Gazan, que circumdavam em Werowocomoco, a residencia de seu pae o rei Pawhatan, uma tropa de trezentos indios, que escoltava a pessoa de um prisioneiro de guerra, e cuja importante captura ia solemnizar-se com pompa régia.

Quem era pois, esse importante captivo? um soldado aventureiro João Smith, segundo chefe de um bando de emigrados inglezes, poucos mezes antes chegados as praias do golfo de Chesapeake, com o proposito de fundar uma colonia n'aquellas paragens.

Soldado desde a infancia, Smith, já se havia salientado por sua bravura na guerra da Allemanha contra os turcos, contando-se d'elle, entre outras façanhas dignas dos tempos heroicos o haver vencido e dado a morte, successivamente em combate singular, nos campos de Rigall (Transilvania) a tres esforçados campeões turcos que ousaram com elle medir forças. Quanto a seus attractivos pessoaes basta-nos dizer, que seu retrato que o representa com a idade de trinta e sete annos, e se conserva em Londres, explica bem, como um decennio antes, sua varonil belleza lograra seduzir os sentidos e captivar o coração de uma virgem. D'entre as estranhas e perigosas aventuras do inglez, nenhuma mais singular e ameaçadora do que a que o punha a meio de uma horda de selvagens americanos, cujo chefe Pawhatan, duro e feroz por natureza, despota por habito, se habituara ao temor e a adulação de seus barbaros vassallos. Um unico sentimento humano parecia ter guarida n'aquelle duris-

simo coração, um amor sem limites pela filha, a formosa Pacahontas, consolo e amparo de sua velhice.

Parece provavel que a virgem do deserto já conhecia o celebre guerreiro pela fama de seus feitos. O valor de Smith era nelle tão natural que não havia circumstancias, por mais temiveis que fossem, capazes de abatel-o; assim ainda que extenuado pelo cansaço, e ferido, tendo as carnes cobertas por um pedaço de panno que lhe atirara sobre os hombros, um indio a quem havia favorecido outr'ora, o intrepido aventureiro, despresando a morte, caminhava no meio dos selvagens, com toda a serenidade, com toda a audaz altivez de que tantas provas havia dado. Um grito semelhante ao rugido de uma manada de tigres saudou a entrada do prisioneiro em Wigwam (acampamento ou aldeia dos selvagens), estremeceu em seus alicerces a habitação do régulo, porém conservou-se impassivel o semblante do prisioneiro.

Pawhatan recebeu-o rodeado de sua côrte, composta toda de indios guerreiros para a cerimonia preparados com tudo que de formidavel tinham os seus bellicos attavios. Todos tinham os rostos desfigurados por horrendos desenhos, todos tinham as fronte ornadas de vistosas plumas, e todos a maneira de manto, traziam pendentés dos hombros pelles de diversos animaes; alguns, ferozmente fanfarrões, tinham collocado nas orelhas como brincos, pequenas serpentes vivas, as quaes approximavam ora da garganta, ora dos labios de seus donos, as cabeças venenosas.

Rivalisando uns com outros em ferocidade, esmeravam-se os selvagens em fazer ostentação de sua força muscular e de sua destreza no manejo das armas que incessante e rapidamente brandiam, e com a falta de generosidade, propria de seu estado inculto, despediam de seus negros e rasgados olhos chammejantes, capazes de amedrontar a qualquer, que como o captivo,

não houvesse recebido do céo, um valor á toda a prova.

Sentado diante de uma grande fogueira, conforme o uso, e envolto em uma especie de larga tunica de pelles Pawhatan, robusto e bem proporcionado, embora os cabellos estivessem inteiramente brancos, ostentava-se grave e com aspecto sinistro, tendo a seu lado Pacahontas e outra princeza sua irmã mais moça—e immediatamente depois, dobradas filas de guerreiros, atraz dos quaes se avistavam outras de mulheres, todas com os rostos, hombros e peitos sarapintados, algumas enfeitadas com plumas de diversas côres, e sem faltar a nenhuma dellas a distincção de algum estranho adorno.

Depois de haverem todos oocupado os respectivos lugares, a rainha Appamatuck servio ao prisioneiro a agua para lavar as mãos, e outra dama em vez de toalha para enxugar-se offereceu-lhe uma porção de macias plumas e immediatamente depois d'aquella cerimonia, trouxeram e collocaram aos pés de Pawhatan duas grandes pedras chamadas dos sacrificios, e cujo nome bastava para que o captivo comprehendesse a sorte que o aguardava.

Já os selvagens agrupados, clamavam em altas vozes que se consummasse o homicidio, quando inesperadamente Pacahontas, movida de piedade, arrojou-se aos pés de seu pae, pedindo-lhe com desesperada inflexão a vida do captivo, porém, vão foram suas eloquentes supplicas, inuteis suas amargas lagrimas, Pawhatan, pela primeira vez insencível a agonia de sua filha predilecta, fez aos executores o signal de sua soberana vontade, os quaes obedecendo promptamente, precipitaram-se sobre o prisioneiro, arremessando-o sobre as funestas pedras e alçando em seguida o ameaçador «tomáhawk» (hacha de combate). Já vibrava no ar a arma fatal prestes a ferir a garganta

da victima, quando Pacahontas, abrindo caminho desesperadamente, por entre a turba de verdugos, dá um grito desolador e rapida como a propria luz, arrojase sobre a pedra do sacrificio, abraça-se com o prisioneiro, e não podendo defendel-o de outra maneira, offerece sua bellissima garganta desnudada, ao alfange homicida. Cheios de ira os fanaticos sacerdotes do culto pagão, de odio os vingativos guerreiros, de espanto e até de indignação as proprias mulheres reclamam a sua presa, bramam e vozeam, tudo é inutil. Pacahontas defende o captivo como a aguia os filhotes no ninho, e Pawhatan vencido por fim, pela dôr de sua amada filha, foi humano uma vez na sua vida. A' temida voz do régulo, cessa como por encanto, o furioso clamor, o silencio e a obediencia voltam de novo a Wigwam.

Advirtamos sem embargo, que o sagaz selvagem satisfazendo ao feroz instincto de seus vassallos, como todos os despotas tem que fazel-o, concedeu a seus sacerdotes e guerreiros, o prazer de experimentar a força moral e physica do indultado, em diversas provas, todas crueis, a que na selva submetteram-n'o sem misericordia alguma. Felizmente para Smith, não o abandonou o denodo de que em combate e duellos, havia dado inequivocas provas e no dia seguinte se lhe permittio ir incorporar-se a seus compatriotas no forte de James-Town.

A força e o valor pessoal são de tal importancia entre os selvagens que é o unico meio seguro e infalivel de conquistar a sua estima e affecto. Assim, desde aquella terrivel aventura Smith foi o predilecto da tribu de Pawhatan o qual não só permittio que Pacahontas, acompanhada de suas criadas, fosse visital-o ao forte, e lhe levasse grande quantidade de provisões de que os colonos tinham grandissima ne-

cessidade, como d'alli em diante considerou-o como seu melhor amigo.

Estabelecidas assim frequentes relações entre uns e outros, foi rapidamente crescendo a influencia sobre a barbaria, até que ao cabo de algumas predições facilimas de fazer, como por exemplo a chegada a James-Town, de um certo capitão Newport, determinaram os indios a render-se ao culto do verdadeiro Deus, abraçando a religião christã.

Que o capitão Smith homem verdadeiramente notavel por seus dotes eminentemente sympathicos, que um homem que na campanha anterior á sua partida para a Virginia, soube conquistar o coração de uma princeza turca e de outras muitas damas d'aquellas terras, que o aventureiro emfim em quem concorriram todos os prestijios do valor e da desgraça, conquistasse facilmente a joven inexperiente Pacahontas, inspirando-lhe uma ardente paixão, parece-nos phenomeno que por si mesmo se explica.

Profundo como a solidão das impenetraveis selvas em que nasceu e creou-se, poderoso como o contraste entre a barbara rudeza de seus selvagens patricios, e a civilisada, porém heroica audacia do joven inglez, o amor de Pacahontas crescia e desenrolava-se e de dia a dia mais se dava a conhecer, sem que o alentasse a esperança de ser correspondido, porque em verdade, Smith idolatra da gloria e á ambição consagrado, se inspirou paixões, não consta de sua historia que jámais as compartilhasse, e quanto á sua bella libertadora, tratou-a sempre com tão reverente respeito, que não dava lugar a se presumir que em seu coração houvesse mais ternos sentimentos.

A energia do seu character o collocou sempre na primeira plana, em qualquer lugar em que por ventura se achasse; tão habil em conceber quanto em executar seus planos, jámais acontecimentos o sorprendiam

nunca os revezes lhe pareciam irremediaveis e se não praticou actos assombrosos, não foi porque para isso lhe faltassem os dotes necessarios, foi sómente porque lhe faltaram a occasião, as circumstancias e os instrumentos.

Como quer que seja, por algum tempo, immediatamente depois de se ter libertado do furor dos indios, todas as cousas pareciam correr-lhe a medida de seus desejos, pois primeiro encontrou meio de dar trabalho aos colonos e alimentar-os a expensas suas, e depois vio-os enriquecer no commercio, graças as suas boas relações com Pawhatan, relações essas que se estreitavam de dia a dia, com grande utilidade para os europeus.

Talvez não seja desagradavel á leitora ter uma idéa da maneira porque exerciam a hospitalidade os indios da Virginia, e por isso referirei succintamente os pormenores de uma festa a que pelo pae de Pacahontas, foram convidados o capitão Smith, seu amigo o capitão Newport e os demais colonos de James-Town.

Pawhatan, sentado em um tronco de juncos trançados, sobre almofadas de couro bordadas de perolas e sementes brancas, e envolto com uma ampla tunica de pelles, tinha sentadas a seus pés, as mais jovens e bellas de suas «squaws» (esposas) e ficando as outras, em torno e detraz dos mais eminentes de seus guerreiros. Defronte ao throno do regulo foram collocados assentos expressamente ahi postos para os colonos, a quem depois de sentados, arengaram successivamente os chefes em discursos mais ou menos longos, todos porém pronunciados com vehemencia tal, que, quem não lhes entendesse a linguagem, e só attendesse a sua entonação e ademanes, os tomaria por furiosos energumenos, e nunca por homens que a seus hospedes davam as boas vindas.

Aos lados dos brancos via-se formada uma guarda de honra de quinhentos homens, que tinham ordem expressa, antes proclamada, de punir de morte a quem quer que fosse que ousasse, ainda de leve, injuriar os colonos, a quem depois dos discursos, se servio um banquete tão brilhante e escolhido, quanto as circumstancias o permittiam.

Tres dias passamos, diz um dos convidados, em festins, dansas e diversões de toda a especie, conduzindo-se Pawhatan, durante todo esse tempo, com uma dignidade e descripção, que nos fizeram admirar a sua natural grandeza de alma.

Tanto aquelle chefe, como seus vassallos, desprezavam o commercio por tal maneira, que sem surpresa o vimos dizer ao capitão Newport: « Não me convem negociar em bagatellas, mostra-me tudo o que tens de util e agradável, tomarei o que me agradar e vos darei em troca o que me parecer equivalente. O capitão Smith que nos servia de interprete, e considerava Newport como seu pae, aconselhou-o bem como a todos nós que conheciamos a má fé mercantil dos indios, que desconfiassemos da generosidade de Pawhatan, porém Newport, esquecendo esses conselhos, e entregando-se a descripção, obteve por suas mercadorias apenas quatro «fangas» de trigo em vez das vinte a que na realidade valia o vendido. Em compensação Smith acenando ao indio com algumas «bugigangas» de vidro, e entre outras um collar de contas azues, que lhe disse ser de certa materia mui rara da côr do céu, e estimado adorno dos mais poderosos monarchas da terra, deslumbrou-o por modo tal, que enamorado do collar, o bom de Pawhatan, deu-lhe por uma libra d'aquellas contas, tresentas «fangas» de trigo, com o que se separaram como os melhores amigos do mundo.

Desde então foram tão estimadas pelos indios,

as contas de vidro azul, que sómente seus reis, rainhas e princezas ousavam leval-as em seus adornos.

Não obstante taes provas de amisade, pouco tardou em chegar ao conhecimento dos colonos, um plano combinado para exterminal-os e Pawhatan por sua vez sabedor de que os colonos estavam de sobre aviso, mandou sua filha Pacahontas, a maneira de embaixadora, acompanhada de ricos presentes, para que reiteirasse ao capitão Smith as mais expressivas seguranças de seu constante affecto. Smith não menos diplomata que o principe das selvas, fingio ficar tão satisfeito com aquelles protestos, que offereceu-lhe as mais significativas provas de sua gratidão.

Convem advertir aqui que todos os historiadores dos primeiros tempos da Virginia, mencionam o nome de Pacahontas, elogiam sempre o seu character angelico e consideram-n'a sempre como immaculada pomba mensageira da paz entre as indomaveis tribus selvagens e os apenas civilizados colonos; todos a chamam a joia, a sem par, a virgem predilecta; todos sempre que della tratam é para referirem algum acto de sua ternura ou de sua generosidade. Jámais Pacahontas teve parte alguma nas horrendas matanças de colonos a que os indios se entregavam sempre que podiam.

Estavamos todos sentados em torno de uma fogueira em um campo espaçoso, diz o capitão Smith, quando sahiram de uma selva visinha, trinta mulheres jovens, apenas cobertas com alguns ramos de arvores, todo o corpo pintado de varias côres, tendo á cintura uma pequena tanga de pelle, um pedaço de couro sobre o braço e pendente das costas um carcáz cheio de flechas e na mão um arco. Umas brandiam tambem espadas e o «tomahawk» outras, e todas agitando as armas, por entre infernal clamor, cahiram sobre os nossos, por assim dizer, como uma avalanche e de-

pois de bailar freneticamente em torno da fogueira, convidaram-me a que as seguisse a selva, o que tive de fazer por cortezia; levaram-me as suas choças, onde com outras dansas e gritos, de selvagens gozo, depois de a seu modo me haverem acariciado, convidaram-me a voltar para os meus, depois de me presentarem com algumas resinas.

Ainda que os habitos de sua raça a autorisassem, jámais a bella Pacahontas tomou parte nessas saturnaes. Melancolica e enamorada, isolava-se, cantando nas solidões dos bosques, o romance cuja tradução conservamos fielmente.

Eil-a :

Ai ! vem guerreiro louro,
Vem à selva sombria ;
Com dansas, minhas servas
Ao gozo te convidam ..
Vem—se teu estranho nome,
Meus labios mal proferem,
Te dou o mais amante
Que jámais ouvio a brisa. .
Piedade nobre guerreiro,
Piedade para a alma minha.

Oh ! vem... a lua esplendida
As flores já illumina !
Já o «passaro celeste»
Seu ninho fazendo, trina
Oh ! tu que em livre terra
Viste a luz da vida
E a um Deus amoroso, adoras,
Vem ao meu chamado amigo.
Piedade nobre guerreiro,
Piedade para a alma minha.

Tens lá em tua patria
Mãe e irmã querida ?
Com fraternos vinculos
Lá a amizade te liga ?
Vem... e no meu seio
Tuas penas deposita
Vem... que eu mãe e irmã
Sou para ti e amiga.
Piedade nobre guerreiro,
Piedade para a alma minha.

Em meio de tanta candura a encantadora joven conservou sem embargo, constantemente a dignidade de porte que de seu pae herdara, porque nesse ponto Pawhatan era em sua classe um acabado modelo e tão melindroso, que se lhe havendo annuciado que o capitão Newport, tinha para elle, recebido da Inglaterra, uma coroa e um manto real e que ao mesmo tempo lhe offerecia o seu auxilio para vingar-se de certa tribu limitrophe, que o havia offendido, respondeu altivamente : « Si vosso rei me manda presentes recebel-os-ei dentro de oito dias, eu tambem sou rei aqui e estou em minha terra, venha pois a mim o vosso embaixador, que eu não sou homem que se rebaixe indo buscal-os e quanto aos Mohicanos, não admitto que alguém me ajude a vingar-me delles.

Chegado o dia por elle mesmo marcado para a coroação, os colonos lhe apresentaram os presentes que consistiam, além da coroa, manto e ricos vestuarios, em um esplendido jarro e bacia e um leito completo. Tudo Pawhatan recebeu benevolamente, mas antes de vestir o manto escarlata, examinou-o cuidadosamente, temendo sem duvida que elle fosse como a tunica do centauro Neso e quanto a coroa não houve meio de fazel-o ajoelhar-se para recebel-a, e custando não pouco trabalho o convenceo de que devia dobrar

um pouco a cabeça para cingil-a. Os inglezes solemnisaram esse acto com uma descarga de fuzilaria, que já por seu estrepito, já por colhel-o de surpresa, commoveu a Pawhatan a ponto de por um momento fazel-o perder a sua habitual gravidade.

Uma vez, porém, convencido de que nada tinha a temer, agradeceu a seus alliados os presentes e como prova de gratidão presenteou o capitão Newport com os seus sapatos velhos e uma capa de pelles.

O velho indio com o coração cheio de orgulho por ver que o rei da Inglaterra o tratava como seu igual e tanto que lhe enviara as insignias regias julgou-se desde logo um grande potentado, e para convencer a si mesmo e aos demais, occorreu-lhe de começar por desfazer-se dos colonos e indubitavelmente o teria conseguido, si não fosse sua filha Pacahontas, que impellida pelo amor, ousou atravessar a selva de noite e sosinha afim de avisar a Smith dos projectos de Pawhatan, que consistiam em enviar aos colonos abundantes provisões para que elles celebrassem um festim, e quando elles estivessem descuidados, cahir sobre elles e passal-os todos a espada, caso já não o tivessem podido fazer os portadores das provisões.

Como era muito natural Smith quiz agradecer com presentes, o immenso serviço que Pacahontas lhes fizera, ella porém recusou todos allegando que seu pae irremediavelmente a mataria si tivesse a menor desconfiança e louca de amor volveu apressadamente, atravessando de novo a pavorosa solidão das selvas, com o coração cheio de alegria por poder dizer, estão a salvo, consegui prevenil-os a tempo.

No caminho ella teve de esconder-se para que não a vissem uns oito ou dez indios robustos que levavam aos colonos o traiçoeiro presente, que chegou ao acampamento inglez, pouco mais ou menos uma hora depois que Pacahontas d'ahi sahira.

Smith e os seus, nesse meio tempo, haviam tomado todas as precauções para saborearem as provisões que Pawhatan abundantemente lhes mandara. Os indios mensageiros os encontraram, de armas em punho, e cheios de surpresa e mal disfarçando o natural desgosto se aventuraram a dizer, que de certo as armas os estorvaria de comer, porém Smith sem parecer ter ouvido as suas reflexões, fel-os compartilhar dos manjares trazidos e despedindo-os logo, encarregou-os de dizerem a Pawhatan que elle sabia de seus projectos e estava todo o momento prompto para recebê-lo.

Aquella tentativa, graças a amorosa indiscrição de Pacahontas não teve consequencia alguma para os audazes aventureiros, mas poucos dias depois indo o capitão Smith comprar trigo à residencia de Opechancanough, tio da joven princeza, em um lugar chamado Pamanki, soube que o vigiavam e pretendiam cercal-o nada menos de 700 indios.

Tal nova encheu de terror a todos os colonos alli reunidos, menos ao intrepido capitão, que depois de animar a seus companheiros, dirigio a palavra ao chefe indio nestes termos :

« Vejo Opechancanough que trata de assassinar-nos, porém não te temo. Meus soldados e companheiros não te fizeram e não te farão offensa alguma toma pois tuas armas que eu tomarei outras iguaes, e dirijamo-nos para aquella ilha que d'aqui avistamos no meio do rio, e lá nos bateremos, ficando porém estabelecido, que aquelle que vencer ficará senhor dos vassallos e subditos dos vencidos. »

O chefe indio que estava rodeado de quarenta ou cinquenta de seus mais esforçados guerreiros, começou a negar tudo e procurando com fallazes razões tranquilizar o capitão inglez e ao mesmo tempo atrahindo-o para fóra da cabana em que Smith estava e bus-

cando approximal-o da casa que servia de armazem do trigo e que estava guardada por duzentos guerreiros sem contar com uns 30 e tantos emboscados nas arvores vizinhas, e preparados para ao signal convencionado lançarem uma nuvem de flechas.

A vista de tão formidaveis preparativos os colonos estavam atterrados, mas Smith desesperado e furiosamente arremessou-se sobre o Caci que, em meio de sua propria guarda, e agarrando-o pelos cabellos com a outra mão poz elle ao peito uma pistolla engatilhada; dominando assim o assustado indio, Smith começou por obrigar a guarda a depor a seus pés as armas, e logo misturando habilmente ameaças e promessas conseguiu quanto desejava, logrando sahir com todos os seus companheiros, são e salvo dessa perigosa e temeraria aventura.

Essa e outras façanhas juntas a agudeza de seu espirito, além da nunca desmentida habilidade de seus actos, tornaram, por fim o capitão Smith um personagem tão influente n'aquella terra, que é justo affirmar-se que só se deveu a elle a possibilidade de na Virginia, estabelecerem-se colonias inglezas.

Comtudo nem o talento, nem a fortuna de Smith, conseguiram jámais arrancar do coração de Pawhatan, o odio que elle votava aos colonos; pouco tempo depois da ultima tentativa, Pawhatan esteve a ponto de mandar assassinar um rico colono o Sr. Richard Wyffin e de certo o teria feito, se ainda uma vez não se interpuzesse Pacahontas entre a victima e o punhal homicida.

Essa e muitas outras traições dos indios, unidos á ingratição e má vontade de seus proprios compatriotas acabaram por cançar o capitão Smith, e decidiram-n'ó em 1609 a abandonar o perigoso posto, em que com tanta resolução quanto criterio havia administrado a colonia.

Regressando pois a mãe patria, e apenas o baixel que o conduzia, perdia de vista as plagas americanas, se pôde dizer que desde esse instante se fizeram sentir os funestos effeitos de sua ausencia. Pawhatan sempre perseverante em seu odio, fez assassinar sem misericordia trinta, dos trinta e dois colonos que sem tomarem as precauções que, as passadas traições dos indios, aconselhavam, foram nescia e confiantemente visitá-lo.

Dos colonos que lograram escapar aquella matança, um deveu a vida á fuga, e outro chamado Henrique Spillinam a sempre benefica intervenção de Pacahontas, que além disso conseguiu para elle um asylo na tribu de Patawamcks, onde aquelle desgraçado passou não poucos annos, chegando mesmo a aprender o barbaro idioma dos indios e servindo-lhes de interprete em suas transacções com os europeos.

Até ao anno de 1611, não tivemos mais noticias de Pacahontas, sendo mesmo de presumir que se tivesse refugiado em uma tribu amiga, fugindo á colera de seu pae, mas como quer que fosse, emigrado, parece que a encontrou o capitão Argall, quando procedente da Europa, Smith fizera grandes e merecidos elogios da formosa india, resolveu apoderar-se della com o fim de obrigar desse modo a Pawhatan a fazer as concessões de que tinha necessidade. Para conseguir isso entrou em negociações com um indio velho chamado Yapawzaws e que fora em outros tempos, amigo do capitão Smith.

O plano de Argall era muito simples e consistia em fazer Pacahontas vir a bordo, e uma vez conseguido isso apoderar-se della sob a eondição de tratá-la com a maior consideração e pôl-a em liberdade logo que conseguisse os seus politicos fins. Yapawzaws fez-se de desentendido a principio, mas havendo o capitão mostrado-lhe uma cafeteira de cobre muito

bem polida, não só lhe abriram os olhos e se lhe aclarou a intelligencia, como tambem dando de mão, a impertinentes escrupulos, aceitou o encargo e sem perda de tempo pôz mãos á obra.

Pacahontas que já havia visitado mais de um navio, não cedeu a curiosidade e então o traidor Yapawzaws teve que valer-se de sua digna esposa, a qual mostrando grande desejo de ver o navio, começou em presença da bondosa princeza, a importunar com repetidos pedidos a seu perfido marido, para que lhe promettesse fazer aquella visita, e elle depois que julgou haver resistido o bastante para encobrir a sua perfidia, consentio por fim, mas sob a condição de que Pacahontas acompanhasse a sua esposa; e a innocente joven, querendo ser condescendente, cahio no laço que lhe haviam armado.

Argall depois de obsequiar em sua camara aos tres indios com um esplendido banquete, pediu a Pacahontas que, por um momento passasse para um camarote visinho, declarou sem mais rodeios, que a princeza, desde aquelle momento, até que se fizesse a paz com Pawhatan, se considerasse como sua prisioneira.

Em vão a misera moça deplora com lagrimas amargas e cruciantes soluços, a sua desdita; os malvados que a venderam empregaram alguns momentos em consolal-a com hypocritas phrases, apressando-se logo em receber o vil preço de sua traição e Argall não menos perfido, recompensou os grandes serviços que elle havia prestado a seus compatriotas, enviando-a como prisioneira a James-Town.

A colonia despachou então um mensageiro a Pawhatan para informal-o da captura de sua filha e exigindo-lhe por seu resgate a liberdade de quantos prisioneiros tivesse em seu poder, e a entrega das armas em sua tribu.

Terrível foi no antigo chefe o effeito de tão funesta nova, por sobrepor-se nelle como sempre o orgulho a todo o humano sentimento, no entanto tardou nada menos de tres mezes em dar a resposta, mandando ao cabo delles sete prisioneiros inglezes e uma espingarda inutil. Em consequencia disso tornou-se a travar uma guerra de escaramuça, que com varia fortuna prolongou-se sem resultado, por muito tempo, até que enfim o cansaço mutuo, a necessidade de uma tregoa, em virtude da qual dois principes, irmãos de Pacahontas, tiveram permissão de visital-a na fortaleza de James-Town.

Grande foi a satisfação da illustre captiva com essa breve visita, depois da qual regressaram os principes acompanhados de dois inglezes, John Rolpe e Sparks. Pawhatan recebeu-os honrosamente recusando-os porém a admittil-os á sua presença; não obstante isso Rolpe, que estava loucamente enamorado de Pacahontas lhe fez saber que tinha resolvido casar-se com ella logo que regressasse ao forte, como de facto executou, perante um tio e dois irmãos da princeza, pois não foi possível convencer o velho chefe de que deveria assistir pessoalmente á cerimonia.

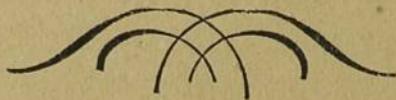
A virgem das selvas convertida ao christianismo tomou desde então o nome de Rabeca e diz-se que affeição-se ternamente ao seu marido, contrahindo facilmente os habitos de boa sociedade, figurando dignamente nos aristocraticos salões de Londres, onde encontrou o mais curial acolhimento.

Como o capitão Smith houvesse scientificado a rainha de Dinamarca dos grandes serviços que Pacahontas prestara aos inglezes, essa rainha apenas chegara a Grã-Bretanha, dignou-se de a admittir em sua presença, tratando-a attentiosamente e abrindo-lhe assim as portas da mais alta sociedade, e recommendo-a a geral benevolencia.

Vem de molde lembrar que Pacahontas só consentio em casar-se com Rolpe depois de um mensageiro que seu pae enviara á Inglaterra, assegurar que o capitão Smith havia morrido.

Pouco tempo depois achando-se Pacahontas em Gravesend, prompta para embarcar para a Virginia, com seu marido e seu filho, succumbio, na primavera da vida, victimada por uma febre maligna.

Joven, formosa, e até heroica, baixou ao sepulchro a generosa americana e sua memoria viverá eternamente nos corações dos habitantes de Virginia, onde as mais illustres familias tem orgulho de descenderem da que foi uma maravilha no deserto, e flor apreciada na culta Inglaterra.



MARGARIDA DE ANJOU

A celebridade parece ser cousa inherente ás princezas que usaram o nome de Margarida; não ha uma unica que se não tivesse tornado famosa, quer por suas culpas, quer por seus infortunios; ou ainda que não brilhe já por suas virtudes, já pelo seu talento. Sirva de exemplo a biographia que vou traçar de Margarida de Anjou, filha do rei Reinato, cognominado o —*bom*— e oriunda da illustre casa de Anjou, cujos ramos estendendo-se pela Inglaterra, França, Napoles, Sicilia e Hungria, chegaram a florescer em quasi todos os thronos da Europa latina.

Extremamente bella, além disso, a natureza a dotara tambem de excellentes qualidades moraes, que não a enaltecerao menos do que as suas muitas desgraças. Dotada de intelligencia clara e animo emprehendedor e audaz era tão facil de imaginar quanto de executar, e era tal a sua intrepidez que diante della vacillou mais de uma vez, o valor mais altivo.

Reinava na Inglaterra Henrique II, que menino ainda foi consagrado monarcha na França, na Cathe-

dral de Pariz, de onde immediatamente o levaram para Londres, e que contando já 21 annos de idade, na época a que me vou referir, governava nominalmente os seus Estados sob a tutela de seu tio o duque de Gloucester, e a quem disputava o poder o cardeal de Winchester.

Os inimigos do duque convencidos de que por sua fraqueza ou antes por sua nullidade nunca o joven rei se libertaria do jugo da tutela, trataram de arranjar-lhe uma esposa, que fosse capaz de estimulal-o ou então de governar em seu nome.

Margarida de Anjou era a mulher de que necessitavam, e nella depositavam, os descontentes, todas as suas esperanças, porém como entre a França e a Inglaterra estava então travada exterminadora guerra, difficil e perigoso fôra o enlace do rei com uma princeza tão proximamente enlaçada com a casa de Valois. Mas os conspiradores, assim podemos chamal-os, aproveitando-se de uma tregoa que Gloucester repellira, e que o Cardeal fez o conselho acceitar, enviaram à França na qualidade de embaixador, e sob a apparente missão de negociar a suspensão de hostilidades, o Conde de Suffolk, que na realidade, primeiro que tudo ajustou o desejado casamento, que celebrou-se em Tours no anno de 1443, segundo uns autores ou em 1444, segundo outros.

Como premio de seus serviços n'aquella occasião Suffolk obteve o titulo de marquez e logo depois o de duque, não obstante ter-se mostrado mais homem de partido do que amante de seu paiz, pois não só aceitou Margarida sem dote algum, mas até consentio que no contrato matrimonial se estipulasse que a Inglaterra se obrigaria a entregar á casa de Anjou a cidade de Mans e a provincia de que era capital, e que estavam submettidas ao sceptro britanico.

Na primavera do anno seguinte a rainha passou -

se para a Inglaterra e promptamente sua belleza e superior engenho, fizeram render-se à descripção o fraco e ingenuo Henrique, e correndo as ccusas, á medida dos desejos dos inimigos de Gloucester, e contra elle preparadas as baterias, restava apenas exterminar-o debaixo de seus fogos, assim aconteceu, ainda que não muito moralmente executado. Primeiramente a infeliz duqueza de Gloucester accusada de *feitiçaria* e magicos esconjuros contra a vida do rei, foi ainda por muita misericordia, condemnada á prisão perpetua, e logo após o proprio duque, accusado de traição, foi conduzido a prisão, onde poucos dias depois foi *encontraão* morto.

Margarida satisfazendo com tanta presteza, as esperanças dos que a levavam ao throno lançou a flecha muito além da méta, alarmando a seus cumplices com a rapidez de suas decisões, rigor de seus actos e energia de uma vontade que parecia não conhecer obstaculos. Queriam os conspiradores um instrumento intelligente, porém docil, e receiosos da energia de Margarida, que bem podia brandir contra elles a espada que empunhava, accusaram-n'a de sem piedade e bem depressa fizeram despertar uma favoravel reacção pela causa de Gloucester. Era impossivel, além disso que uma mulher joven, formosa, com o character de Margarida, sem experiencia do mundo, vendo-se como por encanto, soberana e omnipotente em tão grande monarchia, não se desvairasse com o poder, e incorresse em todas as faltas que tal desvairamento são ordinarias consequencias. Bastava-lhe o ser estrangeira e sobretudo franceza para não ser vista com bons olhos pelos inglezes, si a cessão da provincia de Mans já não fosse uma causa de grande descontentamento

Pouco depois, vendo a Inglaterra que Carlos VII, da França, reconquistava a Normandia e quasi

tambem a Guyena, arrebatando ao leopardo uma presa, fructo de infinitos combates e de torrentes de seu proprio sangue, o desespero subiu ao seu apogeu, faltando-lhe só para que se declarasse em franca rebellião, um determinado chefe. Ricardo, duque de York, assumio a chefia, determinando a sua ambição os primeiros e ostensivos actos da famosa prolongada e sanguinosa luta entre as duas *rosas* a branca e a encarnada.

Eduardo III, aquelle que, reinando Felippe de Valois, invadio a França pondo-a em risco de succumbir para sempre, teve cinco filhos, dos quaes o primeiro foi Eduardo, principe de Galles, cognominado o *Negro* pela côr habitual de sua armadura, formoso por suas façanhas, celebre por sua cortezia, venerado por suas virtudes, o vencedor de Poitiers emfim; o segundo morreu menino; o terceiro foi Leonel, duque de Clarence; o quarto foi João, duque de Lancaster, e o quinto Edmundo, duque de York. Morto o principe *Negro*, antes de seu pae, seu filho Ricardo II, herdou a corôa do avô, mas foi desthronado e morto por seu primo carnal Henrique IV filho do duque de Lancaster, dando assim o funesto exemplo da usurpação na propria familia e fundando a dymnastia de Lancaster, que deu successivamente a Inglaterra os reis Henrique IV, V e tambem o VI, que foi o esposo da nossa Margarida de Anjou. De Edmundo duque de York, quinto filho de Eduardo III e de sua prima Anna Martinet, filha de Leonel, duque de Clarence, recebeu o sêr, Ricardo, primeiro de seu nome, n'aquelle ramo, e chefe da rebellião contra Henrique IV, do qual me vou occupar.

Dado como legitimo e verdadeiro o direito do ramo de Lancaster, Ricardo nada podia allegar em favor de sua pretensão á corôa, por seus precedentes paternos, mas como pela linha materna procedia di-

rectamente de Leonel de Clarence, irmão de João, duque de Lencaster, nos direitos de sua mãe; firmou suas pretensões ao throno de Inglaterra. Os brazões das armas de Lancaster eram uma *Rosa encarnada* e as de York uma *Rosa branca*, d'ahi as denominações e divisas dos dois partidos em lucta. Ricardo, não obstante, não começou reclamando a corôa, seu plano era simplesmente conduzir as cousas de modo que os proprios adversarios lhe offercessem o throno, e limitar-se a aceitar-o. A exemplo de todos os outros usurpadores, tomando por pretexto o bem publico, declarou que não se levantava contra o rei, mas apenas contra o seu mau governo, do qual estava á frente o duque de Suffolk. O fatal matrimonio, de que havia sido negociador, e cuja primeira consequencia foi a perda de uma provincia, o assassinato de Gloucester, de que diziam-n'o cumplice, as suas grandes riquezas, os favores que lhe dispensava a rainha, que de neto que era de um simples commerciante, o havia elevado a mais alta cathegoria da nobreza, eram aos olhos do publico outros tantos crimes do favorito.

Assim prevenidos contra elle os animos todos, todas as suas providencias pareciam desacertadas e o mais pequeno vexame dellas procedente parecia um acto de insupportavel tyrannia. A tempestade, pois, crescendo de momento a momento acercava-se e já ameaçava com seus raios a cabeça de Suffolk. Qualquer outro no seu caso se arredaria, elle porém marchando valorosamente ao encontro do perigo, apresentou-se perante o parlamento, e antecipando-se á accusação intentou resolutamente refutal-a. Tanta audacia, sem embargo, não foi coroada de bom exito, e pela brecha aberta por elle mesmo, precipitaram-se os seus inimigos, accusando de traição e de infiel administrador dos negocios publicos. Em taes emergencias entregou-se Suffolk a mercê do rei, e Henrique des-

prezando a accusação de traição, mas julgando provada a má direcção por elle dada aos negocios publicos, condemnou-o a cinco annos de banimento do reino, procedimento na verdade irregular, mas que tinha o merito de salvar a vida do accusado, reservando-lhe, além disso, sua acção para melhores tempos. A sorte porém havia disposto de outra fórma. Na travessia da Inglaterra para França, o navio que levava o desterrado, cahio em poder de um corsario inimigo, inglez tambem, e cujo capitão fez immediatamente cortar a cabeça do infeliz ministro. Para prova da fraqueza da autoridade do rei, basta dizer que não se mandou preceder a mais ligeira averiguação acerca do autor, ou cumplice de tão horrendo crime.

De pouco proveito foi a Margarida, *Sommerset* a quem coube por sorte a successão de Suffolk na administração publica, porque elle não foi menos odiado pelo publico do que o fôra o seu antecessor. Suspeitava-se, já então, e com solido fundamento, de que o duque de York era em grande parte o autor das difficuldades com que o governo lutava, mas conduzia-se o principe com tal cautella que não havia meio disso acreditar-se com provas, até que um imprevisto acontecimento, veio se não provar a sua intervenção, ao menos robustecer os indicios. Um homem do povo, com effeito, dizendo-se descendente da casa de Martimer sublevou o condado de Kent e marchando à frente de uma multidão fascinada, sobre Londres, penetrou nessa capital, precedido pelo terror de suas armas e ahi tratou com o proprio governo, como de potencia a potencia. Mas a indisciplina, os roubos e a violencia da facciosa turba, irritando o povo de Londres incitaram-n'ó a tomar armas, e unido á guarnição da *Torre* carregou sobre os rebeldes, fazendo n'elles grande carnificina e expellindo-os da cidade depois de haver morto o seu caudilho, que não pas

sava de um impostor vulgar. A sua tentativa, porém, servio aos projectos do duque, fazendo-lhe ver a immensa influencia que sobre o povo exercida o nome de Martimer pela linha materna.

Na Irlanda onde se achava então, passou York á Inglaterra e desde essa época todo o mundo começou a discutir publicamente seus direitos á coroa estendendo-se o poder da opintão até ao Parlamento, que cahindo nos laços da astuta politica do duque, apresentou ao rei uma petição contra Sommerset e os demais ministros.

Então parecendo ao duque de York, opportuno o momento, collocou-se á frente de dez mil homens e marchou sobre Londres, cujas portas, contra todas as suas esperanças, lhe foram cerradas, e obrigando-o o inesperado revez a retirar-se, perseguido pelos realistas até ao condado de Kent.

Para ambos os partidos nunca havia sido tão perigosa a situação, porque se tratava já de passar de uma luta surda á uma guerra declarada. Margarida e York empenharam-se pois em uma partida d'aquellas em que o bom exito decide quem foi o mais habil dos jogadores. Conferenciaram por fim o duque e Henrique IV, que industriado por sua mulher, inquirio do duque quaes as suas pretenções, e este pretextando a mais decidida lealdade ao rei, e affirmando os mais sãos interesses, fez no entanto graves accusações aos ministros, pedindo ao mesmo tempo que todos elles fossem immediatamente destituídos—e qual não foi o seu pasmo vendo-se attendido em acto continuo—foi tal a sua perturbação que sem comprehender o laço em que cahira comprometteu-se por seu turno a licenciar as suas tropas, e retirando-se para os seus Estados foi alli esperar os acontecimentos, tudo fiando então da sorte e do zelo de seus partidarios, mais que nunca exaltados em consequencia do re-

cente nascimento do principe de Galles (1454), que accrescentava mais um obstaculo aos que se interpunham entre o throno e o acautelado pretendente. Com zelo, com actividade e com exito, trabalhou o partido, pois havendo adoecido o rei, conseguiu arrancar-lhe a nomeação de «Protector do Reino» para o duque de York. Como era de esperar o Parlamento sancionou aquella nomeação, mas o favorecido cedendo à sua característica indecisão, em vez de agarrar a presa que a fortuua debalde lhe punha entre mãos, limitou-se apenas a fazer, perante o Parlamento a apologia de sua conducta, e delongando a execução de seus designios, se pôde dizer que então perdeu a corôa que ambicionava, e que nunca cingira, porque nunca ousara apoderar-se della.

Restabelecendo-se o rei, os partidarios de Margarida, recobrando a antiga energia, começaram não só a tratar publicamente da reintegração do duque de Sommerset, mas tambem da inutilidade do cargo de «protector».

York para não ver-se despojar, ignominiosamente de seu titulo e de sua autoridade, teve que recorrer ás armas e na batalha de Santo Albano, onde morreram cerca de cinco mil homens e entre elles Sommerset e outros grandes senhores, o rei foi feito prisioneiro. O duque tratou-o com as mais respeitadas considerações, até com «ternura», disse um historiador, mas sem embargo, reteve-o em seu poder e com elle fez a sua entrada triumphal em Londres, d'onde volveu naturalmente a occupar o seu antigo posto de «Protector do reino». Porque não foi elle mais longe? Porque ao menos não assegurou a sua autoridade? Por irresolução, por timidez como sempre. E' verdade que o «Parlamento» o confirmou de novo na regencia, mas amnistiando na mesma occasião os seus partidarios; de modo que ao mesmo

tempo que recompensava o chefe da revolta com o poder supremo, declarava culpados os seus sequazes e defensores tanto que mandava perdoal-os.

As camaras resolveram mais que o «Protectorado» se prolongasse até a maior idade do principe de Gales, porém Margarida, cujo maior inimigo, certamente, nunca foi York, mas a fortuna, Margarida aproveitando-se habil e resolutamente de uma fortuita ausencia do regente, conduzio seu marido à Camara Alta e perante ella fel-o declarar que «já não necessitava de tutela alguma». Tão audaz golpe de mão foi coroado do melhor exito, decretando-se em acto continuo a abolição da regencia, e o que é quasi incrivel, o proprio York prestou o seu assentimento ao decreto que o despojava de toda a sua autoridade. De prompto uma reacção despertando adormecidos rancores teria trazido terrivel rompimento, si não fôra a intervenção do arcebispo de «Cantorbery» que graças ao seu apostolico ministerio, conseguiu obter uma apparente reconciliação entre os dous partidos. Acampados como estavam ambos em Londres, face a face, prestes a entrarem em luta, harmonisaram-se os dous partidos, celebrando a paz com uma grande procissão, presidida pela rainha Margarida e pelo duque de York, fraternalmente de mãos dadas. O leitor que observar com alguma attenção os acontecimentos contemporaneos, convencer-se-ha de que para illudir os povos não ha necessidade de inventar cousa alguma; a historia nos offerece um vasto repertorio de comedias politicas faceis de serem accommodadas aos nossos costumes e de seguro effeito em scena.

Mas taes demonstrações de reciproca e falsa amizade, apenas boas para deleitar as almas candidas, não acalmariam então, nem acalmarão nunca os odios partidarios, envenenando-os ao contrario. Duelos e rixas particulares a principio, escaramuças entre pequenos

grupos depois, surpresas e represalias mais tarde, renovaram depressa a contenda civil e provocaram por fim a intervenção de um personagem, a quem já me hei referido, sem ter no entanto tido occasião de pol-o em relevo até agora. York estava, como era de seu costume, depois dos merecidos revezes, retirado na Irlanda, mas em compensação os seus partidarios sempre em actividade, e seu filho o conde da Marca tinham ido em busca do celebre conde de Warwick, então governador de Calais, e nas suas horas vagas, pirata d'aquellas aguas. Sem perder tempo com apparencias ou subtilezas, o intrepido guerreiro, a quem não sem razão Bulwer, distincto escriptor inglez, chamou «o ultimo dos barões», desembarcou com alguns de seus terriveis soldados e o conde da Marca, nas costas do condado de Kent e a marchas forçadas cahio pouco depois sobre Londres, que meio sorprendida, e não muito affeiçãoada ao rei, abriu-lhe as portas e recebeu-o com gostosas acclamações de triumpho. Pela segunda vez foi Henrique VI apriisionado e ainda dessa vez tratado com respeito.

O duque correndo a reunir-se a seus partidarios vencedores, na capital do reino convocou o Parlamento perante o qual, pela primeira vez proclamou os seus direitos á corôa, fel-o porém com tal fraqueza, com tal desazo, com formas tão improprias de seus labios, que até em seus partidarios paralysoo o entusiasmo, ouvindo-o a assembléa em sepulchral silencio; o resultado foi o que era de esperar, uma imagem dos que a todos offendem e a ninguem contentam. Por um resto de consideração, por lastima ou talvez por desprezo mesmo, conservou Henrique o seu titulo nominal de rei, mas se lhe deu por forçado herdeiro o *protector*, ferindo-se assim o coração de Margarida, cujo filho ficava por consequencia desherdado.

Estremeceu de indignada a rainha ao saber de tal resolução e desde aquelle momento, preparando-se resolutamente para o combate, mostrou sempre um caracter verdadeiramente heroico. Os partidarios de York intimaram-na a que fosse para junto de Henrique, e ella respondeu-lhes: «sim, irei mas ha de ser a frente de um exercito.» E com effeito desenvolvendo a actividade, o valor, a resolução, o genio, e quantos dotes emfim constituem os grandes homens, recorreu Margarida ás provincias septentrionaes da Inglaterra, servindo-se, como meio de angariar proselytos, de seu proprio filho, menino então de seis annos, que erguia em seus braços, chamando ás armas, os realistas fieis. Notorio e celebre é o proceder de Maria Thereza, enquanto que o de Margarida é quasi que ignorado, não por culpa desta, mas pela dos inglezes, que menos eloquentes e menos apaixonados do que os Hungaros, não souberam como estes, responder á sua rainha, com um grito de generoso entusiasmo, que a historia teria registrado em suas paginas. Tem se dito que as palavras governam o mundo, a verdade é que só com palavras se pôde eternizar a memoria dos feitos heroicos, e raras vezes a expressão eloquente de um sentimento sincero, deixa de enternecer os homens. Como quer que seja, a belleza da rainha, suas desgraças e denodo, e tambem a constante e secreta rivalidade das provincias do Norte contra as do Sul da Inglaterra, ergueram em torno de Margarida um exercito de vinte mil homens, a cujo encontro sahio York com poucas forças e falsamente persuadido de que só tinha a combater alguns paisanos rebeldes. Desilludido por seus proprios olhos, o protector, prudentemente occupou, com suas tropas uma praça fortificada e Margarida assediando-o e pondo em jogo, toda a astucia provocadora, de que sabem servir-se as mulheres, tão amargos sarcasmos soube prodigali-

sar-lhe, tanto qualificou de cobardia o acto de acolher-se a uma praça forte, quando o desafiava uma mulher, que por fim o duque, tão irresoluto de animo como sanguineamente valoroso, acceitou o combate nos campos de Wakefield e ahi foi derrotado e morto. Seu filho e herdeiro Eduardo, conde da Marca era então um *galan* de seductora presença, por extremo amante do bello sexo, tão valente e activo como o auctor de seus dias, mas a dureza de coração e inflexibilidade de seu espirito faziam delle um homem sem entranhas nem misericordia para as desditas de seus semelhantes.

«A natureza disse Voltaire falando de Eduardo, o havia feito o mais enamorado dos homens, e ao mesmo tempo, por caprichosa contradição dera-lhe um coração tão barbaro que causava horror.» Voltaire, parece haver confundido a sensualidade com o amor, e só assim podia esquecer de quão frequentes exemplos nos ministra a historia, da mais que natural alliança entre a crueldade e a libertinagem.

Como o havemos descripto tal era o novo inimigo de Margarida, a qual dividindo immediatamente depois da batalha de Wakefield as suas tropas em dois corpos, dos quaes um foi promptamente batido por Eduardo, marchou a frente do outro pela estrada de Londres, de onde lhe sahio ao encontro o conde de Warwick até aos campos de Santo Albano, theatro da derrota dos realistas ao começar a guerra. A sorte no segundo encontro, trocando seus decretos deu a victoria á rainha, e em consequencia da qual recobrou o rei a liberdade e passou das mãos dos York para as de sua mulher, esta é a verdade.

Aqui a imparcialidade historica nos obriga a mencionar um facto, que quizeramos, mas não devemos omittir por mais que redunde em prejuizo do bom nome de nossa heroína. Lord Benville encarre-

gado pelos partidarios da *Rosa Branca* da guarda da pessoa do rei, permaneceu a seu lado depois do triumpho da rainha em Santo Albano, confiado na palavra do monarcha que sob sua honra, lhe havia assegurado que a sua vida seria respeitada. Margarida, porém, faltando a fé jurada, mandou por um verdugo, cortar-lhe a cabeça. E' tambem verdade que ambos os partidos se entregavam sem escrupulo a pratica dessas atrocidades, disfarçando-as com o titulo de *represalias*. E sem contestação foi Eduardo quem n'aquella guerra, primeiro deu o exemplo desses assassinatos juridicos a sangue frio, porém si estas considerações attenuam um pouco a culpa, nem por isso logram apagar a falta de fé e de dureza do coração de Margarida em tal occasião. Seu triumpho, em todo o caso não foi de larga duração, porque Eduardo incorporando ás suas tropas os restos dispersos das de Warwick, marchou sobre Londres, que a rainha occupava em consequencia de sua victoria de Santo Albano, e Margarida desconfiando, não sem causa, do affecto dos moradores d'aquella cidade, abandonou-a retirando-se para as suas fieis provincias do Norte. Sem desembainhar a espada, Eduardo entrou na Capital do reino, e uma vez ahi, sem tergiversações, como seu pae, sem perder tempo siquer em convocar um Parlamento e dando elle mesmo por bons e valiosos os seus decretos, reunio em publica assembléa os cidadãos de Londres reunio tambem em publica assembléa os seus proprios soldados e fez que Warwick os interrogasse a todos em alta voz por esta fórmula:— «A quem quereis para rei, a Henrique de Lancaster?—Não, respondeu a multidão. A Eduardo de York? Sim, sim, disseram em coro os circumstantes. » E por esta summaria formula ficou installado no throno de Inglaterra a dymnastia de York, na pessoa do novo rei Eduardo IV cuja cruel violencia de character não

tardou em manifestar-se multiplicando os cadafalsos e delles fazendo jorrar o sangue de seus adversarios. Nesse interregno Margarida procedia no Norte com tão sorprendente actividade que em poucos dias reunio um exercito de sessenta mil homens, contra o qual Eduardo e Warwick marcharam capitaneando cerca de quarenta mil combatentes. As hostes inimigas encontraram-se em Tawton; mais numerosa como dissemos a da rainha, animada pela tremenda energia do novo rei a outra. A batalha começou sob maus auspicios para a gente de York, da qual um destacamento enviado a occupar uma certa posição foi pelo inimigo posto em fuga; mas Warwick, matando publicamente o seu cavallo como prova da sua resolução de morrer ou vencer, jurou sobre a cruz de sua espada que sua sorte não seria outra que a de seus soldados, alevantando assim o animo delles e inspirando-lhes absoluta confiança em seus chefes.

Diz-se ainda que n'aquelle dia a victoria das tropas de York foi devida a um stratagem do conde. Ao travar-se o combate succedeu cahir sobre o campo de batalha uma espessa geada que impelli a por impetuosa ventania açoitava os rostos dos soldados de Margarida e impedia-lhes a vista. Warwick, por meio de seus clarins deu signal de ataque, mas contendo seus esquadrões destacou apenas algumas companhias de archeiros contra o inimigo, que ao receber seus tiros apressou-se em responder-lhes com successivas descargas até esgotar em vão as suas munições. Quando York julgou-os baldos de recursos, mandou carregar sobre elles e desbaratou-os facilmente apezar da desigualdade de numero e fez em suas fileiras tão espantosa carnificina, que segundo alguns autores, não foram menos de trinta e seis mil homens os soldados de Margarida mortos nessa temerosa jornada. Si Henrique VI mais uma vez não cahio em poder de

seus inimigos foi isso devido a não achar-se elle no campo de batalha pois tinha ficado com sua esposa na cidade de York. De volta à Londres tratou Eduardo de ordenar o seu governo, de satisfazer as suas vinganças e de saciar os seus odios, fazendo rolar dos cadafalsos as mais illustres cabeças do reino. Dir-se-ia que cada partido havia jurado o exterminio do outro.

Margarida, vencida, mas não desalentada, nunca desenvolveu mais infatigavel actividade do que então. Postos seu marido e seu filho em lugar seguro, na Escossia, cujo rei Jacob, sem embargo, prudentemente havia recusado os soccorros que Margarida lhe pedira, passou ella á França a tentar fortuna, procurando interessar em seu favor o politico Luiz XI. A' força de perseverança e de habilidade obteve por fim um exercito de vinte mil homens commandado pelo *senescal* da Normandia e a cujas forças se aggregaram alguns voluntarios escossezes e não poucos inglezes partidarios da *Rosa encarnada* habilitando assim a heroica Margarida ainda uma vez tentar a sorte das armas nos campos de Hexham.

Derrotou-a comtudo e dispersou suas hostes Lord Montague, irmão de Warwick; o duque de Sommerset, filho do ministro do mesmo nome que pereceu na primeira batalha de Santo Albano, cahio em poder do inimigo e perdeu a cabeça no cadafalso; a propria Margarida tão completa foi a dispersão e tão profundo o panico, separada de seu marido e apenas escoltada por alguns partidarios fieis, perdeu-se com seu filho na espessura de uma selva proxima. Buscando em vão a sahida d'aquelle labyrintho natural, cahiram os fugitivos nas mãos de um bando de foragidos, os quaes graças a turbulencia e a desordem dos tempos, viviam a expensas de todos os partidos. sem respeitarem nem servirem a nenhum. As consequencias de tão mau encontro foram as que

eram de esperar, a escolta da rainha foi violentamente dispersada, seu thesouro saqueado, ella propria insultada e morto La Varenne, o commandante das tropas francezas, que se obstinava em defendel-a a todo o transe. Por fortuna, deslumbrados a vista do ouro e das joias do regio thesouro, os bandidos occupados em repartirem o saque esqueceram Margarida, que com seu filho procurou evadir-se, foi porém de pouca duração as suas esperanças de liberdade, porque foi encontrada por um dos bandidos de quem havia fugido. Nessa fuga, nem a resistencia era possível, obedecendo então a uma das generosas inspirações que tão frequentes eram nella, tomou seu filho nos braços, e acercando-se do salteador disse-lhe resoluta « Salva o filho do rei. » Commovido, perturbado, incapaz de resistencia o bandido prometteu e cumprio, servindo de guia á rainha, tirou-a da floresta e conduzio-a até a beira do mar, onde Margarida embarcou para Flandres para d'ahi passar-se á côrte de seu pae.

Menos feliz, o desditoso Henrique depois de passar um anno occulto no condado de Lancaster, cahio por fim nas mãos de seus inimigos e por ordem de Eduardo foi encarcerado na torre de Londres. Henrique como particular era um homem virtuoso, de bom character, honrado, compassivo e candidamente recto, porém sem a minima energia e até ás vezes atacado de alienação mental, funesta herança de seu avô materno Carlos VI da França. Os historiadores em vez de chamal-o *Bom rei* deveriam tel-o chamado *Bom homem* porque na verdade disso não passava. Parecia que a lucta entre as duas rosas estava terminada definitivamente, por isso que o rei lancasteriano estava preso, a rainha foragida e emigrada, o principe de Galles impotente como todos os meninos e cortadas pelo cutello do verdugo as cabeças dos mais altos e intransigentes inimigos da casa de York. Mas ainda

teve Eduardo que ajustar contas com o *Fabricante de reis* o terrível conde de Warwick, a quem o impetuoso monarcha offendera, e vendo logo por isso os seus direitos postos em duvida. O caso passou-se assim: enquanto o conde, como seu embaixador em França solicitava e obtinha para elle a mão da princeza Bonna de Saboia, cunhada de Luiz XI, Eduardo enamorando-se de Izabel de Woodville, joven e formosa, porém filha de um cabelleiro a casou com ella; e não se contentou só de assim affrontar e comprometter o seu embaixador, fez mais, tentou seduzir á propria irmã do conde de Warwick. Seis annos, no entanto, decorreram ainda até que se declarou o rompimento, não se sabe ao certo sob que pretexto, entre o soberano e o seu general, porém estalou por fim, e como não tenho a pretensão de aclarar mysterios, d'aquella época de guerras civis na Inglaterra, acceitando os factos como os encontro, e renunciando explical-os, irei directamente ao desenlace de nosso drama. Warwick uma vez offendido occupou-se exclusivamente de angariar proselytos e preparar elementos para vingar-se. Habil, eloquente, de character franco, liberal e immensamente rico, vio-se depressa rodeado de amigos, entre os quaes devemos contar na primeira linha o duque de Clarence irmão do rei Eduardo e genro do conde já quasi faccioso, e como elle não julgasse bem seguro a sua vida e não lhe parecesse opportuna a occasião para um movimento, a mão armada na Inglaterra, passou-se á França onde o rei Luiz XI, cuja politica consistia principalmente, em semear a discordia entre os seus visinhos, não só o acolheu com a mais assignalada distincção, mas o que é mais de pasmar, com tal arte se houve que conseguiu reconciliar Margarida de Anjou com aquelle conde até então o mais implacavel inimigo da casa de Lancaster.

Pactuou-se n'aquella monstruosa alliança, fructo da necessidade que para os partidos costuma servir de moral criterio, que Warwick declarando-se por Henrique VI, promoveria a sua liberdade e restauração, e uma vez conseguido isso, governariam o reino, o conde e o duque de Clarence. Ajustou-se mais o enlace do principe de Galles com Anna, segunda filha de Warwick, e se resolveu por ultimo, que á falta de descendentes destes, a corôa passaria aos descendentes do duque de Clarence e de seus legitimos successores. Concluido e ractificado esse convenio, Luiz IV, equipou uma frota e Warwick com ella e com as forças e recursos pecuniarios pelo mesmo rei ministrados aportou a Darmouth. Eduardo que se achava no Norte reprimindo uma sedição n'aquellas provincias, avisado do seu desembarque, marchou immediatamente contra elle, com cujas forças se encontrou nas immediações de Nottigam. A batalha estava imminente, mas antes que ella se travasse, as tropas sob o commando de lord Montague, irmão de Warwick, porém até então partidario do rei, tomaram uma noite, inopinadamente, as armas e com grande alarido cercaram a tenda de campanha de Eduardo de York. Sorprehendido este no meio do mais profundo somno, mas despertado aos estrepitosos gritos de «Traição, traição, de quantos o rodeavam, victima emfim, uma vez em sua vida, de um panico não de todo infundado, apenas tendo tempo de vestir-se e armar-se, saltou sobre o primeiro cavallo que encontrou a mão e a redeas soltas, fugio desatinadamente até Norfolk e alli embarcou-se.

Assim, desembaraçado d'aquelle rei, que *desfez* mais facilmente do que havia *feito*, Warwick dirigio-se a Londres libertou Henrique VI e governando em seu nome, convocou um Parlamento para que declarasse que o Lancasteriano era o rei legitimo, que Eduardo

era um usurpador e firme e valoroso o tratado firmado entre o conde e Margarida de Anjou. Vem de molde declarar que o partido de Lencaster, foi mais clemente e menos vingativo do que o havia sido o partido de York, e que os templos e mosteiros então logares de *Asylo*, acolheram sómente em Londres, segundo se affirma, mais de duas mil pessoas, entre as quaes Izabel de Woodville esposa de Eduardo que ahí deu á luz a um filho d'elle.

O inesperado triumpho de suas armas, a maravilhosa resurreição de sua causa pouco antes ainda, julgada completamente perdida, devolveram a Margarida, a sua, por um momento prostrada actividade, e a seus partidarios o vigor que haviam perdido. Pressurosos os proscriptos acercaram-se de sua rainha, assignalando-se entre elles o duque de Sommerset, filho e irmão dos que em Santo Albano haviam selado com o seu sangue o juramento de fidelidade a bandeira de Lencaster. Margarida reunindo os restos de seu sequito, terminava a equipagem e armamento de sua esquadra, quando Eduardo volvendo a si do passado terror, e incitado pelas supplicas de seus partidarios, com dois mil homens que de momento pôde arregimentar, desembarcou nas praias do condado de York. Não foi, porém alli recebido como esperava por que os magistrados que, em nome de Henrique, e por nomeação de Warwick governavam a provincia, oppuzeram-se a todos os seus projectos, até que feito um juramento solemne, affirmara que não volvia á Inglaterra para reconquistar o throno, mas apenas para reclamar a herança de sua mãe. Crendo-o, ou fingindo crel-o, os magistrados que desejavam mesmo passar por enganados, deixaram de oppor-se, dando-lhe por consequencia tempo, para refazer-se de gente sympathica á sua causa.

Reunido, pois o numero de homens que, a seus

designios pareceu sufficiente, poz-se Eduardo em movimento e illudindo Warwick que o esperava no caminho de Londres, passou-lhe pela retaguarda e marchou sem obstaculo, sobre a Capital indefesa, que immediatamente lhe abriu as portas. Facilitaram-lhe a entrada na cidade, disse um historiador, não só os seus partidarios, mas tambem os seus credores que eram muitos, com a esperança de assim receberem os seus creditos e ainda. . as suas «queridas» que souberam conquistar para elle o affecto de suas familias, inclusive os proprios maridos condescendentes.

Tarde advertido dos movimentos do inimigo, porém, sem renunciar á esperança de desforra, Warwick contramarchou sem detença sobre Londres e tomou posição em Barnet, fez junccção com as forças sob o mando de seu irmão Montague e de seu genro o duque de Clarence, que na verdade era um alliado pouco seguro, porque além de irmão de Eduardo era desleal por natureza. Com effeito na noite que precedeu á batalha decisiva Clarence, á frente de mil e duzentos homens, desertou para o inimigo, acreditando que assim redimia as suas passadas culpas. Eduardo que fingidamente os recebeu de braços abertos, a si mesmo havia promettido desfazer-se delle, como o fez em tempo, quando sem perigo pöde fazel-o. Warwick não obstante o mau presagio e o mau effeito que produzio no animo dos seus, a deserção de Clarence, obstinou-se em dar combate a todo o transe, ou porque sua consciencia não estivesse tranquilla, ou porque temesse, que demorando-se o ataque, Margarida o precedesse e o privasse assim da gloria e titulo de ser o unico restaurador da dymnastia.

Qualquer que fosse o motivo, o que é certo é que travou batalha e perdeu-a e com ella a vida, fazendo heroicos e inuteis esforços para salvar a causa

de que fora, em tempo ido, o mais formidavel inimigo, e morto o seu obstinado campeão, como de costume, Henrique VI, cahio mais uma vez prisioneiro. No mesmo dia do desastre de sua causa em Barnet, desembarcava Margarida em Weymouth, não attendendo aos conselhos dos que a acompanhavam que desejavam que ella se acolhesse á França, para ahi refazer a sua esquadilha, por uma tempestade, dispersa e maltratada. Aquelle animo indomavel, por um momento pareceu abatido e desconfortado ao receber a noticia da derrota e morte de Warwick, e confessando que, reduzida ás suas proprias forças, nada podia emprehender que temerario não fosse, correu a refugiar-se no mosteiro de Beaulieu, um dos que n'aquelles tempos gozavam do direito de Asylo na Inglaterra.

Mas o abatimento de tão esforçado coração não podia ser e não foi senão uma cousa passageira; pouco a pouco foi a rainha cercado-se de seus mais importantes caudilhos, com elles concordou fazer um ultimo esforço e fazendo tremular outra vez os pendões de Lancaster, tentar ainda uma vez, a fortuna das armas.

Embora tão audaz resolução parecesse praticavel, funestos presentimentos agitaram a alma de Margarida. Sua varonil coragem insensivel a todos os riscos pessoaes, traqueou diante dos que a seu filho ameaçavam, e os sentimentos de mãe, sobrepujando os de heroína, supplicou a seus partidarios que, antes de qualquer commettimento, puzessem em lugar seguro o joven principe de Galles. Em nome do partido todo, oppoz-se o duque de Sommerset áquella mais prudente do que heroica proposição, e teve razão em fazel-o, por mais que os factos pareçam provar o contrario, pois o principe que nessa occasião contava já dezoito annos de idade, não podia, sem

quebra de seu brio, permanecer inactivo e estranho á suprema tentativa em que, por seu pae e por elle, iam jogar a vida tantos, tão valorosos e tão leaes partidarios.

Os dois exercitos se encontraram a 14 de Maio de 1471, junto de Tewskburg, ás margens do rio Savern; a batalha foi terrivel e a derrota completa. Margarida que antes de começar o combate havia percorrido, corajosamente, todos os esquadrões de seus partidarios, levando seu filho pela mão, e pedindo-lhes que nada poupassem para salvar aquelle ultimo ramo de sua illustre raça, Margarida, que havia seguido com anciedade mortal as alternativas da batalha em que ia decidir-se a sua sorte, Margarida, que no momento mais acceso e encarniçado do combate havia perdido de vista o filho que tão estremecidamente amava, succumbindo por fim a tantas e tão dolorosas emoções, rendeu-se desvatrada e quasi agonisante ao peso insupportavel de tamanhas desditas, cahindo desmaiada, ao saber que o joven principe de Galles, prisioneiro, ia ser conduzido á presença de Eduardo de York.

« Que viestes buscar a meus Estados? » perguntou-lhe altaneiro o vencedor.

« Vim, respondeu-lhe com firmeza o mancebo, vim aos Estados de meu pae, protegel-o contra ti, e contra ti ainda, defender os direitos delle e os meus. »

Ao ouvir tal resposta, symptoma revelador do sangue materno, o feroz Eduardo ferio-lhe o rosto com a sua ferrea manopla, e esse acto de cobarde ferocidade foi o signal e o exemplo aos que o acompanhavam, entre os quaes Ricardo, duque de Gloucester, seu irmão, e mais tarde o assassino de seus filhos, que fez n'aquelle dia a aprendizagem de verdugo, foi o signal repetimos, para que todos, como abutres,

cahissem sobre o infeliz principe e o prostrassem aos pés do vencedor, crivado de punhaladas.

Margarida foi tambem levada prisioneira para a torre de Londres, para o lado do seu marido, e pouco depois, vio ser elle assassinado, alli, quasi em seus braços, e terminando nelle a infeliz dymnastia Lancasteriana.

Salvou a vida da desditosa rainha, a intervenção de Luiz XI, mas só depois de quatro annos de durissimo captiveiro, em virtude do tratado de Amiens, e resgatada pela somma de cincoenta mil escudos, recobrou a liberdade aquella heroica mulher que em pessoa assistio a doze batalhas campaes, arriscando nellas, serenamente, uma vida semeada de infortunios mas que a despeito disso só terminou em 1842.

Ao ler-se a historia de Inglaterra, não se pôde deixar de notar a fatalidade que constantemente perseguio a todas as princezas de França, casadas n'aquelle paiz. Margarida de Anjou, Maria de Bourbon, Maria Stuard, na Escossia, Henriqueta, esposa de Carlos I, são dessa fatalidade testemunhos innegaveis.

Todas ellas, ainda que em differentes grãos, possuam os dotes requeridos para o throno—uma dellas pereceu ás mãos do verdugo, e as outras foram causa ou serviram de pretexto aos desastres de seus maridos e familias. Será a causa de tão perseverante infortunio as preoccupações antipathicas dos dois povos que cordialmente se detestam, e que a rivalidade, a guerra e as reciprocas injurias tem envenenado e mantido durante seculos? Não diremos que em grande parte não se explique assim o phenomeno que nos occupa, mas estudando com alguma attenção, talvez se ache a origem da impopularidade, na Inglaterra, das princezas de França, nas maneiras petulantes e turbulentas tão proprias do ultimo paiz e que são tão antipathicas ao temperamento britannico. Com isto não

pretendemos dizer que os inglezes tenham um fundo de moderação superior ao francez, todos os homens na essencia de suas paixões, de suas fraquezas e de seus crimes se parecem uns com os outros e por isso todas as historias infelizmente tanto se assemelham umas ás outras. O que ha de certo é que fazendo os inglezes e os francezes a mesma cousa, boa ou má, estes procedem de modo vehemente e arrebatado, emquanto aquelles procedem sempre, com fria e methodica regularidade. A questão é de fórma, puramente de fórma.

Eduardo IV uma vez bem firmado no throno, que ninguem mais lhe disputava, não teve mais que fazer senão deixar-se ir seguindo, placidamente o rio da vida. Entregue a todos os excessos da molleza, da folgança e da libertinagem acabou o usurpador a vida e deixando ao morrer dous filhos menores, sob a tutela de seu irmão Ricardo, duque de Gloucester, Shakespeare e seus imitadores ; mas menos felizes, tem tornado popular o tragico fim dos filhos de Eduardo. Começou o ramo de Lancaster dilacerando o tronco regio de que procedia. Eduardo de York, desembainhou a espada contra um rei de sua propria familia, assassinou o pae e assassinou o filho, derramando assim duas vezes o sangue de seu avô Eduardo III ; os filhos de Eduardo IV, foram afogados pelas proprias mãos de Ricardo III. Assim os homens obedecendo ás suas proprias paixões, executam sem sabel-o, ainda que livremente, os decretos de Deus e são algumas vezes como o disse *Maistre* culpados instrumentos de castigos justos.



HELOISA

Seria impossivel fallar de Heloisa, sem contar a historia de Abelardo, tão estreitamente os enlaçou durante toda a vida, o vinculo de um indestructivel affecto que nem a morte logrou separal-os. E' assim que ainda hoje vemos as effigieis de ambos, reclinadas sobre o sepulchro, uma ao lado da outra, no cemiterio de Pariz, chamado *Père Lachaise*. Qual delles elevou o outro em sua gloria, é um problema até hoje ainda não resolvido, uns tem feito de Abelardo um genio universal e sobre-humano, apresentando-o como grammatico, theologo, mathematico, astronomo e jurisconsulto eminente, emfim, como o primeiro dos oradores, dos philosophos, dos poetas e dos musicos do seu tempo, como si em sua pessoa se houvessem reunido e amalgamado os genios de Cicero e de Antonio, de Petrarca e de Schubert, finalmente como o principe dos homens, por sua eloquencia, como idolo das mulheres por sua belleza

Outros, pelo contrario, e não sem visos de razão, não veem em Abelardo, mais que um alambicado sophista, subtil argumentador, mediano poeta, orador sem inspiração, erudito superficial e theologo de contrabando, e que si não fôra o terno amor e eminentes dotes de Heloisa, a quem deve todo o brilho de sua vida, seria hoje, como muitos outros de seus contemporaneos, completamente desconhecido do mundo. A verdade é que a singular formosura de Heloisa, seu vasto engenho, e o largo conhecimento que tinha das linguas grega, hebraica e latina e até a nobresa dos Montmorency, de cuja linhagem descendia reflectindo sob o feliz mortal que merecera a sua preferencia, fizeram d'elle um personagem celebre.

Nasceu Pedro Abelardo, no anno de 1079, em um lugar proximo de Nantes, de Berenguer e Lucia, ambos de illustres familias d'aquella terra e igualmente muito piedosos, pois logo que completaram a educação e estabelecimento de seus filhos, recolheram-se cada qual a um convento, e ahi terminaram religiosamente a vida. Litterato em sua mocidade e soldado na idade madura, Berenguer, dirigio de igual modo a educação de seus filhes, esmerando-se com Abelardo, seu primogenito e predilecto. Preparava-se, pois, o mancebo, ao mesmo tempo no exercicio das armas e no estudo das humanidades, fazendo nelles rapidos progressos que modestamente attribuia a natural vivacidade e agudeza do engenho bretão — e de tal modo a sciencia o captivou, que, como elle proprio escreve: «quanto mais sensiveis eram os seus adiantamentos, tanto mais se applicava ao estudo, até que delles completamente apaixonado, cedendo a seus irmãos a gloria das armas e o seu direito de primogenitura, sacrificou Marte á Minerva »

Cheio pois de illusões litterarias, abandonou Abelardo o seu paiz natal, com a idade de dezeseis

annos e começou a percorrer o mundo, detendo-se apenas quando encontrava dialecticos argumentadores, para travar com elles ardentes lutas de silogismos e dissertações a que deveram as aulas da idade média sua animação e celebridade. Seja dito em honra da verdade, Abelardo, mais de uma vez assombrou o seu auditorio, pelo brilhante vigor de seu facil engenho, porque na realidade seu talento era flexivel e persuasivo e muito inclinado a contradições e subtilezas.

Ao cabo de cinco annos de philosophicas peregrinações e aventuras litterarias, o nosso scientista perabulante se apresentou em Pariz, já então, um dos centros intellectuaes do mundo. De todas as partes da Europa, já a mocidade accudia a capital da França, em busca de uma instrucção que abrangia todos os ramos dos conhecimentos humanos e as bellas artes assignaladamente, e entre os professores que mais se distinguiram n'aquelle scenario scientifico, salientava-se Guilherme de Champeaux, cujas lições Abelardo, acompanhou durante algum tempo. Não foi, porém, longo o tempo que o mestre teve para orgulhar-se de seu discipulo, muito ao contrario, bem depressa o audaz bretão declarou-se rival e antagonista do até então universalmente venerado professor. « Tratei, escreve Abelardo, de refutar algumas de suas asserções, arguindo-o ás vezes de modo que a minha superioridade se tornava evidente, e esse meu proceder magoando a muitos de seus melhores discipulos, que não podiam supportar o triumpho de um mancebo como eu, foi a origem de todos os meus infortunios. A inveja ia crescendo e envenenando-se contra mim á medida que a minha fama fazia-se notoria. »

Por sua vez elevado ao magisterio, Abelardo, estabeleceu a sua primeira escola na cidade de Meun,

que a Côrte costumava visitar com frequencia, e ahi o exito de suas lições foi tal, que os antigos professores em breve se viram eclypsados pelo novo—mas nem assim se deu por satisfeita a ambição do altivo joven, que aspirava nada menos do que dominar em Pariz. Alli no entanto Guilherme de Champeaux, tinha quando nada a vantagem da posição e da antiguidade e por isso o nosso heróe teve de limitar-se a se approximar da Capital, estabelecendo-se em Corbeil a umas seis leguas de Pariz. Sua saude abalada no fim de algum tempo, pelo excesso de trabalho mental, forçou-o a retirar-se para a Bretanha, buscando retemperar-se no seio de sua terra natal, mas poucos annos depois reapareceu em scena animado de novo vigor, mais ardente do que nunca, e como sempre cada vez mais encarniçado contra Guilherme a quem segundo disse obrigou a retratar-se em mais de um ponto importante. Como quer que fosse o que é certo é que colhidos novos louros em Melun, trasladou-se por fim para Pariz, estabelecendo a sua escola no Monte de Santa Genoveva.

Era Abelardo, segundo affirma um dos seus contemporaneos, um verdadeiro Ismael, contra todos a sua dextra estava armada e em represalia contra elle tambem estavam as de todos. Escriutores desapaixonados nos referem algumas de suas derrotas, entre as quaes merece mencionar-se a que lhe infligio um certo escolar chamado Goovin, cuja logica concisa e indestructivel, reduzio ao silencio a facundia de Abelardo, que apenas conseguiu responder-lhe balbuciando. Satisfeito comsigo mesmo e com seus triumphos em dialectica, Abelardo, resolveu-se então applicar-se ao estudo da theologia, e com effeito trasladou-se para Lion, afin de ouvir as lições do professor Anselmo, celebre então como professor das divinas lettras. Porém com que fatuidade e presumpção

nos falla o discipulo d'aquelle seu novo mestre. Ouçamol-o: « Encontrei-me, disse em resumo, com um velho que deve sua fama não ao genio, mas apenas á experiencia. Quem em suas duvidas o consulta, com a resposta, fica ainda mais duvidoso. Sua linguagem é maravilhosa, porém, carece de sentido e de razão. A chamma que agita, em vez de illuminar, confunde com o fumo que despede, é uma arvore revestida de profusa folhagem, que encanta a vista de longe, mas que de perto se percebe que não tem fructo, para mim é a figueira esteril que o Senhor amaldiçoou. »

Como se comprehende, nem tal mestre podia deixar de ser vencido por tão altivo discipulo, nem era tão pouco possivel que elle deixasse de vingar-se, perseguindo-o.

Abelardo, regressou a Pariz, carregado de laureis e mais do que nunca apaixonado pelas discussões publicas e pelas lutas oraes. Finalmente, obteve a cadeira chamada do «Claustro de Nossa Senhora» (na Cathedral) e teve a satisfação de ver que até do fundo da Allemanha accudiam escolares a ouvil-o e a admirar-o. Tinha 38 annos e achava-se em plena pujança de sua idade e de seu talento. Suas maneiras eram affaveis, sua voz suave, facil e animada, reunia emfim todos os dotes precisos para fascinar a juventude.

Estava no apogeu de seus triumphos quando travou relações com Heloisa. Deixemos a elle mesmo o referir-nos o dramatico episodio de sua vida: « Havia em Pariz uma joven chamada Heloisa, sobrinha do conego Fulberto, o qual estimando-a ternamente, cuidou de sua educação com afincado esmero. Não das ultimas nos encantos pessoas, era Heloisa das primeiras na cultura do espirito e porque o estudo de humanidades é raro em seu sexo, ella se distinguira notavelmente pelo seu saber e alcançára grande

celebridade no reino. Tudo quanto pôde captivar a imaginação de um homem, se me offereceu reunido n'aquella joven, de cujo coração a mim mesmo prometti a posse, porque além de estar eu em pleno vigor de minha mocidade e varonil belleza, era tal a minha nomeada que não podia temer um desaire de qualquer mulher, na qual me dignasse de pensar. Com relação a Heloisa, além do mais, militavam a meu favor, de um lado sua afeição às bellas lettras, assim como sua vasta instrucção, e de outro a correspondencia já entre nós entabolada, e na qual ousei explicar-me, muito mais terminantemente do que ousaria fazel-o de viva voz. Abandonando-me completamente á paixão, occupei-me desde então em buscar meios de ver Heloisa familiar e frequentemente e o consegui excitando, no conego Fulberto, o desejo de completar a educação de sua sobrinha. O conego vivia na visinhança de minha escola, mandei propor-lhe, por intermedio de alguns amigos communs, que me recebesse em sua casa como hospede, por qualquer preço, pretextando não poder occupar-me de cousas domesticas, e sendo forçado a excessivas despesas. Vencido pelas minhas razões prestou-se o conego a meus desejos e confiou-me a direcção dos estudos de Heloisa, a quem me fazia dar lições de dia e de noite, pedindo-me sempre que estimulasse o seu enthusiasmo pelos estudos.

« Confesso que não me surprehenderia tanto tamanha candidez do conego si não houvessem dito que a sanguinario lobo elle havia confiado a guarda do innocente cordeiro. Confiando-me aquella encantadora joven para instruil-a e corrigil-a quando necessario, que mais faltava para pôr-me nas mãos a cob cada presa? Porém Fulberto estava tranquillo, já pelo grande amor que tinha á sua sobrinha, já pela confiança que inpirou-lhe a minha reputação de homem virtuoso, »

Heloisa que então contava apenas 18 annos, sendo dotada de uma imaginação viva, de um espirito ardente e curioso e de um coração capaz aos perseverantes e desinteressados affectos, facilmente deixou-se fascinar por Abelardo, e cedendo ao magico ascendente que elle exercia sobre ella, chegou, por assim dizer-se, a não pertencer a si propria, chegou, segundo declara em suas cartas, a tal estado, que seria até capaz de mudar de sentimentos, como quem muda de vestidos. Amando-o exclusivamente, considerando-o como um Deus, Heloisa, estava sempre disposta a tudo sacrificar-lhe, sua felicidade como sua reputação, seu bem estar, como a sua propria vida; mas Abelardo incapaz de comprehender a sublime abnegação d'aquella mulher ao mesmo tempo superior e fragil, simultaneamente heroica e delicada, em vez de participar dos generosos sentimentos de tão nobre coração não soube ou não quiz elevar-se da prosaica esphera do sensualismo, á poetica região de uma amizade platonica. Assim, mais tarde, Heloisa mesmo, lhe atira á face, o indigno de seu procedimento, quando escrevendo-lhe, diz: « Não buscas ter mais que a satisfação dos sentidos, o amor não conseguiu captivar-vos, e essa não é só a minha opinião particular, mas sim a opinião de todos e prouvera a Deus que só eu assim pensasse, porque ao menos poderia imaginar circumstancias capazes de desculpar e até de cohonestar o meu abandono. »

Com tudo isso e apezar do egoismo de que tão claramente o accusa, Heloisa não conseguiu resistir á tentação continua, de frequente e familiar trato, com um homem illustre; por seu lado, Abelardo lutava até certo ponto com a sua paixão, já por vergonha de parecer vencido por feminis encantos, já por temer perder a sua fama de virtuoso, e até por comprehender que de alguma forma comprometteria o seu brilhante

futuro. Mas quem ouve a voz da razão, quando tão alto fazem ouvir as suas, os sentidos? Eu estava por tal fórma rendido à minha paixão, disse Abelardo, que já não fazia caso da philosophia, nem mesmo de meus estudos, nada me era mais odioso do que reger a minha cadeira e ahi demorar-me; minha negligencia, minha enervação eram taes, que não achando já meio de improvisar, tinha que valer-me da memoria, e repetir lições passadas, de meus ouvintes já conhecidas; si alguma cousa me occorria eram ternas endechas e nunca conceitos philosophicos. » A verdade é que as poesias a que Abelardo allude, ricas de ternura e de gracioso estylo, e além disso cantadas em rithmo harmonioso e suave, popularisaram-se depressa em França, tornando famosos os encantos de Heloisa.

Os ouvintes de Abelardo, não tinham necessidade de sua confissão, para estarem a par da tempestade desencandeada em seu coração, e bastando-lhes para isso comparar o professor eminente, que pouco tempo antes os tinha como que preso aos pés de sua cathedra, com o triste mortal que ahi viam, pela paixão, despojado de sua eloquencia e de seu engenho. Tal metarmophose desesperava os amigos de Abelardo, porém a seus discipulos, gente, como quasi toda a estudantada, mais inclinada á troça do que a misericórdia pelas fraquezas do proximo, inspirou-lhe a decadencia do mestre, uma caudal de canções cruelmente satyricas, que repetidas logo após pela cidade inteira, chegaram a final aos ouvidos do conego a fulminante nova da deshonna de sua sob inha e do indigno abuso de confiança de seu hospede. A paternal ternura com que amava Heloisa, a fama de virtude de que Abelardo gozava, por mui o tempo cegaram a Fulberto, e por tal modo o cegavam, que a voz publica, só mui difficilmente conseguiu fazel-o abrir os olhos. Abri-os por fim, e moderado apezar de sua

intensa dôr e de sua justa ira, limitou-se no primeiro momento, a expellir de sua casa, o seductor que cobardemente o havia deshonrado. Moderação inutil, remedio já intempestivo. Heloisa não podia separar-se de seu mestre, a quem de outro modo chamava já... Abelardo teve que fazel-a partir secretamente para a Bretanha e a infeliz e formosa moça ahi permanecer por alguns mezes.

« Qual foi então o furor, o pezar e a vergonha de Fulberto, é impossivel imaginar-se. Não sabia o que fazer-me. Matar-me ou maltratar-me gravemente não o ousava, por temer ferir o coração de sua amada sobrinha. Apoderar-se de mim e encerrar-me em algum carcere, bem o quizera, mas não o conseguira porque eu me guardava, sabendo que uma vez nas mãos d'elle, não deveria esperar a minima misericordia. Por fim eu commovido já pelo compaixão de suas angustias, já por lembrar-me da indigna traição que havia commettido, fui procural-o com supplicas de arrependimento e promessa de dar-lhe a reparação que exigir quizesse, chegando, para completamente desarmal-o, até a offerecer-me para casar com Heloisa, concordando Fulberto com isso, separamo-nos, abraçando-nos em signal de reconciliação. »

Partio então Abelardo para a Bretanha em busca de Heloisa e com a resolução de a ella se unir, mas a apaixonada joven repellio-o, tanto por presumir que tão tardia reparação não seria sufficiente para satisfazer a seu tio, quanto por vêr n'aquelle matrimonio a sua propria humilhação. Vae, dizia ella, eclipsar nos vulgares afans da vida domestica, o brilho de seu elevado engenho, hoje que já é um luminar do seculo e da igreja. Vae, com deploravel sacrificio, affastar-se de todos para entregar-se a mim. Não! um philosopho não deve casar-se! o que ha de commum entre o estudo e o touçador, entre a penna e o fuso?

Como poderá o homem mergulhado em religiões e philosophicas meditações supportar o vae-vem da «cunha», o tumulto indiscreto dos criados e os enfadonhos cuidados que os filhos requerem. Até do muito que Xantipa fez Socrates soffrer, valeu-se Heloisa para dissuadir Abelardo de seu proposito, mas obstinando-se elle, teve ella de ceder, muito a seu pezar.

«Volvamos, pois a Pariz, prosegue Abelardo, e em poucos dias, depois de uma noite inteira de oração na igreja, recebamos nella, ao romper da aurora, a bençã nupcial, em presença de Fulberto e de alguns seus e meus. Terminada a cerimonia retiremo-nos cada um para seu lado, e d'ahi por diante para que o nosso matrimonio permaneça em segredo, nos veremos poucas vezes e isso secretamente. Mas Fulberto e seus criados quebrando a promessa que me fizeram, divulgaram meu casamento, o que deu occasião a que Heloisa, sacrificando a sua reputação ao meu futuro e querendo deixar-me livre o caminho às dignidades ecclesiasticas, jurasse que era falso quanto dizia seu tio. Irritado este com aquella generosa impostura, que deshonorava seu nome, começou a tratar severamente á sua sobrinha e eu então informado disso a conduzi a Argenteuil, nas visinhanças de Pariz, e fil-a entrar no mosteiro das religiosas, em que havia passado os seus primeiros annos. Eu mesmo lhe dei todo o «habito» menos o véo.»

Assim desapareceu Heloisa do seculo, em obediencia não a vocação divina, senão á vontade egoista de Abelardo, então como sempre, unico objectivo de sua ternura e de seus pensamentos.

De prompto uma tragica peripecia fez sentir a Abelardo que com o retiro de Heloisa, não havia feito mais do que envenenar e augmentar o odio de seus inimigos. Uma noite aberta a sua porta por um

servilior mercenario, nella se introduzem alguns parentes de Fulberto, que a principio o escarneceram e logo após depois de violentos insultos, applicam-lhe os mais ferozes e degradantes açoites; a humilhação, disse a victima, me era infinitamente mais dolorosa do que as feridas. Como larga e dolorosamente iam resoar aquelles golpes no coração de meus amigos! Como iam ser ruidosos os applausos de meus rivales! Com que rapidez se espalharia pelo mundo a noticia da minha degradação! Como sahir de casa e apresentar-me em publico, ser alvo dos olhares impertinentes, ser com o dedo apontado como objecto de injuriosa piedade? A vergonha e a dôr, eu o confesso, mais que a devoção fervorosa, me arrojarem á solidão do claustro, e assim vestimos ambos o habito religioso, eu na abbadia de S. Dionysio, ella em Argenteuil. »

Ella... como muitos a advertissem do jugo insupportavel da vida monastica, por entre lagrimas e soluços, respondia-lhe repetindo as eloquentes phrases com que Cornelia deplorava a morte do grande Pompeu: « Oh! meu illustre esposo, oh! meu nobre esposo de quem eu não era digna, meu destino pesa sobre o teu, porque infeliz que sou te arrasto em minha ruina? Aceita ao menos minha voluntaria expiação. »

Heloisa devorava em silencio as suas penas, procurando sem estrepito accommodar-se ás regras de sua nova existencia. Abelardo, porém, levou para o claustro, com seu character irascivel, todos os desgostos que haviam amargurado a sua vida de secular. Sempre altaneiro, como havia sido nas aulas, mostrou-se entre os religiosos de S. Dionysio. Por fortuna da communidade, os antigos discipulos de Abelardo apresentaram-se no mosteiro, rogando-lhe que voltasse a exercer o professorado, e o abbade

aproveitando a occasião, mandou que elle fosse estabelecer sua cathedra no visinho priorato de «Deuil», dependente de S. Dionysio. Brillhantes foram os primeiros passos de Abelardo em Deuil, pois a magia de sua palavra e a novidade de suas doutrinas theologicas, trouxeram-lhe tão grande numero de ouvintes, que não havia onde alojar o povo que concorria. Mas a natural insolencia de seu espirito, pouco tardou em suscitar-lhe poderosos inimigos, que aproveitando habilmente, o facto de haver Abelardo publicado um livro sobre as mais altas questões de theologia, denunciaram-n'o por heterodoxo ante um concilio, congregado em Soissons, obrigando-o a vir defender-se inutilmente e a ouvir ser sentenciado, a queimar com suas proprias mãos a obra condemnada, e a entrar finalmente, como recluso, no mosteiro de S. Medardo. A raiva e o desespero que me acabrunhavam, eu os senti, mas não posso explical-os. Comparado o que «corporalmente» havia padecido, com o que então minh'alma soffria, julguei-me o mais desditoso dos homens e a traição de Fulberto, pareceu-me até insignificante comparada com o meu novo supplicio. »

Compadecido o Papa de seus infortunios, mandou libertal-o e restituil-o á sua abbadia de São Dionysio. Ahi novas controversias levantaram contra elle toda a commuidade, e sabendo elle que ia ser severamente castigado fugio do convento indo refugiar-se, como elle nos diz em «certa soledade do bispado de Troyes que desde muito conhecia. »

Quinze annos consumio Abelardo em lutas ácerca de theologia e de sciencias, encontrando-se no fim delles não com o que buscava, mas apenas com a desventurada Heloisa. Durante tão largo periodo, não sei si se viram ou não e se ao menos se corresponderam, e a sua reunião foi mero effeito do acaso.

Sugério, abbade de S. Dionysio, fazendo valer antigos direitos, apoderou-se do convento de Argenteuil, e e declarando-o dependente de sua abbadia, expellio delle as religiosas que o occupavam e entre as quaes, se achava a infeliz Heloisa. Vio-se ella por consequencia lançada violentamente ao mundo, onde já nenhum protector, e nenhum asylo tinha. Mas Abelardo assim que lhe chegaram tão desastrosas novas, deixou seu mosteiro da Bretanha e dirigio-se para o lado de sua esposa «irmã em Christo» como a chamava e pondo a sua disposição o Paraclete, pequeno convento que edificara com seus discipulos, quando havia fugido de S. Dionysio, installou-a pessoalmente, ahí, com outras religiosas suas companheiras. Pobremmente viveu a nova communitade, n'aquelle claustro, durante um anno, mas a paciencia, as virtudes e o talento de Heloisa, fizeram prosperar o convento. «Deus, disse Abelardo, fez minha irmã tão agradavel aos olhos de todos, que os bispos a querem como filha, as superiores dos mosteiros como irmã querida, as pessoas do seculo, como mãe, admirando todos a sua prudencia, a sua piedade e a sua doçura.» Frequentemente ella se retirava a mais severa solidão, para entregar-se à meditação e á prece, porém quanto mais anhelavam todos ser admittidos á sua presença e escutar os seus conselhos.

Abelardo conduzio Heloisa a um porto seguro, levando-a para Paraclete, o que não conseguiu foi pôr-se elle mesmo ao abrigo dos ventos; julgaram uns severamente suas relações com a que foi sua esposa, outros só ouvindo a propria malicia, com sarcasmo diziam que o fogo renascia de suas cinzas, amargo destino aquelle! Como elle mesmo o disse, repellindo colerico taes calumnias, não sabia nem de quem fiar-se, nem o que fazer para fugir á especie de maldição que o perseguia, reduzindo-o á misera con-

dição de Caim, sempre errante e fugitivo, sempre acossado por internas angustias, que não bastavam para preservá-los dos tiros de seus inimigos.

De todos os seus padecimentos nos dá conta Abelardo, em uma longa e desolada epistola, epistola que chegando casualmente ás mãos de Heloisa, commoveu profundamente aquella alma sempre amante e arrancou de seu desolado coração os eloquentes accentos que vou reproduzir :

« A seu senhor, ou antes a seu pae, a seu esposo ou ainda melhor, a seu irmão, esta sua serva, melhor dito sua filha, sua esposa, sua irmã, ao seu Abelardo, Heloisa :

« Não ha muito casualmente chegou ás minhas mãos a carta, em que a um amigo, referis as nossas desgraças Assim, que pelo subscripto vi que era vossa puz-me a lê-la com aquelle ardor natural, em quem tão ternamente ama o autor. Ai, de mim, como rescende de dôres e amarguras, meu muito amor, essa carta em que narraes a historia de vossa conversão e de vossas intoleraveis desditas. Não é possível ouvir ler a narração de tantos infortunios, sem proromper em pranto ! Vossas phrases abriram de novo, minhas antigas chagas, precisamente porque retratam fielmente o nosso passado, porém o que mais augmenta o nosso soffrer é o que dizeis dos perigos que nos ameaçam, porque nossos corações estremecem de continuo, imaginando que a cada instante podemos receber a noticia de vossa morte. Em nome de Jesus-Christo, cuja divina protecção vos ampara, vos rogamos encarecidamente que não deixeis de informar-nos, a nós outras, que somos suas humildes servas, e tambem vossas, de vossa sorte nos embates que soffreis na vida, para que tambem compartilhemos de vossas dôres, porque os nossos soffrimentos são um pouco minorados quando o sabemos compartilhados. »

Heloisa pede em seguida ao seu Abelardo, que a não esqueça, dizendo: «Vosso olvido depois de vossa conversão, me assombrou dolorosamente quando vi que no meio de minhas angustias e padecimentos, nem o amor de Deus, nem o meu amor, vos moviam a consolar-me, presente com a vossa palavra, ausente com as vossas cartas. Obrigado estaveis a fazel-o, especialmente commigo, por isso que nos liga o vinculo do matrimonio e vossa culpa se agrava desde que é publico e notorio que sempre vos amei com amor desmedido. Por isso mesmo, caro amigo, que a minha dor é grande, grande tambem deve ser o remedio, e esse só de vós, de vós sómente eu ainda ousou esperar. Vós sois o unico ser que pôde entristecer-me, alegrar-me ou consolar-me, e certo não o podeis duvidar, quando bem sabeis que sempre cegamente cumpri a vossa vontade, tendo renunciado a mim mesmo, porque assim me ordenastes. Por vossa vontade e ordem, mudei de habitos e de coração, fazendo ver que tudo em mim é vosso. Deus é testemunha de que em vós, eu só tenho procurado vós mesmo. Não ambiciono, nem honras, nem dotes de matrimonio, ainda que o nome de esposa seja o mais santo e o mais forte, qualquer outro me seria grato, por isso que quando mais me humilhasse, tanto mais digna me faria de vossa ternura, e tanto menos embaraçaria os vãos de vosso glorioso engenho. Deus sabe tambem que quando mesmo um poderoso imperador, senhor do mundo inteiro, me chamasse a ser sua companheira, e me elevasse ao pinaculo das grandezas humanas, ainda assim, o titulo de vossa escrava, pareceria a mim, mais doce, mais illustre que o titulo de imperatriz.»

E depois de enumerar com vasta erudição, as prendas que devem de exornar um esposo, Heloisa volve a tratar dos meritos de seu Abelardo, dizendo:

« Que monarcha ou que philosopho pôde igualar a vossa nomeada? Que paiz, que cidade ou que aldeia, não almeja contemplar-vos? Quando em publico vos apresentaes, quem não se apressa em ver-vos? Que donzella, que senhora, ou que rainha, não invejava meu gozo e a minha gloria? Vossa eloquencia e vossos cantos, rendiam todos os corações! Vossas canções enamoradas, voando de labio em labio, tornaram vosso nome familiar, até na bocca dos ignorantes mais rudes, e como me associaveis em vossos canticos, tambem meu nome é repetido nas mais remotas regiões provocando a inveja e o zelo de muitas mulheres, contra aquella que era senhora dos thesouros de vossa alma. »

Aqui, Heloisa, accusa o seu Abelardo, de egoismo e de ingrato esquecimento, dizendo: « Nem uma visita, nem uma carta! » Pede-lhe em seguida que lhe escreva, cousa facil para elle, para ella de proveito e preciosa. « Por Deus a quem vos haveis consagrado, vos conjuro a que me devolvaes a vossa presença emquanto fôr isso possivel, escrevendo-me algumas cartas de consolo afim de que fortificada com a sua leitura, eu possa dedicar-me com mais ardor, ao serviço de Deus. Quando em outro tempo esperaveis de mim profanas delicias, me visitaveis com frequentes epistolas, e vossos versos punham o meu nome nos labios de todos, fazendo-o resoar em todos os lugares e em todas as casas. Como valeria, fazer hoje por Deus e por pie ade, o que então fazicis pelo gozo e pelos prazeres. Termino minha longa carta com esta breve phrase: adeus meu amor «unico».

Unico? Podia Abelardo dizer outro tanto? Temos que confessar o contrario a vista das exprobações que lhe fazia o padre Foulques, prior de Deuil, consolando-o em seus infortunios. Teve Abelardo realmente mais de uma Heloisa? Era o seu coração

egoista e secco, como se poderá deprehender da carta que precede : oh ! bem devemos pensar, e mais valera que assim fosse, que renunciando ás inclinações e affectos, tão duramente, pela desgraça, contrariados, havia elevado o seu coração ao céo, com a resolução de não volver a occupar-se de cousas da terra ? Comó quer que fosse respondeu a Heloisa, philosophica e friamente, mantendo-a a respeitosa distancia de si, e escrevendo mais para a communitade toda do que para ella.

Lamentando-se Heloisa da catastrophe que arrojou Abelardo ao claustro, e do isolamento em que ella se encontrou por isso, diz : « Desgraçada entre as mais desgraçadas, eu sou a summa infelicidade das mulheres. Quanto maior foi a superioridade que sobre todas ellas deve ao vosso amor, tanto mais profunda tem sido a minha ruina no immenso desastre que nos alcançou a ambos. Pela grandeza da elevação se mede a grandeza da queda. »

Finalmente, depois de recordar o passado com um calor de reminiscencia, com uma viveza de imagem mais que sufficiente para commover a Abelardo, accusa se Heloisa de ser mais religiosa pelo «habito» do que pelo coração, e de inspirar, aos que a frequentam, uma estima e confiança, de que na realidade não se julga digna. Não sou, volve outra vez a perguntar, não com effeito a mais desditosa das creaturas, si depois de padecer tanto na terra, não tenho que esperar recompensa alguma no céo ? Por isso recomendo-vos que não deixeis de auxiliar-me com as vossas orações.

Já acalmado pela idade e pelo infortunio, e protegido além disso pela sua indole raciocinadora, senão contra os extravios sensuaes ao menos contra a acção do sentimentalismo, Abelardo respondeu a Heloisa, como sempre, com certa frialdade, procurando muito

embora, attenuar com o balsamo do consolo o ardor das profundas chagas d'aquella alma enamorada. Nossos desgostos vieram por outro lado, occupal-o activamente. Passando já dos cincoenta e sete annos, abrio de novo a sua cathedra na montanha de Santa Genoveva. Como sempre eclypsou então ós seus rivaes, tanto pelas brilhantes qualidades de seu engenho, como pela affluencia de ouvintes. Por essa occasião publicou elle alguns escriptos, cuja doutrina foi qualificada, quando menos, de temeraria pelos homens mais notaveis da época e particularmente por S. Bernardo, em quem se juntavam a sciencia de um doutor, e a eloquencia de um tribuno. Citado a comparecer perante um Concilio convocado para Sens, mas não ousando medir-se, apezar das audazes subtilidades de sua dialectica, com o genio positivo de São Bernardo, recusou o esposo de Heloisa responder cathegoricamente ás perguntas e sahio da assembléa, declarando que appellava de suas resoluções para o Papa.

Não obstante, o Concilio de Sens, condemnou Abelardo, e em nome desse concilio o santo abbade de Clairveaux, escreveu para Roma, impetrando do pontifice a confirmação da sentença. Com effeito o Santo Padre confirmou-a com tanta presteza, que Abelardo que estava em Lyão, quando lhe chegou aos ouvidos aquella tão funesta quão inesperada nova, não sabendo o que fazer, nem a quem dirigir-se, correu a pedir amparo, a um seu antigo amigo, o abbade de Cluny, Pedro o veneravel, que não só lhe deu o asylo solicitado, como em seu favor escreveu ao Papa Innocencio II, a seguinte carta: « O illustre Dr. Pedro Abelardo, a quem presumo que Vossa Santidade conhece, ha pouco chegado a Cluny, procedente da França, por mim interrogado para onde se derigia, respondeu-me que odiosamente perseguido

por homens que o accusam de heresia, appellava delles para a Sé Apostolica a cuja protecção se acolhia, confiando na justiça que Vossa Santidade nunca deixa de dispensar até aos mais humildes. Durante a permanencia de meu hospede n'esta abbadia, teve elle occasião de encontrar-se com o Sr. abbade de Cister e com elle conferenciando largamente sobre os meios de restabelecer-se a paz entre Abelardo e o abbade de Clairveaux. Em minha sollicitude para conseguir a reconciliação, aconselhei a meu hospede que conferenciasse com o seu rival, e que se em seus discursos ou escriptos lhe tivesse escapado alguma proposição orthodoxa, não vacillasse em retratar-se. Abelardo accedendo aos meus conselhos, e graças á intervenção do abbade Cisterciense, assim o fez, a discussão cessou e a paz está firmada. Por meu conselho ainda, ou antes por inspiração do Altissimo, Abelardo dizendo adeus ás controversias philosophicas e ás lutas escolasticas, escolheu esta vossa casa de Cluny, para o seu perpetuo asylo.

« Agora persuadido eu de que realmente este é o asylo que convém á sua idade, a seus achaques e á sua piedade, e tambem de que a sua sciencia que vos não é desconhecida, pôde ser util á grande multidão de nossos religiosos, accedi a seus desejos, suppondo que a vossa bondade se dignará de approvar essa minha resolução. Em minha humildade cuso pedir-vos que autoriseis que Abelardo possa passar em Cluny, os seus ultimos dias. Tomae-o Santo Padre sob a vossa protecção apostolica, escutando a voz de vossos sentimentos benevolos para todos os homens virtuosos e tambem a lembrança do amor com que em tempo o honrastes. »

A reconciliação se consummou sem novas difficuldades. S. Bernardo, depoz todo o rancor contra Abelardo, desde o instante em que este o tranquilisou

quanto a sua orthodoxia e o Papa por sua vez condescendeu com o que a favor de Abelardo, lhe pedira Pedro o Veneravel. Abelardo passou pois os cinco ultimos annos de sua vida, no mosteiro de Cluny em uma paz tão profunda quanto fôra agitada até então o curso de sua desditosa existencia. O tempo que as suas obrigações lhe deixavam livre, repartia-o entre a oração e o estudo, e as conferencias que de ordem do abbade, tinha com os religiosos, mas não conseguindo o socego presente neutralisar os effeitos das passadas tempestades, e decahindo a sua saude visivelmente mandaram-n'o respirar os ares do p'iorato de S. Marcello, porém aggravando-se a sua enfermidade, expirou por fim no dia 21 de Abril de 1142, aos sessenta e tres annos de idade.

Profundamente afflicta pela perda de seu amado, Heloisa, não obstante não deixou de cumprir com os seus deveres, anciosa por cumprir ao mesmo tempo a vontade do chorado esposo e de honrar a sua memoria, solicitou do abbade de Cluny a trasladação do cadaver de Abelardo para o Paracleto. Pedro o Veneravel, accedendo, misericordioso, á petição, subtrahio nocturnamente, aos religiosos de S. Marcello os restos de Abelardo e enviou-os a Paracleto, remettendo tambem á desolada viuva a seguinte carta : « A minha veneravel e muito amada irmã em Christo, a abbadesa Heloisa, Pedro, humilde abbade de Cluny, saúda. Ao receber as vossas preciosas lettras, as que ultimamente me enviastes, regosijei-me e beijei-as por amor á mão que as havia tracado. Apraz-me agradecer com palavras ao menos, o affecto que me testemunhaes em vossa carta, e me é muito grato assignalar-vos o grande espaço que em meu coração occupa a vossa caridade christã. E não é de hoje este affecto, recordo-me de que vos venero desde muito tempo.

« Era eu apenas um menino quando chegou até

mim a fama não de vossa piedade, mas de vossas inclinações estudiosas e distinctas. Contava-se que uma mulher, contra o costume das de seu sexo, estudava a philosophia, as sciencias e as artes, sem que lograssem affastal-a de tão nobre proposito nem os prazeres, nem as seducções, nem as frivolidades do seculo.

« Quando o universo jaz indolente na mais vil e deploravel ignorancia, quando não encontra a sciencia onde repousar, não só entre as mulheres que a repellem, mas ainda entre as assembléas dos homens, vós haveis sobrepujado em amor aos estudos profittidos a todas as mulheres e até a maior parte dos homens de nossa época.

« Grato me fôra, minha irmã, prolongar com vosco este discurso, porque admiro vossa notoria sabedoria e amo sobre tudo a vossa piedade que tantas boccas proclamam. Prouvera a Deus que Cluny vos possuísse, porém si a Providencia que determina todos os acontecimentos, nos tem recusado esta graça, offereceu-nos compensação ao menos n'aquelle que foi vosso, n'aquelle cujo nome pronunciareis frequentemente, n'aquelle Abelardo, verdadeiro philosopho e servo de Christo, a quem o céo determinou de acabar seus dias em Cluny, cobrindo o nosso mosteiro de gloria. Eu não me recordo de haver conhecido quem o igualasse em humildade e amor á pobreza. Dei-lhe entre os religiosos um posto eminente mas elle se esforçara por parecer o ultimo delles. Lia de continuo, orava com frequencia e não fallava nunca senão nas lições e nas conferencias e na comunidade. Seu espirito, sua voz, seus estudos ensinavam, proclamavam as verdades philosophicas e divinas. Assim recto, evitando o mal, temente a Deus, consagrava ao Senhor os ultimos dias de sua laboriosa existencia. Quando a enfermidade o assaltou e aggra-

vando-se fel-o comprehender que se approximava a a sua ultima hora, com que religião, com que fervor fez primeiro a sua profissão de fé, e logo a confissão de suas culpas. Com que ardente aspiração recebeu o Viatico, com que confiança recommendou elle mesmo seu corpo e sua alma ao Redemptor. Todos os religiosos de S. Marcello, podem attestal-o. E assim morreu aquelle grande mestre, celebre no mundo inteiro, pelo brilho de seu saber e de sua eloquencia.

« Emquanto a vós minha cara e venerada irmã em Deus, que com elle estivestes enlaçada primeiro por vinculos carnaes, e logo depois pelos da caridade, que são mais fortes, porque são melhores do que aquelles, emquanto a vós que com elle, e sob a sua direcção haveis largo tempo servido a Deus, ficae certa de que Deus o guarda em seu seio para vol-o entregar no dia supremo em que o Archanjo fizer soa a pavorosa trombeta. »

Vinte annos depois, depositavam as religiosas de Paraclete os restos de Heloisa ao lado dos de Abelardo e escreviam no registro conventual estas scintillantes palavras: « Anno de 1162 a 16 de Maio : nossa primeira Madre na religião, a abbadessa Heloisa, illustre por sua piedade e por sua sciencia, passou ao Senhor, por effeito de uma morte que sua vida nos permite chamar ditosa. »

Durante cinco seculos permaneceram tranquillamente em seus tumulos as cinzas desses esposos, até que vendido o Paraclete em 1792, como propriedade nacional, comprou-os a villa proxima de Nogent-sur-Seine, de cujo poder passaram logo depois ao museu do Louvre, em sua sala dos monumentos francezes, terminand por fim a sua peregrinação no cemiterio do Père-Lachaise, onde hoje figuram, e são sempre por desconhecidas mas certamente por enamorada mãos constantemente cobertas de odoríferas flores

George Sand

A brilhante romancista, que foi sem duvida, o espirito de mulher mais pujante, que nos tempos modernos se tem conhecido, foi ao mesmo tempo o documento mais completo de quanto é falsa a opinião universalmente acceita, de que não podemos nós competir com os homens em todas as manifestações do pensamento e em todas as energias da vontade.

George Sand, chamava-se Armandina Aurora Duprat, nasceu a 5 de Julho de 1804, no castello de Nohant, perto do Châtre. Affirma-se que descendia de um rei da Polonia. Certo ou não, o que é facto é que as idéas democraticas em cujo regimen vio a luz, insinuaram-lhe no espirito e foram espalhadas em profusão nos seus livros.

Educada em Paris, sob a athmosphera da scintillante capital, vevificou o seu espirito nas fortes concepções do tempo, que depois tanto deviam predominar em todos os seus feitos.

Aos 18 annos, casou-se com o barão Duderant, de quem teve d'is filhos. Incompatibilidades naturaes entre os esposos, fizeram surgir entre elles o divorcio. George Sand, abandonou o lar conjugal e foi para Pariz, onde se fez a inimitavel escriptora que o mundo conhece.

Nesta grande capital, para onde attrahiam-na as aspirações irrequietas do seu espirito, começou a sua faina pela associação litteraria com Sandeau, um estudante de direito com que publicou os primeiros romances «Rosa Branca» e «Indian».

Veio dessa associação e d'uma coincidencia vulgar a formação do seu nome litterario.

Querendo ambos darem á publicidade o primeiro d'aquelles romances, e não convindo mencionar os verdadeiros nomes dos autores, constituíram um unico pseudonymo do seguinte modo: Do santo do dia tiraram o primeiro nome —George— e do appellido de Sandeau o segundo —Sand.

O romance teve enorme successo, e o nome de guerra, que passou pouco depois a pertencer exclusivamente a Armandina, conseguiu impor aos contemporaneos todas as admirações que sempre lhe tributaram.

George Sand, não supportou por muito tempo a associação litteraria que no primeiro momento ligara-a a Sandeau, sem duvida inferior a ella. Separou-se do companheiro e foi então trabalhar só, entregue á sua inspiração.

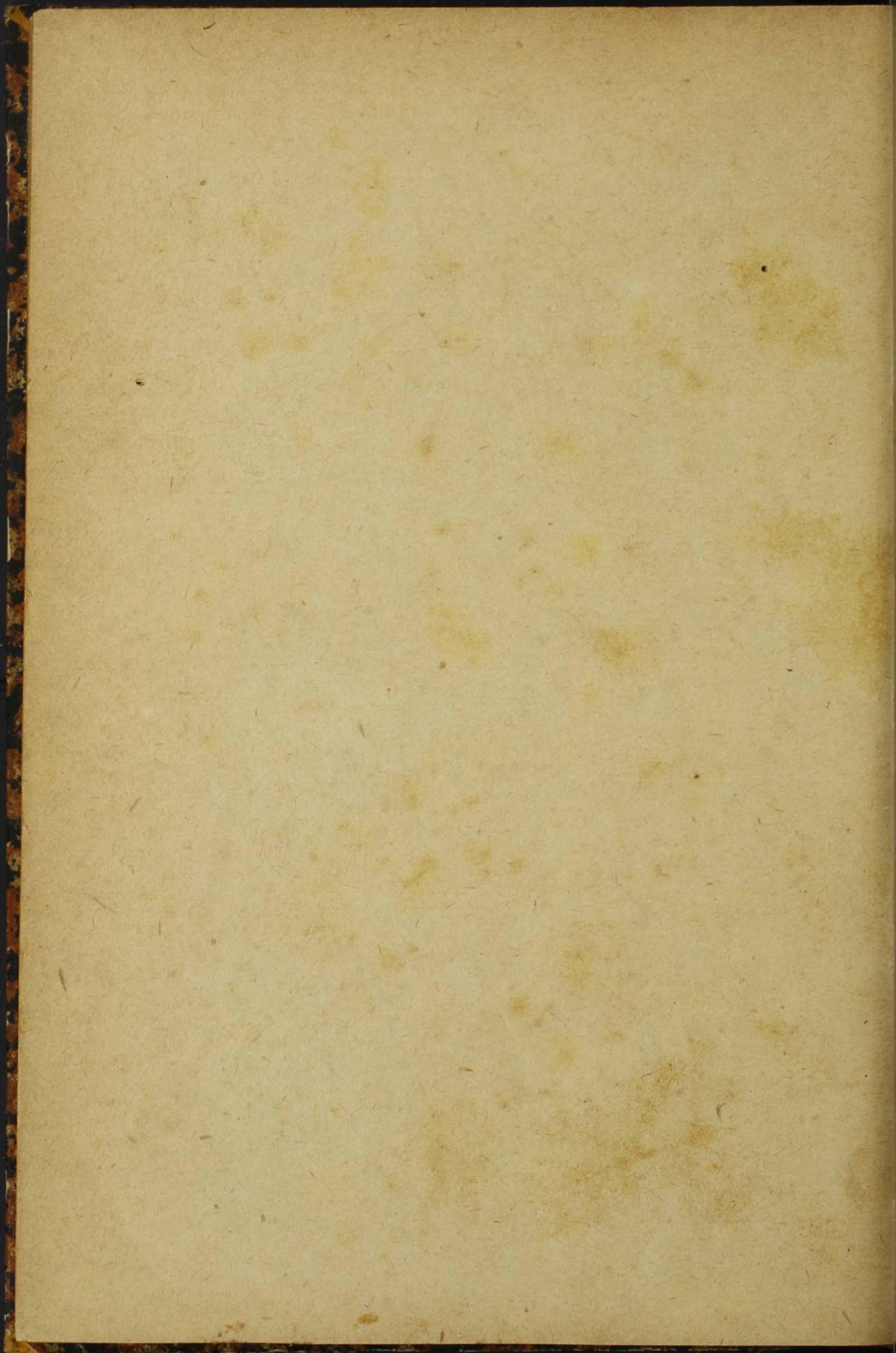
Na sua vida accidentada de escriptora, teve enesejo de conhecer Alfredo Musset, um dos maiores poetas francezes, e inspirar-lhe uma tão profunda paixão, que pôde-se dizer foi a ultima para ambos. Separaram-se, emfim, não sem azedumes, que o mundo litterario conhece.

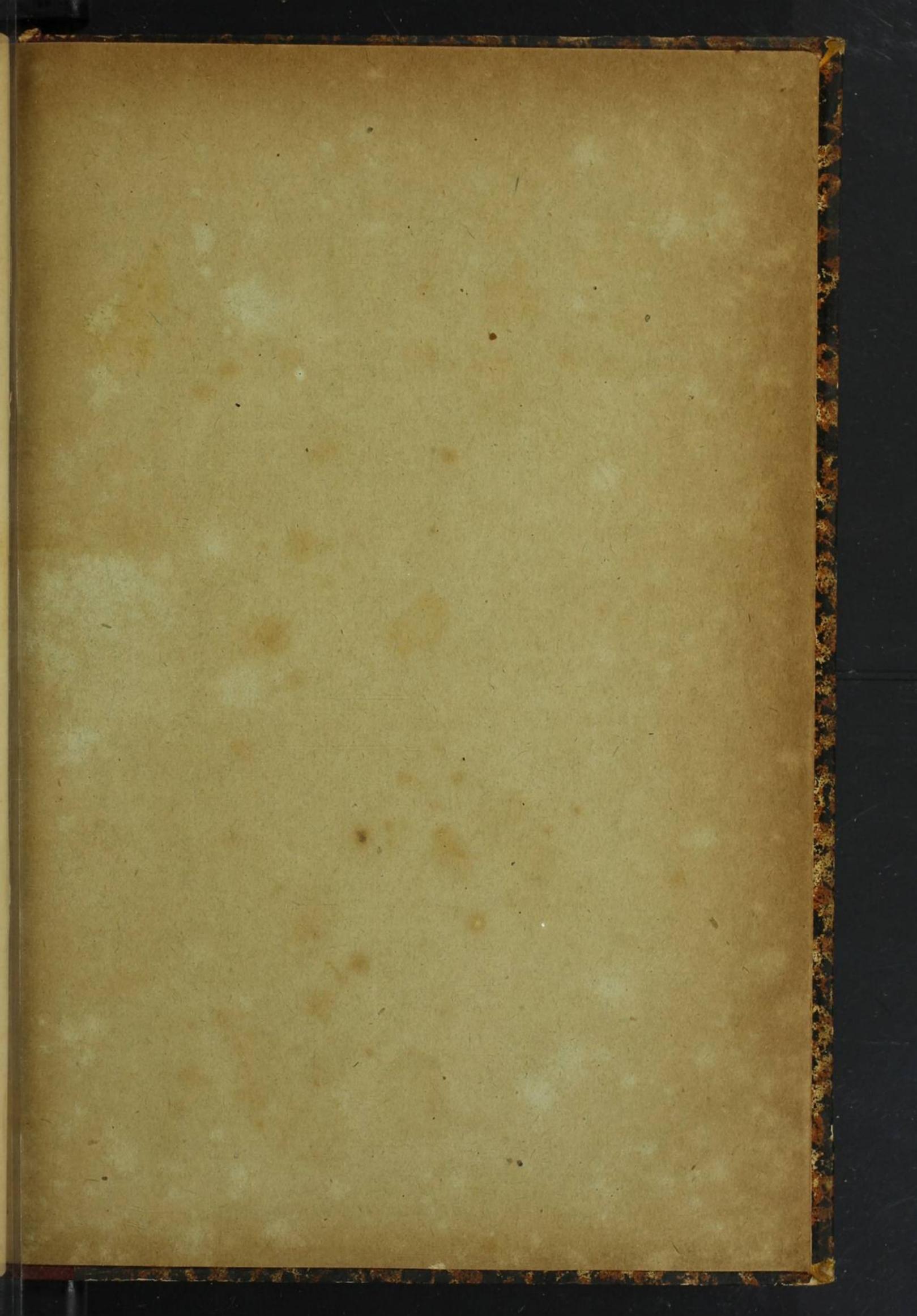
Em 1867, retirou-se para Nohant, tendo dei-

xado após si o largo caminho litterario que devia immortalisar o seu nome ; e ahi, no aconchego do lar, cercada da veneração dos filhos e dos netos, passou o resto da existencia, fallecendo a 8 de Junho de 1876.

De sua immensa obra litteraria, ficaram innumerables volumes para a immortalidade do seu nome e uma admiração tão completa como aquella que resalta da confissão de Hugo, após a morte da escriptora. E foi talvez esse enorme poeta, aquelle de seus contemporaneos, que melhor nos ensinou a conhecer e adorar a extraordinaria escriptora.

 **Fim** 





~~1800~~

80,00

18382

